This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

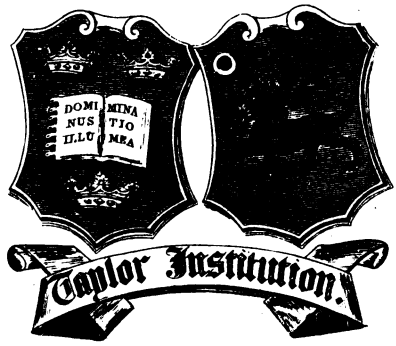
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

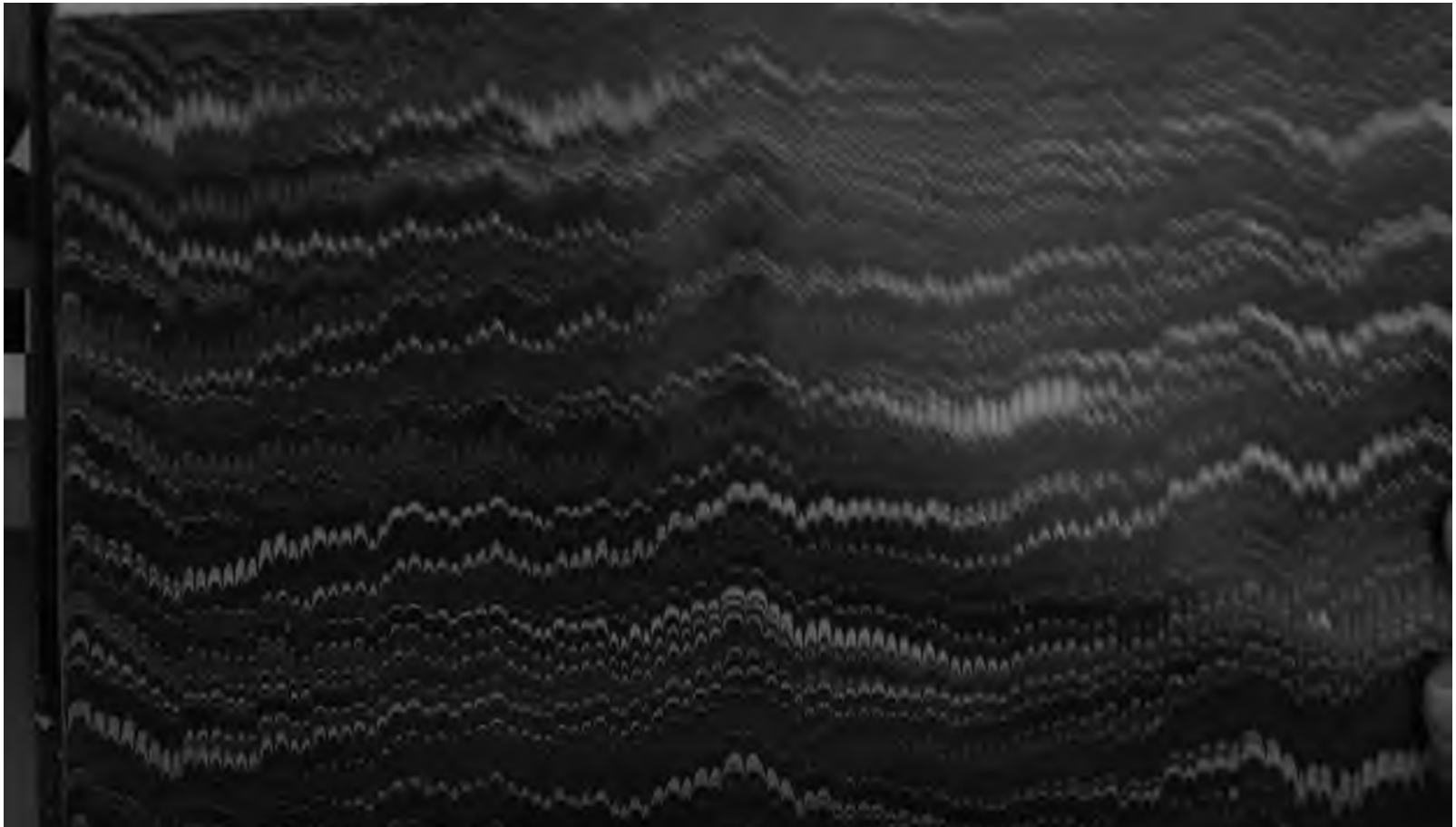
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

106 f 3



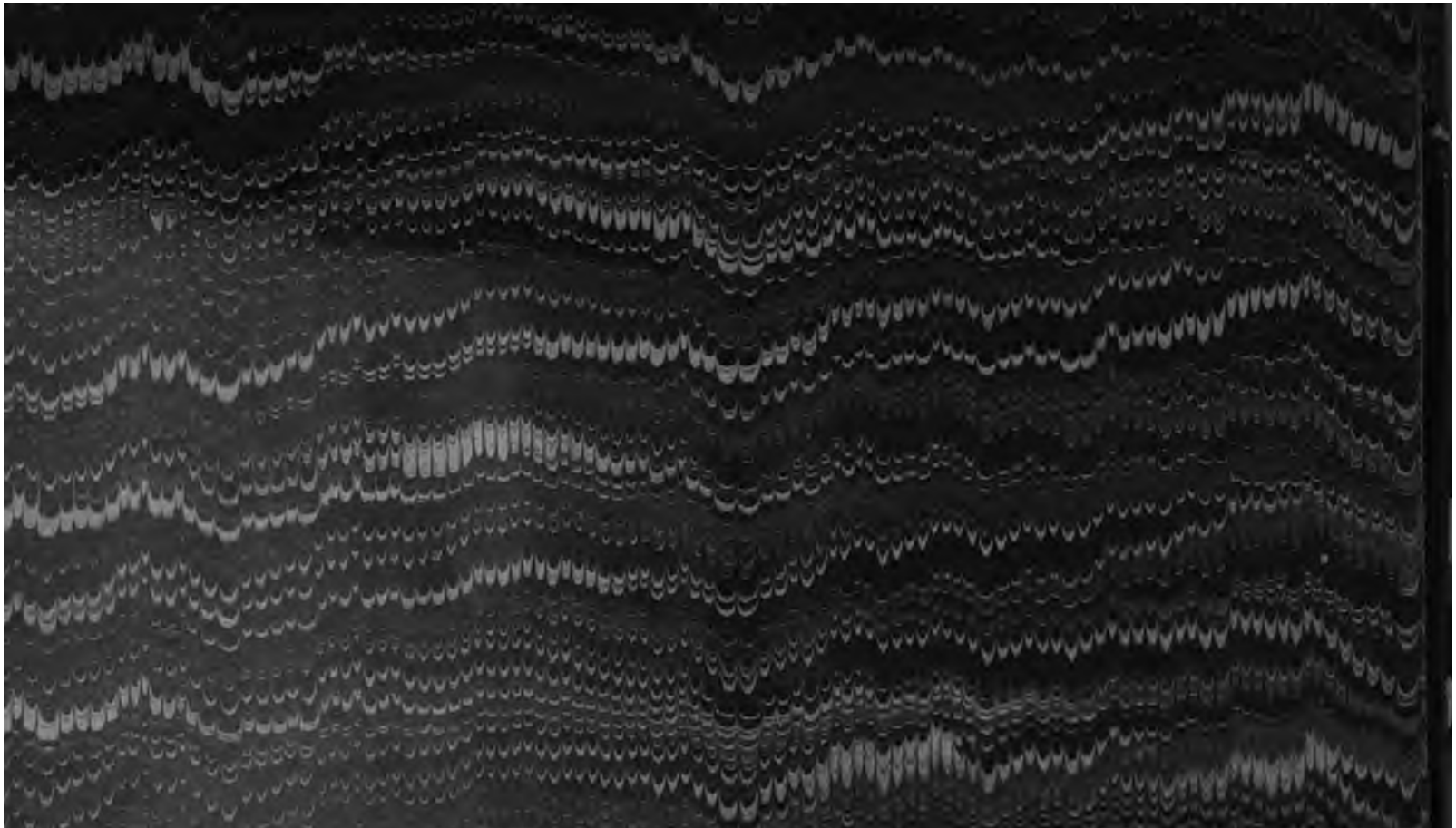


POESIAS

DE

M. M. DE B. DU BOCAGE.

106 f 3



POESIAS

DE

M. M. DE B. DU BOCAGE.

POESIAS

DE

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE,

COLLIGIDAS EM NOVA E COMPLETA EDIÇÃO,
DISPOSTAS E ANNOTADAS

POR

I. F. DA SILVA:

E PRECEDIDAS DE UM ESTUDO BIOGRAPHICO E
LITTERARIO SOBRE O POETA, ESCRIPTO

POR

L. A. REBELLO DA SILVA.

TOMO III.

LISBOA.
EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES,
RUA AUREA N.º 227 E 228.

MDCCCLIII.

TYPOGRAPHIA DE A. J. F. LOPES,
Rua Aurea N.º 67.

EPISTOLAS.

EPISTOLAS.

I.

Elmano a Gertruria.

Pasce l'agna l'erbette, il lupo l'agne,
Ma il crudo Amor di lagrime si pasce.
TASS. Amint.

CÁ do pé das gangeticas ribeiras,
Inimigas da paz, e da alegria,
Cá d'entre serpes, tigres, e palmeiras:
A ti, bella Gertruria, Elmano envia
Seus gemidos ternissimos, e ardentes
Sobre as cinzentas azas da Agonia.
Se o teu fiel character não desmentes,
Se inda em teu coração não teve entrada
A variedade, o vicio dos ausentes;
Se do voto reciproco lembrada
Suspiras por me ver, como suspiro
Por dar-te beijos mil na mão nevada;

Chorando escutarás o que profiro:
Estes queixumes vãos, que entrego aos ares,
Estes inuteis ais, que d'alma tiro.
Do sancto abrigo de meus deuses lares
Pela Sorte cruel desarraigado,
E exposto em fragil quilha a bravos mares;
Sobre as espaldas do Oceano inchado,
Dirijindo tristissimo lamento
Contra o céo, contra Amor, e contra o Fado;
Debalde conjurando o rouco vento,
Em vão pedindo a Tethis sepultura
Nas entranhas do mádido elemento:
Puz, finalmente, os pés onde murmura
O placido Janeiro, em cuja arêa
Jazia entre delicias a ternura.
Ali, como nas margens de Ulysséa,
Prendendo corações brincavam, riam
Os filhinhos gentis de Cytheréa;
Mil Graças, que a vangloria trocariam
Em vergonhosa inveja á tua vista,
Usurpar-te meus cultos presumiam;
Eis olham como facil a conquista;
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,
E constancia me dá, com que resista.
Este combate a gloria me accrescenta:
Conhece-se o valor do navegante
Em tenebrosa, horrisona tormenta.
Contemplando na idéa o teu semblante,
Pude evitar o escolho, onde naufraga
O coração mais livre, e mais constante;

Um virtuoso amor nunca se apaga:
O tiro de outra mão não faz emprego
Aonde a tua abriu tão doce chaga.
Sempre no mais cruel desasocego,
Sempre comigo mesmo em viva guerra,
Ás vastas ondas outra vez me entrego.
Os negros furacões Eólo encerra,
Até que aos frouxos olhos se me off'rece
O bruto Adamastor, filho da Terra.
Vê-me o monstro, que ainda não se esquece
Da nossa antiga audacia, e logo exclama
Com voz horrivel, que trovão parece:
«Oh tu, que de uma van, caduca fama,
De uma illustre chimera ambicioso,
A estrada vens saber do affouto Gama;
Tu, dos servos de Amor o mais ditoso,
Se as desordens fataes da louca edade
Te houvesse reprimido o céo piedoso;
Tu, que de uma terrestre divindade
Memorando os encantos, e os agrados,
Deliras entre as garras da saudade;
O modélo serás dos desgraçados,
Porque mais, oh mortal, a ver não tornas
Meigos olhos, por Venus invejados.
As correntes de lagrimas, que entornas,
Os suspiros, que exhalas de continuo,
A singular paixão, de que te adornas,
Nada revoga as ordens do Destino:
Que eu de opáca procella estenda o manto
Quer, e ao fatal decreto o fronte inclino;

Mas a tua afflicção move-me tanto,
Que os olhos meus, a permittil-o a Sorte,
Saberiam, por ti, que cousa é pranto.
Das entranhas do inferno arranco a morte,
Que a lei do Fado, a meu pezar, me obriga
A que a vida miserrima te córte.
Mares, lambei dos céos a base antiga,
Morra Elmano; adejai, dragões do Averno,
Sobre o veloz baixel, onde se abriga!»
Disse dos nautas o inimigo eterno,
E aos ares arrojou no mesmo instante
Medonhas trevas, pavoroso hynverno.
O céo troveja, Eólo sibilante
Ora aos abysmos, ora aos astros leva
Entre as azas da morte o lenho errante:
Sobre elle o mar violento a furia ceva,
Rebentam cabos, não governa o leme,
Consternada celeuma ao ar se eleva.
Em tanto horror meu coração não treme,
Antes se alenta, agradecendo ao Fado
Um bem, que implora, — a morte, que não teme.
«Parcas! (eu grito) oh deusas, que a meu lado
Andais brandindo as fouces carniceiras,
Inclinai para cá seu gume hervado:
O golpe em mim descarregai ligeiras,
Em quanto off'reço á candida Gertruria
O final pranto, as vozes derradeiras.»
Céos! Que prodigio! O vento applaca a furia,
E a teu nome adorado a propria Morte
Não ousa, em damno meu, fazer injuria;

Teu nome vence a cholera da Sorte:
Torna a luz, foge a sombra, e já mil vivas
Os muros vão ferir da ethérea corte:
Só eu choro o prazer, que tu motivas,
Só eu sinto escapar d'este perigo,
Só eu culpo as estrellas compassivas.
A prospera derrota assim prosigo,
Até que vejo, e pizo a sepultura
Dos tristes, que não têm na patria abrigo.
Aqui vai sempre a mais minha amargura,
Aqui, pela Saudade envenenado,
Como espectro acompanho a Noute escura:
Aqui ninguem me attende, (oh negro fado!)
Nem deuses, nem mortaes, ninguem me attende:
Tão molesto se faz um desgraçado!
Só teu suave nome, a quem se rende
O proprio deus de amor, algum momento
Meu pranto enfrêa, minhas ancias prende.
Sou qual febricitante, que sedento
Em libar fresca taça allivio gosa,
Affagando com ella o soffrimento.
Ai gesto encantador, face amorosa,
Que me inspiraste da paixão mais pura
A doce chamma, a chamma deleitosa!
Que torrente de gosto, e de ternura
Fizeste borbulhar no meu semblante,
Em quanto o permittiu minha ventura!
Qual na calida sésta o caminhante,
Que em despenhada fonte, amena, e fria
Matar o vivo ardor vai anhelante;

Tal nas azas do jubilo eu corria
A saciar em ti, vista adoravel,
O sequioso amor, que em mim fervia.
Oh lubrico prazer! Fortuna instavel!
Apenas fui feliz, fui desgraçado:
Oh catastrophe acerba, e deploravel!
Mas tu, Gertruria bella, idolo amado,
Tu, meu unico bem, cuja mudança
Me faria acabar desesperado,
Por piedade não percas da lembrança
O terno adeus, e as lagrimas, e os votos,
Com que elle vigorou minha esperança.
Vê que, entregue ao furor de horriveis Nótos,
Vim, só por me fazer de ti mais digno,
A climas, do meu clima tão remotos.
Semblante, para mim sempre benigno,
Reserva-me um sorriso: elle sómente
Póde o meu astro serenar maligno;
Elle só me fará viver contente:
Só n'elle está suspensa a minha gloria,
Só d'elle o meu socego está pendente:
Voêmos para o templo da Memoria,
Nossa fidelidade ao orbe espante,
E sirva de modélo a nossa historia;
A todo o baixo espirito inconstante
Para castigo apontem-lhe a firmeza
Do triste Elmano, e de Gertruria amante;
Obra a mais singular da Natureza,
Erario dos seus dons, conheça o mundo,
Que és tão rara em amor, como em belleza;

Abunda nas saudades, em que abundo,
Manda-me lá d'esses ditosos lares
Nas azas da ternura um ai profundo.
Não tope densa nuvem pelos ares,
Que a fortaleza, que o calor lhe tire:
Venha, ah! Venha, apezar de immensos mares,
E em meus ouvidos, fatigado, expire.

II.

Elmano a Josino.

Dans ces climats. . . . tout est sourd a mes cris.
MADAM. DU BOCAG. Traged. des Amaz. Act. IV. Sc. VI.

JOSINO, meu Josino, a cujo lado
Gosei de alegres, venturosos dias,
Em quanto o quiz Amor, e o quiz o Fado:
Socio meu, que ora attento, e mudo ouvias
A minha branda lyra maviosa,
Ora a seus ternos sons teu canto unias:
Tu, que da linda Marcia carinhosa
Inflammas com mil osculos ardentes
As faces côr de neve, e côr de rosa;
Tu, que no ingenuo peito não consentes
O vicio, que por lei da natureza
Mancha, e corrompe os corações ausentes;
Tu, que adorando as aras da Belleza,
Tributas aos altares da Amisade
Puros incensos, exemplar firmeza;
Tu, que d'esta alma occupas ametade,
Ouve o tremulo som, com que suspira
Dentro d'ella a tristissima Saudade.

Desde que a existencia expuz á ira
Do fero mar, meu peito não socega,
Meu pensamento esfalfa-se, delira:
Indomavel paixão, que a todos céga,
De teus conselhos falta, honrado amigo,
Á desesperação minha alma entrega.
Louco fui, não pensei (mil vezes digo)
Que em horas se trocassem de tormento
Horas tão doces, que passei comtigo;
Fiei-me de um fugaz contentamento,
Devendo conhecer que os bens do mundo
São qual o subtil pó, que espalha o vento;
Por isso agora afflicto, e vagabundo,
Extranho tanto o mal, por isso agora
De lagrimas sem fim meu rosto inundo;
Por isso na paixão, que me devora,
Invoco a muda paz da sepultura,
Da suspirada morte a feliz hora.
Miseros gostos! Misera ternura!
Que sempre, injusto Amor, teus servos tenham
Queixumes, que formar contra a ventura!
Uns, adorando ingratas, que os desdenham,
Tarde no escuro abysmo, em que descança
O desengano horrivel, se despenham:
Outros, chorando a pérfida mudança
De uma alma desleal, enfurecidos
Co'a morte arrostam, que no inferno os lança:
Outros, em fim, como eu, correspondidos,
Depois em longa ausencia amarga, e crua
Arrancam das entranhas mil gemidos:

Tal, fraudulento Amor, é a lei tua,
Lei, que o Fado approvou para que a terra
A si mesma se estrague, e se destrua.
Ah Josino fiel! Que horror faz guerra
Aos tristes olhos meus n'estes logares,
Onde me pôz a Sorte, onde me encerra!
Sem medo á furia dos terriveis mares,
Vim do culto, benefico occidente
Viver com tigres, habitar palmares:
Aqui torrida zona abafa a gente,
Ferve o clima, arde o ar, e eu o não sinto,
Que tu, fogo de Amor, és mais ardente:
Aqui vago em perpetuo labyrintho
Sempre em risco de ver maligno braço
No proprio sangue meu banhado, e tinto;
Mas caso dos perigos eu não faço,
E que posso temer, quando procuro
Rasgar da fragil vida o tenue laço?
Enche-me, sim, de horror o culto impuro,
Idolos vãos, sacrilegos altares,
Vìs ceremonias d'este povo escuro.
Eterno Deus! Não longe de teus lares
Tépida nuvem de maldicto incenso,
Dado ao negro Satan, perturba os ares.
Que tolerancia tens, monarcha immenso!
Por mais crimes, senhor, que o mundo faça,
Tudo releva teu amor intenso.
Désce, ah désce dos céos, potente graça,
Diffunde a sancta luz, a sancta crença
Pelos cegos mortaes, que o erro enlaça!

Volto, Josino, a ti. Lethal doença
Do bárathro surgiu, veiu intimar-me
A antiga, universal, cruel sentença:
Negras fauces abriu para tragar-me;
Porém cedeu, rugindo, á voz divina,
Que a vida, a meu pezar, quiz conservar-me;
Eis que pérfida mão cabal ruina
(Sepultando o dever no esquecimento)
A todos nos prepara, e nos destina:
Rasgado o peito co'um punhal cruento,
Ia baixar ó teu choroso amigo,
Qual victima innocente, ao monumento:
Uma alma infame, um barbaro inimigo
Da fé, das leis, do throno, um deshumano,
Crédor de eterno, de infernal castigo,
Tendo embebido seu furor insano
Na falsa gente brachmane inquieta,
Que amaldiçôa o jugo lusitano,
Contra nós apontava a mortal setta;
Mas estorvou o inevitavel tiro
A mão divina, poderosa, e recta:
Desenvolveu-se o crime, inda respiro;
E já déstes, oh réos de atroz maldade,
Em vis theatros o final suspiro.
Eis, amigo, a recente novidade,
Que da remota Goa ao Tejo envio
Nas murchas, debeis azas da Saudade.
A quem tem da tua alma o senhorio
Off'reço n'uma férvida lembrança
Provas do affecto, em que jámais esfrio.

Dize á minha dulcissima esperança,
Á suave prisão d'esta alma afflicta,
Que no meu coração não ha mudança;
Que estou gemendo aqui, bem como grita
Pelo perdido, alígero consorte
Viuva rola, que a floresta habita;
Que é a minha paixão paixão tão forte,
Que ha de na escuridão da sepultura
Volver-me as cinzas, sup'rior á morte;
E que espero, apezar da ausencia dura,
Por milagre de Amor, que os meus gemidos
Voando aos lares seus, aos seus ouvidos,
Lhe vão justificar minha ternura.

III.

Elmano a Ursolina.

Dos homens o mais triste, e o mais amante,
O cego adorador da formosura,
Em que Amor se esmerou no teu semblante;
Elmano é quem te escreve, é quem procura
Nos mansos olhos teus piedoso abrigo
Aos prantos da saudade, e da ternura;
Elmano, que a seus ais sempre inimigo
Encontra o Fado, Elmano, que te adora,
Que tem por morte não viver comtigo;
Que das ardentes lagrimas, que chora,
Não cessa, quando a Noute estende o manto,
Não cessa, quando estende o véo a Aurora.
Ah meu doce prazer, meu doce encanto!
O condemnado a males sempiternos
Não desespéra assim, não soffre tanto.
Ternos amores, cada vez mais ternos,
Geram, pelo ciume envenenados,
Dentro em meu coração furias, e infernos,

Cuido que outro grangêa os teus agrados,
E, nutrindo a voraz desconfiança,
Exclamo contra os céos, e contra os fados.
A vida, que prezei, me afflige, e cança;
A vida, que prezei, porque illudia
Meus vãos desejos credula esperança.
Frio horror os cabellos me arripia,
Quando a imaginação me representa
Meigo esposo, que ao thalamo te guia:
Como que o vejo co'a paixão sedenta
Manchar-te a leda boca purpurina,
De seu nectar dulcissimo avarenta;
Como que o vejo... oh raiva! E não fulmina
A mão de Jove um barbaro, um tyranno,
Que me rouba o meu bem, que me assassina!
Raios! Puní-lhe o crime... ah cego! Insano!
Desejar ser feliz, quando foi crime?
Cede ao destino, abraça o desengano;
Teu ciume phrenetico reprime,
E entre os martyrios, que a paixão te ordena,
Pasmoso, heroico estimulo te anime.
Adoçarás em parte a amarga pena
Do summo bem, que perdes, se attentares
Na desgraça, a que o Fado te condemna.
Tu, vago habitador de extranhos lares,
Que em vão buscaste o riso da Ventura
Por longas terras, por immensos mares:
Tu, sem thesouro algum mais que a ternura,
Tu formarias o fatal projecto
De fazer desgraçada a formosura!

Quem sente n'alma generoso affecto
Mais do que o proprio bem, e o proprio gosto
Anhéla as ditas do adorado objecto.
O céo é justo: o céo não tem disposto
Que vivas co'a belleza, que te encanta,
Unido peito a peito, e rosto a rosto.
Á dor tenaz, que as forças te quebranta,
Oppõe d'alta virtude o firme escudo,
E com tão novo assombro o mundo espanta.
Perde Urselina amavel, perde tudo,
Morre em fim, se não tens valor bastante,
Que impugne a teu pezar cruel, e agudo.
Despreza a morte; a morte é um instante:
Com ella os ais tem fim, tem fim com ella
Quantos males semêa a Sorte errante.
Desarreiga o terror, que a todos gela,
Rasga as veias, e expira, articulando
O doce nome de Urselina bella.
Brandos suspiros de seu peito brando
Consagrará piedosa a tua amada
A teu triste cadaver miserando.
«Morreu, morreu por mim (dirá, banhada
Em lagrimas de amor, e de saudade)
Oh paixão lastimosa, e malfadada!
Morreu, morreu o exemplo da lealdade;
Ah ternos corações! Chorai comigo
Caso tão digno de geral piedade.
Sôem continuos ais...» Porém que digo!
Ah! Não, não sôem, candida Urselina,
Nem regues com teu pranto o meu jazigo;

Dos olhos a luz pura, a luz divina
Não deixes perturbar, antes contente
No peito de outro amante a face inclina.
Esquece Elmano, para sempre ausente
Da tua alegre vista encantadora,
E de mil bens te c'rôe o céo clemente.
Nunca a cega Fortuna enganadora
Comtigo de seus mimos se arrependa,
Nunca te negue os dons, de que é senhora.
Nunca o benigno coração te offenda
Zelosa furia; com seguros laços
Ao melhor dos mortaes Amor te prenda.
Vive sempre ditosa entre seus braços,
Vive em serena paz, e adeus, querida,
Que para a morte já dirijo os passos.
Ella chama por mim, vou dar-lhe a vida:
Feliz eu, no fim misero a que aspiro,
Se co'a boca amorosa á tua unida
Desentranhasse meu final suspiro!

IV.

Á Illustrissima e Excellentissima Senhora D. Marianna Joaquina Pereira Coutinho.

PIEDOSA, excelsa heroina,
Tu, que em transcendente altura,
Com alma quasi divina
De uns evitaste a ruina,
De outros creaste a ventura:
Tu, que em formosa união
Com refulgente nobreza
(Accidental condição)
Ligas mais alta grandeza,
Grandeza do coração:
Tu, que á mãe do luso estado,
Chorada, augusta rainha,
Mereceste honroso agrado,
Colhe os ais, que te encaminha
Triste victima do Fado.
Teus brandos, faceis ouvidos,
Ouvidos ha tanto affeitos,
Senhora, a attender gemidos
De roucos, anciados peitos,
Pela desgraça opprimidos:

Teu favor, tua piedade,
Com que viva ao céo te elevas,
Abriguem minha anciedade,
Versos nascidos nas trevas,
Entre a dor, e a adversidade:
Pezado grilhão me opprime,
Duro carcere me fecha,
Tecem-me d'um erro um crime,
E a vil calumnia não deixa
Que á compaixão se lastime.
Sombra, qual o Averno escura,
Impios zoilos derramaram
Em vida de crimes pura:
As cadêas me forjaram,
Forjaram-me a desventura.
Eis doloso, eis negro véo
Meu são character encerra;
Monstros me pregoam réo,
Tornam-me odioso á terra,
Fingem-me rebelde ao céo:
Desesperada agonia
Aggrava mais minha sorte,
E a meus olhos noute, e dia
Gira o phantasma da morte
Co'a turva melancholia.
Desparziu preces em vão
Angustia, que em mim se exalta;
Mas no centro da afflicção
Conheço que inda me falta
Invocar teu coração.

Esse adoravel thesouro,
Thesouro da natureza,
Furtado ao seculo de ouro,
Póde expellir-me a tristeza,
E mal peor, — o desdouro.
Não te imploro, alta matrona,
Como aquelle, a quem o enxame
De vicios mil desabona,
E em si cáe depois que infame
Sobre o delicto resona.
Eu, desvalido mortal,
Ludibrio de sorte injusta,
Amei sempre, avesso ao mal,
As leis da virtude augusta,
As leis da recta moral.
Se casuaes erros fiz
(Socios da edade imprudente)
Meu desvario infeliz
No coração innocente
Não teve infesta raiz.
Da vaidade activo ardor,
Que o peito inexperto inflamma,
Das Musas suave amor,
Sede implacavel de fama
Me sumiram n'este horror.
Em versos não baixo, ou rude
A teu animo propicio
Já sagrar louvores pude:
Se grato me fôra o vicio,
Eu não cantára a virtude.

Meu crime é ser desgraçado,
Ou talvez não ser indigno
De attrair da Fama o brado:
Um bando inerte, e maligno
D'inveja me fere armado.
Risonhas, ternas Camenas
Sobre mim lançavam flores
Viçosas, brandas, amenas,
E com benignos favores
Affagavam minhas penas.
Dom divino, almo, e lustroso
(Que a raros o céo dispensa)
Azedou tropel damnoso:
O merito é grave offensa
Ao coração do invejoso.
Alma gentil, não presumes
Que exaggera altivo abalo
Torpes, sordidos ciumes;
Se de mim com gloria falo,
Honro a dadiva dos numes.
Mas á triste, á maviosa
Phrase da consternação
Já volve a voz lamentosa;
Mais cubiço a compaixão,
Q'um nome, que mal se gosa.
Não te interésse o valor
(Se algum tem) do vate afflicto,
Commova-te o dissabor,
A desgraça, o pranto, o grito,
Que demandam teu favor.

Exerce efficaz valia,
Que me serene a fortuna,
Irosa fortuna impía:
Para guarida opportuna
Meus ais, minhas ancias guia.
Pelo misero intercede,
Que a ti recorre em seus males,
Que prompto auxilio te pede:
O que pódes, o que vales,
Por minhas angustias mede.
Dá-me a luz, que respirei
No seio da humanidade;
Roga que se abrande a lei,
A que a doce liberdade
Submisso, e mudo curvei.
Que, ainda que rota a lyra
No chão desprezivel jaz,
E a Musa, que já delira,
Sem harmonia, sem paz,
Em vez de cantar suspira:
No meu estro anniquilado
Revivendo a morta chamma,
Te daria eterno brado,
Se ha muito o grito da Fama
Não te houvera eternisado.

V.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Henrique José de Carvalho e Mello, Marquez de Pombal, etc., etc., etc.

Seigneur, *si jusqu'ici par un trait de prudence*
J'ai demeuré pour toi dans un humble silence,
Ce n'est pas que mon coeur, vainement suspendu,
Balance pour t'offrir un encens qui t'est du.

BOILEAU, Discours au Roi.

Só conheço de ti grandeza, e nome,
Magnanimo Pombal; jámais teus olhos
Com doce, amavel, usual brandura
De meus destinos a humildade honraram;
Sempre Fortuna, do meu mal sedenta,
Vedou que, em teu louvor pulsando a lyra,
Arremessasse o canto além dos tempos,
E em premio fosse de te dar meus hymnos
Comtigo reluzir na eternidade:
Declive espaço, que entre nós se estende,
Frouxo alento abatia ao vate ancioso,
Quando apenas tentava o cume excelso
Onde, recta uma vez, não caprichosa,
Te ergueu, te amima, te laurêa a Sorte.

Hoje porem, senhor, que má Ventura
Golpes, e golpes sobre mim desfecha:
Hoje que ferrea lei de negros fados
Me esmaga o coração, me enluta os dias,
Ao desmedido espaço a dor se arroja,
Lenitivo benefico implorando,
Vence o longo intervallo, a ti se eleva.
Da-me tão alto jus tua alta fama,
Minha tribulação tem jus tão alto:
Perante as almas, que a virtude accende,
É grave intercessor a adversidade:
O mortal infeliz, o desvalido,
Invoca o generoso, o pio, o grande;
O grande, o pio, o generoso abriga
Das furias do Destino o malfadado.
  Carcere umbroso, do sepulchro imagem,
Caladas sombras de perpetua noute
Me ancêam, me suffocam, me horrorisam.
Não rebelde infracção de leis sagradas,
Não crime, que aos direitos attentasse
Do solio, da moral, da natureza,
N'este profundo horror me tem submerso.
A calumnia falaz, de astucias fertil,
Urdiu meus males, affeiou meu nome,
Mil e mil vicios extraiu do Averno.
Minha fama, senhor, que honrada, illesa,
Vagava o seio de Ulysséa altiva,
Foi pelo estygio bando assalteada:
Bramindo lhe ennegrece a tez lustrosa,
Torna-lhe a nivea côr da côr do abysmo:

Doura zelo impostor paixões damnadas;
Delatores crueis com arte envolvem
Vis interesses no ext'rior brilhante
Da razão, da justiça, e da verdade;
Cáe a Innocencia, victima da Inveja,
Dos zoilos o rancor de mim triumpha.
Eis-me vedado ao sol, vedado ao mundo,
Eis a reminiscencia apenas traça
O quadro do universo á minha idéa,
Que, se aos olhos illusos déra assenso,
Julgára que inda os céos, que inda as estrellas
Não tinham rebentado á voz do Eterno;
Que a antiga escuridão, que o cahos informe
No que hoje é Natureza inda reinava;
Que na mente immortal do rei dos fados
Inda em mudo embrião jazia a terra:
Memoria e dor minha existencia provam,
Porem dor e memoria o ser me azedam,
E a Desesperação, desfeita em pranto,
Inutil vida abhorrecendo, anhéla
A paz, e o somno do insensivel nada.
Sobre meu coração tormentos fervem,
E pela phantasia exacerbados
Se embebem no pavor da morte horrenda.
De um lado em trajo infame a vil Affronta,
Sordido espectro me affoguêa o rosto
A doce Patria de outro lado afflicta
Um doloroso adeus me diz carpindo:
Aqui e ali mil pallidos phantasmas,
Prole do Medo, com visagens feias

Serie me agouram de amargosos damnos.
N'estes horrores a existencia pasma,
O exercicio vital em ocio fica,
Sentidos, forças o terror me absorve.
Tal é, genio preclaro, a ordem triste
De meus funestos, nebulosos dias,
Dias marcados no volume eterno
Pela torrida mão da Desventura.
Ah! No maligno seculo corrupto
Em que o duro egoismo abrange a terra,
Inda restam, senhor, ao desditoso
Benignos corações, que se repartam,
Que para os seus prazeres só não vivam,
Que sintam, que venerem, que pratiquem
Lei no altar da Razão por Jove escripta,
Lei na infancia do mundo ao mundo imposta:
« O homem favor e asylo ao homem preste,
« Mutua beneficencia os entes ligue. »
Teu grande coração colheu taes dotes
No thesouro onde os zéla a Natureza,
Mesquinha de seus dons co'a terra ingrata.
Além da condição, o heroico exemplo
Em teu peito arreigou feliz semente,
Da qual se ergueram generosos fructos.
O varão providente, o páe da patria,
O assombroso Carvalho, o luso Atlante,
Cuja vista mental descortinava
Os sumidos arcanos tenebrosos
Onda sagaz Politica se entranha:
O decantado heróe, que d'entre as cinzas,

D'entre os dispersos, lugubres estragos,
Effeitos de phenomeno terrivel,
Mais ampla fez surgir, surgir mais bella
A vasta fundação dos gregos duros;
Que de suberbas torres majestosas,
De ingentes, sumptuosos edificios
Os hombros carregou d'alta Lisboa:
O politico excelso, a cujo aceno
Vinham, prenhes de fulgidos thesouros
Alterosos baixeis arfar no Tejo,
E a risonha Abundancia dadivosa
Da fausta Lusitania enchîa os lares:
O zelador fiel do altar, do throno,
O escudo, o creador das leis, das artes;
Aquelle em fim, senhor, que o véo soltando
Em que etherea porção jazia envolta,
Vive nos corações, nos céos, na fama,
Teu memoravel páe te abriu a estrada
Por onde fôste ao polo em que és luzeiro.
Nos elysios curvada a sombra illustre,
Olhos fitos em ti, de lá te acêna,
De lá te influe espiritos sublimes,
Prestante emulação com que o renovas.
Heróe, fructo de heróe, protege, ampara
Ente oppresso, infeliz, que a ti recorre;
Lava-lhe as manchas da calumnia torpe;
Ao throno augusto da immortal Maria
Com lamentosa voz dirije, altêa
Do misero Bocage os ais, e as preces:
Desfaze a treva, que lhe espanca o dia,

Rompe as correntes, cujo som medonho
De Phebo os gratos sons lhe descompassa;
Tremendo ao feio estrondo a voz, e a dextra.
Já tocaste, senhor, da gloria o cume,
Socios (inda que raros) tens comtudo:
D'elles pode isolar-te um grau mais alto,
Grau onde o Fado occulta o bem que imploro.
Das avarentas mãos sóbe a arrancar-lhe
O defeso penhor, minha ventura.
N'isto é virtude transcender o extremo:
Remindo um triste de oppressão tão crua
As balizas transpõe da heroicidade.

VI.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Thomás Xavier de Lima Brito Nogueira, etc., Marquez de Ponte de Lima, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda.

Se aos miseros, senhor, não é vedado
No abysmo, em que os confunde a desventnra,
Seus males exprimir, chorar seu fado:
Minha consternação, minha amargura,
Vai demandar em ti sagrado asylo,
Acolheita efficaz em ti procura.
Têm as angustias enfadoso estylo,
Mas tu, attento ás leis da Humanidade,
Tu não te has de enojar, senhor, de ouvil-o.
Outros querem louvor, eu só piedade;
Piedade; — que a perder o gosto á fama
Até já me ensinou a adversidade!
De ethereo dom, qu'espiritos inflamma,
A chamma nos suspiros se evapora,
Ou se apaga nas lagrimas a chamma.
Dos louros, que cingi, não cuido agora;
É meu unico objecto o lenitivo
Da tenaz afflicção, que me devora.

Em carcere, a que o sol medroso, esquivo,
Seu lume bemfeitor jámais envia,
E onde sómente a dor me diz que vivo:
Na idéa, com que apenas sei que ha dia,
Encarando, senhor, tua grandeza,
Tua alma generosa, affavel, pia:
D'entre as sombras da noute, e da tristeza
Vendo luzir mil dons, com que a Ventura
Se uniu, por gloria tua, á Natureza;
A Sorte se me ant'olha menos dura,
Pondéro o teu favor, saudavel porto
Contra os horrores de procella escura:
Por vil calumnia moralmente morto,
Á physica extincção darei o alento,
Se imaginario for este conforto:
O rumor, que me ultraja, é fraudulento;
Senhor, meu coração não jaz corrupto,
Corrupto não está meu pensamento.
Detesto o falso, o ingrato, o dissoluto;
Do triste, do infeliz não ólho ao damno
Com ferreo desamor, com rosto enchuto:
Vejo a copia de um Deus no soberano,
Curvo-me ás aras, e em silencio adoro
D'alta religião o eterno arcano:
Sim erros commetti, mas erros chóro;
Não com pranto sagaz, que a vista illude;
Da abjecta hypocrisia ardis ignoro.
O brilhante character da Virtude,
Arma contra os asperrimos destinos,
Tem cultos meus: o imparcial me estude.

Na quadra das paixões, dos desatinos,
Se deixei de cumprir fiel, exacto,
Preceitos veneraveis, sãos, divinos;
Não sou para com Deus só eu o ingrato;
Muitos, que me ennegrecem, que me affeiam,
São talvez meu modelo, ou meu retrato.
Remorsos devorantes não me ancêam;
Mais fraqueza do que indole, meus vicios
As forças da razão me não sobpêam.
Eis, senhor, porque espero achar propicios
Teus influxos comigo, e que derrames
Por minhas afflicções teus beneficios.
De mordazes insectos vis enxames
Me ferem, me envenenam; vão lançando
Sobre o character meu labéos infames:
Embebe o coração flexivel, brando,
Na maviosa dor, que em mim suspira,
Que em mim por teu soccorro está chamando.
O Deus, a que um só ai remove a ira,
O eterno, o bemfeitor, o omnipotente
Doce clemencia na tua alma inspira.
Se apraz aos céos um animo innocente,
Tambem é grato aos céos o arrependido;
Uma lagrima extingue o raio ardente.
Deixa pousar, senhor, no attento ouvido
A queixosa, tristissima linguage,
As supplicas, e os ais de um perseguido.
Do susto, da oppressão, do horror, do ultraje,
Sólta, restaura com piedade intensa
Os agros dias do infeliz Bocage.

Teu braço, teu poder meus fados vença,
Como atras nuvens de vapor maligno,
Rebate o sol co'a fulgida presença:
Ganha-me a compaixão do heróe benigno,
Do principe immortal, que em nós impéra,
Não só de um throno, de mil thronos digno.
Tolhe-me ás furias da calumnia fera,
Que o premio singular, premio sublime,
O que o mundo não dá, nos céos te espera.
Teu peito de meus males se lastime;
Erros tenho, não crimes, commettido;
O erro exige perdão, castigo o crime.
Inda que da ventura és tão querido,
Inda que o céo te ergueu a excelso estado,
Mais é valer, senhor, ao desvalido,
Mais é tornar feliz um desgraçado.

VII.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Pedro de Lancastre e Silveira Castello Branco, etc., Marquez de Abrantes, Mordomo Fidalgo da Sancta Casa da Misericordia de Lisboa.

Tu, de antigos heróes progenie excelsa,
Ramo de regia planta derivado,
De acudir ao pequeno, ao desvalido,
Tens, benigno marquez, dever sagrado.
Depois de conferir-te um grau sublime
Ainda não contente a Divindade,
Une-te á posse de inclyta grandeza
O sancto ministerio da piedade.
Occasião te dá para exerceres
Affavel, paternal beneficencia
Na estancia da oppressão, cá onde o crime
Caminha par a par co'a innocencia.
Afferrolhada, miseravel turba
A quem cinge o grilhão, e a fome abate,
Já cuida que te vê na mão prestante
Dadiva pia, e próvido resgate,

Qual por ermos incognitos perdido
O lasso caminhante o dia anhéla,
Deseja d'entre as sombras triste chusma
Ver luzir teu favor nos males d'ella.
Do numero infeliz, que te suspira,
Lastimosa porção me fez a Sorte;
Lançou-me em feio abysmo, onde parece
Que entre seus cortezãos preside a Morte.
Que é morte? Solidão? Silencio? Trévas?
Tudo isto occupa o lugubre aposento:
Silencio, trévas, solidão me abrangem,
E horrores multiplica o pensamento.
De atroz perfidia as nodoas não me infamam;
Remorsos me não fervem na tristeza;
Em barbaras acções, em negros crimes
Não tenho profanado a natureza.
Com ferro abominavel entre as Furias
Impio golpe não dei no patrio seio:
Sempre a cauta razão me tem sustido
Reluctantes paixões com util freio.
Desventurado sou, não sou perverso;
Ao jugo de altas leis o collo inclino,
E no humano poder contemplo, adóro
Augusta imagem do poder divino.
Torpe, invejosa, perfida Calumnia,
Monstro devorador da honra alhêa,
Não me prostra o valor de todo ainda,
Com vel-a tão cruel, com ser tão feia.

Os damnos que me urdiu, baldar-lhe espero,
Nos sentimentos meus, e em ti fiado;
Tu, grande, tu, benefico, tu, forte,
Empreende a gloria de vencer meu fado.
Protege a causa do infeliz, que invoca
Teu nome, o teu fervor, tua piedade:
Guia os suspiros meus, e as preces minhas
Ao throno, onde reluz a humanidade.
Á grandeza, e virtude asylo imploro:
Tu gosas da virtude, e da grandeza;
Estes brilhantes dons comigo apura,
Terá mais um triumpho a Natureza,

VIII.

Ao Senhor Joaquim Rodrigues Chaves.

A ti (que ás outras leis da Humanidade,
Cumprindo-as, antepões a mais formosa
De todas as virtudes, a Piedade)
A ti, cá d'erma estancia pavorosa,
Onde ferreo poder o some ao dia,
Vôa do ancioso amigo a voz queixosa.
A voz d'Elmano, a voz que te attraia,
Quando em verso mimoso eternisava
Graças, encantos, perfeições d'Armia.
Meus puros dias o prazer dourava,
Em quanto contra mim fatal procella
No bojo da calumnia fermentava.
Onde crime não ha, não ha cautéla;
Por não temer-me da brutal fereza
Qual victima succumbo ás furias d'ella.
Fera, ardente aversão no inferno accêza,
Em grave tribunal ousou pintar-me
Escandalo do céo, da natureza.

Dos vicios, que levava, ousou manchar-me;
Foi escutada a vil, a vil foi crida,
Dura força correu a agrilhoar-me.
De feroz conductor mão desabrida
Eis me arremessa em horrida masmorra,
Onde co'a morte se parece a vida.
Aqui, longe de haver quem me soccorra
Na solidão funesta, em que desmaio,
Sem que importe ao rigor que eu viva, ou morra:
N'este da sepultura escuro ensaio,
A que ás vezes o sol compadecido
Dirije a furto, a medo um tenue raio:
Volvendo-te, meu Chaves, no sentido,
Os beneficios teus chamando á mente,
E os males de que fui por ti remido,
Surjo d'entre as angustias de repente;
Desenrugando as faces a Tristeza,
Uma doce esperança me consente.
O soberano Auctor da redondeza
Parece que te quer, piedoso amigo,
Da minha redempção fiar a empreza.
De Bocage infeliz sê prompto abrigo,
Estorva que se mirre um desgraçado
N'este mal, n'este horror, n'este jazigo.
Do crime corruptor não fui manchado;
Alta religião me attráe, me inflamma,
Amo a virtude, o throno, as leis, o estado.
Acima de meus zoilos me ergue a fama;
Eis porque o negro bando atroz, maldicto,
Sobre minhas acções seu fel derrama.

Só erros commetti (é este o grito
Da ingenua consciencia) mas padeço
As penas com que a lei fere o delicto.
Depois que n'estas sombras esmoreço
Duas vezes brilhando a plena lua
Tem roubado ás estrellas o aureo preço.
Ah! Funde-se o teu nome, a gloria tua
No pio intento de romper-me o laço
Que a Sorte me lançou raivosa, e crua.
Do benigno Laurenio invoca o braço;
O braço, protector dos desditosos,
Jámais em dons beneficos escasso:
Elle aos ouvidos faceis, e piedosos
Do sublime varão, do egregio Lima
Conduza meus suspiros lastimosos:
Que eu, a quem Phebo acolhe, accende, estima,
Da honrosa gratidão arrebatado,
Ornarei seu louvor d'eterna rythma:
Os céos na sua mão depõem meu fado;
Alma heroica, imitando-lhe a clemencia,
Me arranque d'este carcere enlutado,
E me reforce a languida existencia.

IX.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor José da Soabra da Silva, no dia dos seus annos.

In te spes omnis . . . . nobis sita est:
Te solum habemus: tu es patronus, tu parens.
TERENT. Adelph. Act. III. Sc. V.

COSTUME de chorar, tenaz costume,
Horas dadas ao pranto, eia, dourai-vos!
Um dia de prazer por tantos dias
De amargura, e de horror me cabe ao menos,
Memoria e coração despindo o luto
De antigos males, de recentes damnos,
Em honra da virtude exultem, deixem
Azas libertas ao furor sagrado.
O que é das Musas digno as Musas cantem,
O que é digno dos céos aos céos mandêmos;
E se o calor phebêo morrer na mente,
Tu, brilhante razão, serás meu estro.
Renasce um dia, que em character d'ouro
Ha de sobresair nos lusos fastos;
Renasce um dia, parecido a aquelle
Que ao sorriso de um Deus surgiu do nada,

E á symbolo do céo, symbolo d'alma
Em quem mil claros dons meu canto exigem.
Salve, oh grande natal, que em gloria cedes
Somente ao portentoso, aureo momento,
Em que attonita viu a indigna Terra
No véo da humanidade um nume occulto!
Salve, dia immortal, que rebentando
D'entre os fuzîs da temporal cadêa,
Serás co'a eternidade incorporado,
Sabendo-te a diff'rença apenas Jove!
Que ufano ergueste no horisonte a face!
Que insolito pavor pozeste á Noute!
De vulgares nataes ao lume affeita,
Altamente extranhou a tua aurora.
Viu n'ella os Risos, viu as Graças n'ella,
Não risos, e não graças da Molleza;
A Virtude, a Razão, robustas, graves,
N'um ar viril, sisudo as envolveram.
A deusa carrancuda, estremecendo
No carro, que dos astros se rodêa,
Sólta os negros cordões aos negros brutos,
Co'a dextra sobre os dorsos amiuda
De atro flagello horrisonos estalos,
E o medo a rapidez multiplicando
Quasi d'um salto pelo inferno a some.
Serena e pura a Natureza fica,
Fica digna de ti, dia risonho,
Dia em que ethereo dom luziu no mundo.
Foi Seabra este dom, nasceu com elle
De insignes attributos copia immensa,

Os que nunca os mortaes em dote houveram
Da mão suprema n'um só ente unidos.
No horoscopo do heróe sorriu-se o Fado,
As rugas aplanou da fronte horrenda:
Olhos que de uma vez contemplam tudo,
Na recente fitou candida face,
E d'entre as sombras dos mysterios fundos
Taes destinos predisse ao claro infante:
«Serás da patria, do universo, a gloria,
Cem tubas, com que a Fama o globo atrôa,
Hão de apenas bastar para teu nome:
Verás d'alta politica os arcanos
Á perspicacia tua escancarados;
Tua mente lustrosa, e veladora,
Arduas combinações sagaz travando,
Fará sobre a altivez, sobre a grandeza
Do Tâmesis, do Sena alçar-se o Tejo:
Teu espirito ao mundo assombros novos
Apercebendo irá, e inda maiores
Teu coração promette á natureza.
Piedade, rectidão, beneficencia,
A magnanimidade, os dons sagrados,
Almos effluvios do luzeiro eterno,
Que do eleito mortal ao seio emanam,
Todos mixtos em ti, farão que passes
Os exemplos não só, té as idéas,
Amplas idéas da virtude humana.
Ao desvalido, ao triste, ao malfadado
Mil vezes teu favor será guarida,
E por ti vezes mil de inexoravel

O atroz character despirei com elles:
Virtude até commove, altéra o Fado,
Se virtude se exalta ao grau da tua.»
D'est'arte a voz fatal e omnipotente
Teus futuros abriu, Seabra illustre,
E entre todos os titulos fulgentes
De que em ti se compoz moral grandeza,
Tão sublime nenhum, nenhum tão raro
Como o de amigo, e páe dos não-ditosos,
D'aquelles, cujo mal não vem do crime,
Cujo mal tem raiz nas mãos da Sorte.
Eu, aggregado ao numero funesto
Das victimas chorosas do infortunio,
Que trago na cerviz, na frente, e n'alma
Seu pezo esmagador, seu nome acerbo,
Em vão com teu formoso, egregio dia
Em vão quero illudir, corar meus males.
Por entre os turbilhões d'altas idéas
Que abala o teu natal, e a gloria tua,
Na mente alvoroçada imagens tristes,
Negras, medonhas, como d'antes surgem.
Para gemer, senhor, para chorar-me
Tenho, alem da razão, tenho o costume:
Segunda natureza em nós se torna,
Só força mais que humana é que o remove;
Tu, que em summa virtude és mais que humano,
Converte a guerra em paz, em riso o luto,
Que do vate infeliz envolve a mente.
Arranca-me ao penoso, ao ferreo jugo
Da Sorte avêssa, da tenaz Desgraça;

Compassivo a meus ais, exerce, e cumpre
O que de ti soou na voz do Fado:
Quasi um deus para mim, renova esta alma,
Esta alma, que em suspiros se evapora;
Torna-me cysne, em fim, com teus influxos,
Que eleve o canto, sem que a morte o siga.
São raros os Camões, o dom divino
Em raros pode mais que a desventura:
N'estas sombras se apaga o sacro fogo,
Nas garras da indigencia as Musas morrem.
Ah! D'estes males não pereça a minha,
A minha, que subiu aos teus louvores.
És magnanimo, és grande; os céos, os fados
Da Fortuna os thesouros te doáram,
Tens o jus, e o poder, ambos augustos,
De tornar venturoso o desgraçado:
És orgão da suprema auctoridade,
Puro e vasto canal por onde as graças
Manam do throno excelso ao curvo rogo.
Doce, tenue porção dos dons immensos
Que o céo te conferiu, confere ao triste,
Cuja voz lamentosa a ti se eleva,
Cuja fama, senhor, purificaste
Das nodoas torpes da mordaz calumnia,
E a quem já vezes mil n'um teu sorriso
Déste amavel penhor de bens vindouros.
Realiza, effeitua o grato annuncio:
Assim teu dia, sobranceiro á Morte,
Torne sempre a brilhar como hoje brilha:
Assim da clara esposa as brandas graças

Sempre enfeiticem teus benignos olhos,
E o florecente par, delicias tuas,
A dadiva celeste, a digna prole,
Prole em que te revês, com que te encantas,
Tão grande como tu, produza, anime
Longa serie d'heróes, que leve a gloria
Ao termo do universo, ou do teu nome!

X.

A Marcia.

(Imitação de uns versos de Mr. Parny.)

Tu, de meus amorosos pensamentos
Secretária fiel, tu, que mil vezes
Affagas, adormeces os desgostos
De que semêa Amor meus tristes dias;
Oh lyra, em que estes dedos preguiçosos
Geram sem arte a languida harmonia,
Effeito da ternura, e da saudade!
Hoje teus sons patheticos se apurem
Da amisade leal no casto seio.
Candida amiga do extremoso Elmano,
Minha Marcia gentil, se eu a teu lado
Te entretenho os ouvidos, e te influo
Por elles no formoso, eburneo peito
O encanto da suave melodia,
A maga sensação das almas bellas;
Se te aprazem meus versos innocentes,
Se teus olhos brilhantes como os astros
Volves benignamente ao grato amigo,

* Que externas perfeições, de que és tão rica,
* Que o virgineo candor te não profana
* Com torpes, sequiosos pensamentos;
* E nos dons da tua alma embellezado
* Como se ama no céo, no mundo te ama;
Se a teus mimosos labios, quando as Musas
Nas ternas afflicções vêm consolal-o,
Sorriso approvador merece Elmano;
Se no molle regaço deleitoso
Acolhes do teu vate a doce lyra
Quando os sons lhe falsêa a mão dormente;
Que tenho com os mais, que têm comigo?
Que me importam, querida, a voz da Fama,
* As criticas do sabio, as invectivas
* Dos Zoilos vis, dos Bavios de Ulysséa,
* Gralhas, que entre pavões se não confundem,
* Inda que astutas, illudindo os nescios,
* Vestem pomposas, fulgurantes plumas?
Ou que me importa o publico juizo?
Amante, e não auctor, desdenho, oh Marcia,
Uma inquieta gloria, um arduo nome;
Nada sou: minha Musa ás vezes leda,
Leda, ou antes cançada de carpir-se,
Cuida somente em adoçar meus males,
Os seculos por vir, e o seu não teme.
Pungidos de phantastica vaidade
Outros lidem, padeçam, velem, suem,
Matem-se por viver além da morte;
Que eu não quero comprar como elles compram
Imaginarios bens por males certos.

Fagueira, linda Marcia, quando o Fado
Vier co'a negra mão tocar meu rosto,
Sumir-me para sempre á luz do dia;
Quando teus braços melindrosos derem
Suave encosto á languida cabeça
Do descorado moribundo amigo,
E os frouxos olhos seus, metade abertos,
Turvo clarão vital forem perdendo;
Quando em fim minhas mãos em vão tentarem
Seccar teus prantos, serenar teus olhos,
Fitos no leito da benigna morte,
E á boca o solto espirito acodindo
Colhêr n'essa, que adoro, o derradeiro
Osculo teu dulcissimo, e piedoso;
Não, não permittas que funerea pompa
Me alumie a serena escuridade,
Nem que por mãos venaes alvoroçado
O bronze atroador publique a todos
Que mais um dos mortaes volveu á terra.
No meu asylo incognito, e seguro,
Vivendo para os outros indiff'rente,
Sobre as minhas acções um véo lhe corro:
Qual fui na vida quero ser na morte,
Com tanto que a fiel, a affavel Marcia
Dê honra ás cinzas do amoroso Elmano,
Com suspiros, com lagrimas, e habitem
Memorias minhas na memoria d'ella.

Tu, dos cuidados meus primeiro objecto,
Analia desleal, encantadora,
Que do vario Martinio te cegáste,

Ouvindo que morri, talvez que folgues!
Depois que a Morte amiga houver talhado
De meus dias fataes a debil têa;
Depois que mudo, e funebre jazigo
Meus males encerrar, e os meus extremos,
Ide, Amores gentis, onde verdeja
A amena, salutifera Colares,
De mil benignos zephyros lavada,
E ante a falsa, que adoro, ali pousando,
Dizei-lhe: — «Exulta, ingrata! Elmano é morto;
Mas o céo tem poder, justiça, e raios,
O céo castigará teu vil perjurio,
O céo...» Não, summo Jove, eu lhe perdôo,
Eu perdôo ao meu bem; não, não me vingues!
Antes aos puros, luminosos dias
De que ella gosa em paz, antes, oh nume,
Une os dias de gosto, e de ventura,
Que eu desfructára, se a cruel não fosse!

XI.

Ao Senhor Antonio José Alvares.

Usus amicitiæ tecum mihi parvus, ut illam
Non ægrè posses dissimulare, fuit.
OVID. Trist. Lib. III. Eleg. V.

A MINHA gratidão te dá meus versos:
Meus versos, da lisonja não tocados,
Satélites de Amor, Amor seguindo
Co'as azas, que lhes poz benigna Fama,
Qual niveo bando de innocentes pombas,
Os lares vão saudar, propicios lares,
Que em doce recepção me contiveram
Incertos passos da Indigencia errante;
Dos olhos vão ser lidos, que apiedara
A catastrophe acerba de meus dias,
Dos infortunios meus o quadro triste:
Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram
Tão dadivosas para o vate oppresso,
Que o pezo dos grilhões me aligeiraram,
Que sobre espinhos me esparziram flores;
Em quanto não-recentes, vãos amigos,
Inuteis corações, voluvel turba
(A versos mais attenta que a suspiros)
No Lethes mergulhou memorias minhas.
Amigos da Ventura, e não d'Elmano,

Aonio serviçal de vós me vinga;
Ao nome da virtude o vicio córe.
Não sei se vens de heróes, se vens de grandes;
Não sei, meu bemfeitor, se teus maiores
Foram cubertos, decorados foram
De purpureos docéis, de marcios louros:
Sei que frequentas da Amisade o templo,
Que és grande, que és heróe aos olhos d'ella,
E eu menos infeliz que tu piedoso:
(A idéa na expressão me cabe apenas!)
Alma illudida, espirito indigente
Se paga, não do que é, do que outros eram:
Os manes dos avós em vão revoca,
Lustre quer extrair do horror da Morte,
Remeche as cinzas, e recorre ao nada.
Tu, dadiva do Eterno a meus desastres,
Tu não careces d'esplendor postiço;
Tens os titulos teus nas acções tuas,
Por indole a virtude, o bem por norma,
A gloria de o fazer, e de occultal-o:
Eu a gloria tambem d'expol-o ao mundo,
De ornar com teu louvor a humanidade.
Embhora a falsa Opinião maligna
Dardeje contra mim, fulmine a honra,
O character d'Elmano. Eu tenho Aonio,
Eu tenho a consciencia; ambos me escudam;
Munido d'ambos á mordaz caterva
Posso affouto bradar: — Mentis, perversos!
Quem préza a gratidão não préza o vicio;
O mortal vicioso é sempre ingrato.

XII.

Ao Illustrissimo Senhor Sebastião Xavier Botelho.

(Em resposta de outra.)

Certum est in silvis, inter spelæa ferarum
Malle pati, tenerisque meos incidere amores
Arboribus: crescent illæ, crescetis, amores.
VIRG. Eclog. X.

Se lugubre existencia amargurada
Merece acaso de existencia o nome;
Se as lagrimas, se os ais, se a dor são vida,
Se não é a alegria essencia d'ella,
Consola-te, Salicio: existe Elmano.
Mas se em torno ao sepulchro os manes gemem,
Se, roto o véo que a Natureza envolve,
Inda em nós, como d'antes arreigado,
O sentimento é rei, e é rei tyranno;
Se nos montes da immensa eternidade
Memorias, sensações, martyrios duram,
Levados d'este globo insano, e triste:
Se cada pensamento é lá verdugo,
Qual ao não-pago amante é sobre a terra;
Se em miseros como eu, que em vão sonhassem
N'um só momento resarcir mil dias,

Se em miseros como eu, que tenham visto
Feroz ingratidão falsear-lhe os gostos,
Inda lá d'este horror a imagem reina,
E entre os risos do céo negrejam Furias,
Que, mais e mais bramindo, ardendo, assanhem
Os ciumes, a peste, a morte d'alma;
Se tanto de infelices amadores
Póde o ferrenho, inexoravel Fado,
Suspira, terno amigo: Elmano é morto.
Não foi crua ficção de antigos zoilos
Que de mim desparziu funéreo annuncio.
Quem meus ais escutou, quem viu meus males
E o duro, inevitavel seu progresso,
(Sendo um só d'elles, o menor de tantos,
Para os fios vitaes idoneo golpe)
Crer não devêra que no ancioso amante
Em morte infausto amor se convertesse,
E mais quando suspeitas lutuosas
Até da ausencia minha se ajudavam?
Só tu, phebêo cantor, só tu, e Ulina
Ao mundo o coração me tinheis preso:
Ella foi-me cruel, tu me deixaste;
Eu sem ella, eu sem ti não era Elmano,
Era um phantasma, que gemia errante
Pelos ermos vastissimos da morte,
Entre as aves da noute, entre os cyprestes:
Ellas, que o pranto extremo em ais agouram,
Elles, que, amigos das calados cinzas,
Ás urnas dão piedosa, e triste sombra.
Sim, desappareci, voei, Salicio,

D'ante os lumes do sol, fechei meus dias
Na dor, na solidão, na escuridade.
Quiz, quiz punir os temerarios olhos
Da desditosa audacia, antes insania,
De verem, de attentarem cubiçosos
Celestes perfeições (ah!) cujo néctar
Depois no coração se fez veneno!
Meus olhos castiguei, inda os castigo
Com total privação de quanto é gosto;
Da peçonha amorosa, em que fluctua,
N'elles o coração se está vingando:
Para se despicar, cruel comsigo,
A menor distracção não soffre aos olhos,
Suave distracção (de que podera
Tambem participar) não lhes consente
Que, errando aqui, e ali por entre Graças,
Como a abelha sagaz por entre as flores,
Em rosas, em jasmins, em neve, em ouro,
Nos melindrosos, virginaes feitiços
Vão colhendo o que a terra em céo transforma,
E com maga illusão talvez presumam
De objectos mil, e mil no mais formoso,
No mais encantador gosar quem amam.
Só funebres imagens carrancudas,
Só pranto em fio o coração permitte
Aos do seu damno artifices incautos.
Não mais hão de arrostar, para alegrar-se,
Não mais hão de arrostar senão Salicio,
Se inda olhal-o uma vez os céos me derem,
Ao menos uma vez... uma! E quem sabe?

Póde ser ousadia esta esperança:
Tanto (ah!) tanto a existencia em mim vacilla!
Tu, feliz, porque Amor, e a Formosura
Com tyrannicas leis, de ferreo pezo,
Alvedrio, e razão te não suffocam;
Tu, que pões a altivez da liberdade
Junto ao poder fatal, que as atropéla;
Que de alvas, meigas nymphas ladeado
Lá n'esses campos, onde o Tejo estende
As vagas de cristal por margens de ouro,
Cantas de amor, sem que de amor suspires:
Qual diz a fabulosa antiguidade
Que viu no fogo a salamandra illesa,
Ou qual, sem se abrazar, sem consumir-se,
O assombroso amianto em si mantinha
Ardor, que os lenhos corpulentos come.
Ai! Se d'esses gentís, louçãos objectos
Só jubilos extráes, caricias, flores,
Teme que as flores viboras occultem,
E que sejas mordido onde amimado.
Dos risos da alegria Amor se enfeita,
E invisivel prisão nos forja, e lança:
É doce, é brando Amor em seu principio;
Amor em seu progresso é agro, é duro.
Olhos da côr dos céos, se o dia os orna,
E olhos da côr dos céos, se os veste a noute,
Virgineos labios, exhalando aromas,
Descendo a niveo colo anneis dourados,
Com que os Amores, e os Favonios brincam;
Lindas mãos, lindo seio, e tudo lindo,

Nectáreos mimos de fagueiras Nizes,
Penhas amolgam, marmores derretem;
E para mil trophéos ganhar n'um ponto
A belleza (ai de mim!) não, não carece
De quantas forças tem: qualquer sorriso,
Um descuido, um silencio, um gesto, um nada,
São para os corações incendio, laços,
E ás vezes precipicio, e morte ás vezes.
Acautela-te oh vate! Amor não dorme:
A noute em guerra o vê, e o dia em guerra,
E o campo da batalha é todo o mundo.
Um meio ha só, talvez, que os golpes frustre,
Vibrados pela mão do deus das settas
Ás almas, que a Razão forrou de exemplos,
Taes como o exemplo meu, que a ti, que a todos,
Padeçam co'a ternura, ou não padeçam,
Deve (amigo pharol) guiar nas ondas
Do pego tormentoso, Amor chamado,
Até que vão surgir no Desengano,
Porto esquivo aos baixeis, nublado aos nautas,
De frequente escarcéo lassos, e rotos.
Um meio existe, pois (e quão saudavel!)
Contra a geral paixão, paixão suprema:
É da Amisade no benigno seio
Apurar a existencia, os gostos d'ella;
Não só viver em si, viver em outrem;
Ter duas possessões, dous soffrimentos
Já no bem, já no mal; e em turvejando
A hora de pavor, que os reis não poupa,
Ter jus de proferir com voz sumida

Ao amigo fiel, metade nossa:
« Fico existindo na existencia tua. »
Dest'arte, e sem delirio, e sem remorso,
Vivas sedes de amar, de ser amado
No espirito se abrandam, se contentam;
Dest'arte puro affecto, alegre, e manso
Substitue a paixão, que vezes tantas
Fonte de vicios, a constancia arrasta,
Enxovalha a moral, apaga o siso,
E entra n'um mar de pranto, ou n'um de sangue.
O céo te deparou, feliz Salicio,
Esse bem social, tão raro agora:
Tens no amavel Dircêo, tens um thesouro
D'alta amisade, cordeal, fervente,
D'aquella que luziu nos aureos tempos,
E de que és tão credor na ferrea edade.
Com elle, com seu nome a lyra exerce:
O louvor da Virtude é lei nos vates;
Por mais esse caminho aos astros sobe.
Pinta o digno consorte, a digna esposa,
Os dous em que hymenêo sempre é ternura,
Sendo, ou discordia, ou dissabor em tantos:
N'esses doces affectos innocentes,
Esquivo a Amor, teu coração se enleve.
Mas que serena, luminosa idéa
Do escuro da afflicção me surge n'alma!
Idéa só não é... que luz! Que assombro!
Que imagem! Que visão! Eis a meus olhos,
Eis a meus olhos, em purpureo globo,
A par de genios cem, risonhos, bellos,

Bella, e risonha, de rubis os labios,
A fronte de açucenas guarnecida,
De neve a face, que variam rosas,
Na dextra empunha divinal donzella
Palma viçosa, do triumpho emblema!
Olhos, no eterno sol purificados,
Inclina sobre a terra, e co'um suspiro
(Suspiro que é prazer) perfuma os ares.
Ergue, ah! Ergue, Salicio, ao sacro objecto
Vista maravilhada; elle te acêna,
Elle chama por ti, por ti suspira,
E as delicias do céo deixou por ver-te.
É Marcina, é Marcina, a gloria tua,
Timbre de Amor, e da Virtude esmero;
É Marcina, é Marcina, aquella, aquella
Cujas graças moraes, e externas graças
Seculos hão custado á Natureza;
É ella, cujo espirito brilhante,
Thesouro, que do céo caîu na terra,
Teus momentos dourou, dourou teus fados;
Ella, que humana foi, mas só na morte,
Divina em tudo o mais. Oh tu, que outr'hora
De quantos em ternura o peito inflammam
Eras o mais ditoso! Attende, escuta
Que phrase encantadora a teus ouvidos
Vem das macias virações no adejo:
« Esse globo infeliz não tem Marcinas;
O extremo das paixões morreu comigo:
Memorias minhas teus amores sejam. »
Assim com vozes, que distillam nectar,

Te fala a semidéa, e volve aos numes
Entre os filhos da luz... talvez foi sonho
A sancta apparição! Talvez minha alma,
Affeita á sua idéa, a dar-lhe cultos,
Talvez a phantasia extasiada
Aos olhos corporaes fingiu Marcina!
Porém fosse illusão, verdade fosse,
Eu, victima de ingratas, eu, Salicio,
De paixão cega desgraçado exemplo,
Repito o que julguei que a tua amada
Da rósea boca te enviava ao peito:
«N'este globo infeliz não ha Marcinas;
O extremo das paixões morreu com ella:
Memorias suas teus amores sejam.»

XIII.

Ao Illustrissimo Senhor Sebastião Xavier Botelho.

. . . . . *Carmina possumus*
Donare, et pretium dicere muneris.
HORAT. Lib. IV. Od. VIII.

Ao gran vate Salicio o vate Elmano,
Como elle devedor á Natureza,
Mas não como elle devedor ao Fado,
Cá dos lares tristissimos, que habita,
E onde quasi evapora em ais o alento,
Se é que a póde enviar, saude envia.
Acolhe, doce amigo, ás Musas dado,
Acolhe ingenuos sons de afflicta Musa,
Que entre flores outr'hora, entre delicias,
Entre os sonhos de Amor, verdade ás vezes,
Copia do céo, no candido regaço
De alvas, fagueiras, perigosas Lilias,
Passou dias de gloria, instantes de ouro,
Do Téjo transparente á margem bella
Cantando a vida, como o cysne a morte.
Comtigo falo, que do Pindo houveste
O solemne idioma, o tom dos numes,
A voz, que longe vai, que longe sobe,
Que sôa além do mundo, além dos tempos;
Falo comtigo, a ti, que tens na mente

O thesouro brilhante, inexhaurivel,
O igneo fóco de altívolas idéas,
Em que Jove reluz, qual é no Olympo;
Falo comtigo, a ti, que tens na mente
Poder de eternizar, e eternizar-te.
Estranho não será nos teus ouvidos,
Aos milagres da lyra, e do estro affeitos,
Que, ufano do que foi, blasone um vate,
Já claro como tu nos dons de Phebo.
Contra a nobre altivez, que em mim resurge,
Huyve o zoilo mordaz, injurias ladre;
De rôjo pela terra a vil serpente,
D'aguia, que arrosta o sol, deteste os vôos;
Sejam no tribunal do vulgo inerte
Sombra o fulgor, o enthusiasmo insania;
Veja olhados d'ali qual ocio inutil
Seus mil suóres o immortal de Smyrna;
A cega Opinião, que reina em tudo,
Ponha embhora a nivel Marões, e Bavios,
Que eu, tu, e alguns (quão raros!) já vingando
Cumes, e cumes de interpostas serras,
Trilhâmos fadigosa estrada immensa,
Que vai da Natureza á Eternidade.
Dignamente de nós falar podemos,
Não se ata o dezar nosso ao nosso alarde:
Quem de celestes dotes se gloríà
Honra menos a si do que honra os numes.
E se a turba sem nome, avêssa aos vates,
Este firmado orgulho em mim condemna,
Bem da minha altivez meus ais a vingam;

Bem descontado está nos meus desastres,
E nos tormentos meus a gloria minha;
Tormentos, que me agouram tenue resto
Ao que é mais duração do que existencia.
Entre os damnos de Amor, e os da Ventura
Quasi lenho agitado em altas ondas,
E entre negros tufões, que oppostos bramam,
D'um lado, sobre nuvem côr do Averno,
Olho a deusa do mal, do horror, do pranto;
Vejo o que tu não vês, nem ver mereces,
(E nem eu mereci) vejo a Desgraça,
De ameaço no rosto, a mão no raio,
A meu peito assestando o tiro, a morte,
Mas sem de audaz vigor despir meu peito.
De Ulina ingratidões eis d'outro lado
Contra mim, como Furias, arremettem.
Aqui cerradas trévas me apavoram,
Esmorece o valor, naufraga o siso,
Soçobra o coração: para a minha alma
Nas procellas de Amor não ha Santelmo.
Presa a tantos martyrios a Indigencia
Os apura, os irrita, os desespera:
É ella, charo amigo, é mais que Phebo
Quem me arranca do espirito enlutado
O metro carpidor em que a deploro,
Qual nas margens do Tibre ao Venusino.
Tuas virtudes, teu character grande
Na patria, que honras, a experiencia acclama;
Mas tenho a meu favor para invocar-te
Jus mais alto: és feliz, sou desditoso.

XIV.

A ANALIA.

Depois que derramaste em meus delirios
O orvalho da piedade, Analia minha,
Chamou-me a densa noute aos tristes lares,
Tristes sem ti, meu bem, feios, e escuros;
Dignos porém de Jove, e céos de Elmano,
Se abrilhantados por teus olhos fossem,
Se o doce pezo de teu pé sentissem!
Toda em ti recolhendo a phantasia,
Achando amor, e a vida em ti sómente,
E o mundo, a natureza, o fado, a gloria;
Sonhos julgando o mais, o mais phantasmas,
Cevei meu coração na tua imagem,
Na idéa de teus mimos, de teus labios,
Dos labios, que desatam d'entre as rosas
Em aureas fontes as delicias d'alma!
Engolphada a paixão n'um mar de encantos,
Ao solitario leito o corpo entrego,

Fatigo o pensamento, e cerro os olhos.
Eis que o falaz Morpheo, cem vezes brando,
Mil vezes (ai de mim!) duro aos amantes,
Do teu fido amador te expõe defronte
Raivosa, fulminante, inexoravel,
Da boca em vez de nectar fel soltando,
Co'as furias, e co'a morte a abrir meus fados,
A revolver o horror que tinham dentro,
A ennegrecer meus dias, a ostentar-me
N'um desprezo cruel males sem conto,
O inferno todo n'um adeus terrivel.
Tremeu-me o coração, qual treme a folha,
Que os rapidos tufões bramando agitam;
Arripio-me, e suo, e chóro, e clamo:
«Ai! Cumpriram-se, Ánalia, os meus destinos!
Foges de mim, de Amor; nem fé, nem votos,
Nem lagrimas, nem ais teu peito abrandam,
Esse, que outr'hora ao minimo queixume
Em meigas sensações se amollecia!
Analia, doce ardor de meus sentidos,
Dos olhos do infeliz, que tanto amavas,
Não valem para ti, não valem prantos.
«Céos! O que era! O que sou! Fui rei, fui nume
Quando, mais numes que eu, teus olhos davam
Á minha alma outro ser, quando embebidos
Nos vôos, que soltou meu pensamento,
A luz toldavam de amorosas sombras,
Ou, balsamo de Amor, caiu teu pranto
Sobre meu coração, e á doce chaga
Foi refrigerio salutar, divino.

«Oh mudança fatal! Mudança horrenda!
Negro Ciume, producção do Averno,
Tu, de serpes c'roado, envolto em chammas,
Do sempiterno horror surgindo á terra,
Mil furias, mil delirios me entranhaste;
Dentro em mim fibra, e fibra atassalhando,
Tua essencia me déste, eu sou tu mesmo.
«Trouxesses-me, cruel, a insania, o fogo:
A dor, o ultimo golpe, e não trouxesses
Ao misero amador comtigo o crime;
Não me ensopasse teu veneno a lingua,
Não fervessem na voz blasphemias tuas,
O mimo, a candidez não profanasses
D'aquella por quem vivo, e por quem morro,
D'aquella que ultrajei, porém que adoro,
D'aquella em cujas iras, quando as soffro,
De um Deus, que pune, se me antolha o raio:
D'aquella... o coração co'a dor não póde,
Não póde c'o remorso, e nas angustias,
E nas palpitações dilata o golpe,
O golpe que só tem na morte a cura;
Se ha morte para os tristes, se o Destino
Não dá (porque os tormentos lhe eternize)
Existencia de ferro aos desgraçados.
«Ai, Analia, ai meu bem, meu céo, meu tudo!
Inda que de meu mal teriam feras
Compaixão, que não tens, e os meus suspiros
Marpésia rocha tornariam branda,
Nunca, nunca de mim te compadeças,
Insensivel contempla, ouve insensivel

Minha extrema afflicção, meus ais extremos;
Vê-me tintos de morte a face, os olhos;
Sente-me a voz perder-se entre soluços,
Ir-me fugindo a luz por sombra immensa,
A luz vital, e a chamma endeusada,
Estro incansavel, que, fervendo, erguia
Ao céo minha ternura, ao céo teu nome,
E tantas vezes já foi grato enleio,
Iman suave, que attraiu teu gosto,
Que a tua alma enlaçou... não, minha amada,
O miserrimo estado em que has de olhar-me
Uma lagrima só te não mereça.
Nenhum castigo expia atrozes crimes,
Sou réo, sou réo de Amor, e Amor me pune.
Adoro, beijo a mão que me fulmina,
Cêdo a meus fados, a teus olhos cêdo,
Que teus olhos, Analia, são meus fados:
D'elles vivia Elmano, e d'elles morre.
« Mas quando os membros meus já forem cinzas
Na estancia do pavor, c'o pé mimoso
Piza a funerea campa, e dize: « Amei-te,
« Amaste-me, infeliz: matou-te amar-me. »
Este o só galardão, que Elmano implora,
Este o só galardão, que entre os horrores
Da eterna escuridade, entre os phantasmas
Do abysmo tenebroso ha de suprir-me
O céo, teus olhos... morro... adeus, querida! »
Não pude proseguir, — e um grito, um grito
Todo amor, todo teu, me vôa, e rompe
Do horrivel pezadêlo o ferreo laço.

Somem-se as larvas da illusão medonha,
Em minha alma outra vez a imagem tua
De sorrisos, de amores brilha ornada,
De constancia, de fé. Respiro, exclamo:
«Analia o disse, o jura, Analia é minha;
A promessa de Jove é como a sua:
Oh céos! Vós não mentis, nem mente Analia.»

XV.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. João José Ansberto de Noronha, Conde de S. Lourenço, etc., etc.

Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.
VIRGIL. Aeneid. Lib. I.

SABIO varão, que na rugosa edade,
No hynverno da existencia, quando em tantos
É gelo o coração, e é gelo a idéa,
Conservas o verdor do sentimento,
O viço da razão! Cultor de Pallas,
Da Virtude cultor, que a tens no peito
Qual a teve no seio o Capitolio,
Antes que o luxo d'Asia o corrompesse,
E quando da charrua heróes saîam!
Oh tu, que revolveste, e que revolves
Venerandos annaes de Grecia, e Roma,
Onde, instincto a Virtude, instincto a Gloria,
Como feitos communs olhou portentos!
Tu, que entras o lycêo, que no areopágo
Socrates vês, e Socrates te sentes;
D'elle a philosophia, os dons possues,

E, outr'hora perseguido, outr'hora oppresso,
D'elle (excepto a cicuta) houveste os males:
Illustre, generoso, honrado, e grande,
Sem carecer de avós, quaes mil carecem,
Sendo insignes os teus, quaes mil não foram:
Meus versos hoje a ti seu vôo alteam,
Vão hoje versos meus comtigo honrar-se,
Aura celeste respirar comtigo,
No asylo da Sciencia, da Piedade,
No asylo, que teus dias abrilhantam,
Que a moral tua purifica, e doura.
Longe um mundo apéstado, um mundo inferno,
Onde ardem Furiás, e triumpha o Crime;
Onde negra Politica enroscada
Determina invasões, desenha horrores,
Gosta scenas da morte, ao longe abertas,
Quer sorver sangue humanò em taças de ouro,
Quer cinza os campos, as cidades cinza,
Quer, nume assolador, dar leis ao nada,
E em purpuras descança, e dorme, e folga,
Sonhando a execução de emprezas brutas.
Graças, Deus bemfazejo! Inda na terra
Existem lares, que demande a Musa,
Virgem mimosa, candida, innocente,
Que treme ao raio, que ao trovão desmaia,
Que ao vicio córa, e que só préza o louro
Quando é c'rôa do engenho, e não da furia!
Graças, Deus providente! Inda na terra
Vive a Sabedoria! Inda teus olhos,
Teus olhos, de que ao sol emana o lume,

Com paterno sorriso em lares pios
Se empregam, se detêm, e os crêras parte
Da tua habitação, dos teus elysios,
Se podéra illudir-se a vista immensa!
Noronha bemfeitor! Pintei a estancia
Da Razão, da Virtude, a estancia tua.
Que horas douradas, que formosos dias
N'ella dos labios teus pendi, qual pende
De face encantadora accezo amante,
Lá na quadra viçosa em que o delirio
Das galas da ventura se atavia!
Mas que fructo diverso em ti se colhe!
Colhe-se o fructo da moral sagrada;
D'alta religião, de aurea sciencia,
De sãos principios, que debalde inverte
Tropel infecto de paixões damnosas!
O preceito no exemplo confirmavas,
Noronha, homem comigo, homem com todos,
E, ouvindo-te, um ser novo em mim sentia.
Ah! Não taches, senhor, ah! Não crimines
De ingrato, de esquecido o triste vate,
Que foi por teu favor, por teus auspicios
Ao tumulo dos vivos arrancado,
Onde torva Calumnia o ferrolhara,
Estygia sombra, que persegue os genios:
Qual tu és bemfeitor, tal eu sou grato;
Em quadro paternal a imagem tua
Sempre me adorna, me esclarece a mente.
Semideus para mim! N'alma te invoco,
Dos infelices páe! Tua constancia

Nas procellas da vida é meu Santelmo,
Constancia, que luziu na desventura,
Qual o planeta majestoso, augusto
Com flammas de ouro dardejando as sombras.
Se a beber novo brilho, idéas novas
Nas azas da Saudade a ti não vôo,
É que ferreo dever, grilhão sagrado
No pobre, tosco alvergue me acantoam.
Lucro mesquinho de vigilias duras,
Patrimonio dos vates (e não sempre)
Sustêm meus dias, que parecem noutes,
E esteio aos dias são de irman, que terna
Curte comigo tormentosos fados.
Em quanto o genio cáe, cedendo aos males,
Nos aureos coches, que importaram crimes,
Campeam vãos automatos pomposos,
Soltos do pó, que o berço lhes manchara;
N'elles gloria, virtude, amor é ouro,
N'elles o annel reluz, a alma negreja,
N'elles a Natureza envergonhada,
Ao seio da Fortuna os arremessa,
De carinhosa mãe lhes nega o nome,
E só na morte os haverá por filhos.
Ah! Meu grande projecto era cantar-te,
E a Sorte me desmancha o plano honroso.
Eis te peno, senhor, eis te enterneço:
Releva-me o costume; usada ao pranto,
Minha Musa infeliz cantando arqueja,
E se em honra de alguem lhe alegro as vozes,
Só aos dignos do canto o canto envio;

Que ás lisonjas servís não sei torcer-me
Provo, esmaltando com teu nome o verso;
Pouco eu não fôra, se não fosses muito,
O que digo de ti, de ti procede;
Do nada torreões não ergo ás nuvens,
Em seculo de infamias sou romano:
Neguem-no os zoilos meus, se a luz se nega!
Tu, romano inda mais, maior nos fados,
Nos meritos maior! Sereno acolhe
De terna gratidão votiva offrenda:
É tenue, mas fiel, vulgar, mais pura;
E altamente cantar-te a quem foi dado?
Cabia teu louvor de Smyrna ao vate:
Só n'elle ha verso, que te eguale a fama.

XVI.

Ao Senhor Joaquim Severino Ferraz de Campos.

Ut vidi! Ut perii! Ut me malus abstulit error!
VIRG. Eclog. VIII.

TEUS versos li, reli, canoro Alcino;
Graças, e graças me acordaram n'elles
Do lethargo em que tinha a mente absorta,
Em que sempre sonhei fataes verdades!
Não te assombres, amigo, assim se exprime
Pela voz da experiencia o Desengano.
Os sonhos do infeliz não são chiméras,
Negros filhos do Mal, ao páe simelham,
Colhem d'alma o terror, as sombras colhem,
De nós mesmos, em nós (digo nos tristes,
Nos miseros como eu) surgem, resurgem.
Já, quaes manchados tigres famulentos,
Ferram nos corações o dente, as garras,
Já de pezada, e lobrega procella
Vestem medonha côr, que as Furias trajam;
De mar subitamente acapelado

Com rígido tufão revolvem serras;
Arde, retumba o céo, roto de raios,
Da Esperança o baixel em vão marêa;
Terrivel repelão lhe rasga o panno,
Repentino escarcéo lhe rouba o leme;
Arfando aos astros vai, vai aos abysmos,
Nas ondas em montões negreja a morte:
O piloto Razão, sem luz, sem rumo,
Sólta inutil clamor, emfim desmaia,
E o lenho, entregue a si, dá nos rochedos
Do enorme, do voraz, do horrivel pégo.
Que é isto, Alcino meu, senão a imagem
De agros martyrios co'a existencia envoltos,
Presos (parte integrante) aos desgraçados!
Males, ou vele, ou durma, encontro n'alma;
Os olhos corporaes, e os olhos d'ella
De tormento, de horror vêm mil objectos,
Objectos sempre eguaes, os mesmos sempre,
Ou se a substancia, e fórma alguns variam,
Tomam fórma peor, peor substancia.
Tu, van Philosophia, embhora aviltes
Os crentes nas visões do pensamento:
Turvo clarão de raciocinios tristes
Por entre sombras nos conduz, e a mente
Rastejando a verdade, a desencanta;
Nem doloroso espirito se illude,
Se o que dormindo creu, crê despertando.
Até no afortunado a vida é sonho,
(Sonho, que lá no fim se verifica)
E ancioso pezadelo em mim, que a chóro,

Em mim, que provo o fel da desventura
Desde que levantei, que abri, carpindo,
Os olhos infantis á luz primeira;
Em mim, que fui, que sou de Amor o escravo,
E a victima serei, e o desengano
Da suprema paixão, por ti cantada
Em versos immortaes, como o principio
Ethereo, creador, de que emanaram.
N'elles, oh vate, reçumando o nectar,
Por mão das Musas para ti philtrado,
N'alma se me entornou, fez-me serena
No oppresso coração do pranto a fonte.
Eis, ganhando o sabor ao metro ameno,
Sobem lagrimas doces d'entre amargas.
Natureza, Razão, Philosophia,
Amor, o infesto Amor, o algoz de Elmano,
Thesouros do Prazer se me antolharam
Nos quadros, que esparziu pincel divino.
Milagres da harmonia! Eu vos adoro,
Milagres da harmonia, ah! Vós podestes
Mais em minha alma que experiencia e fados.
Trouxestes-me outro ser, outras idéas,
Até outro universo, outros destinos
Em aureas illusões á phantasia!
Sim, pareceu-me em vós a Natureza
Bella como saíu das mãos de Jove!
Cuidei que amor suave, amor piedoso
Recompensava um ai com mil favores
(Se um ai no coração principio tinha):
Cuidei que em laço de ouro, em laço eterno

Os entes á ventura amor ligava,
Cuidei que era de um deus penhor, e prova.
Não de Ulina desdens, sorrisos d'ella
Na face angelical suppuz que via;
Suppuz que em seu gentil, seu niveo colo,
Nos olhos divinaes o ardor cevando,
Cevando o coração na rósea boca,
Em mysterios de amor despindo a essencia,
Me era dado elevar-me ao grau de nume,
As delicias do céo gosar na terra.
Então vociferei, como encantado:
Existir sem amar! Que horror! Q'inferno!
Não: viva-se de amor, de amor se morra.
Mas dentro em pavorosa, antiga selva,
De teixos, de cyprestes assombrada,
Que das nuvens os véos, que os véos da noute,
Rebombando o trovão, rugindo o vento,
Tornaram mais escura, e mais horrenda,
Se afflicto, solitario viandante,
Para aqui, para ali vagando incerto,
D'entre aquelle pavor sombrio, immenso
Vê romper um clarão, que nasce, e morre:
A momentanea luz que lhe aproveita?
Co'a feia solidão recáe nas trevas,
E as trevas o relampago reforça.
Sonoroso cantor, prezado amigo,
Eu sou do caminhante a copia triste,
Teus versos o fulgor, que alguns momentos
Aclarou na minha alma antigas sombras.
Ella no mal, na dor caíu de novo,

E a imagem d'alegria á minha idéa
O abysmo da afflicção tornou mais denso.
De um lado as Graças, d'outro lado as Furias,
Attractivos d'aqui, d'ali tormentos,
Surge Ulina outra vez, qual é, qual era,
Dura, e querida, divindade, e monstro.
Para mim, para mim tropel de horrores,
(De horrores, cujo apuro és tu, Ciume)
Lhe abre o caminho, lhe dirije o passo:
A férrea Ingratidão precede a todos,
E contra o peito eburneo lhe respira
Atros vapores, que engoliu no Averno.
Celestes perfeições, morreis com elles,
Rosas de Amor, a Ingratidão vos murcha;
Com ella não brilhais, lumes formosos.
Magos sorrisos, não brilhais com ella:
Sois mancha, não sois gloria á Natureza,
Sois do mundo o veneno, a peste, a morte...
Alcino, eu desespero, Alcino, eu morro!
Tu, que aos delirios meus a origem sabes,
Que os meus extremos viste, e o premio d'elles,
E que fructo colhi, que fructo acerbo,
Vê se Amor, se a Razão merecem culto,
Vê, quaes são: ella fraca! Elle tyranno!
A que tanto esplendor toma em teus versos
De emanação de Jove arroga o nome,
E aos pés de impio senhor cáe vil escrava!
Ah! Se negra paixão, que enluta os dias
Ao vate carpidor, ao cego amante,
No peito do infeliz se anniquilara!

Se revivesse em fim o ardor sagrado,
Onde funesto ardor só d'ancias vive,
Como teu estro sobe o meu subira
Nas azas da harmonia ufana, e leda,
Affouto demandando eternidade.
De ti, cysne d'Amor, cysne do Tejo,
Que imaginarios bens no canto adornas,
Por mais e mais que estude os sons mimosos,
Ave das sombras, costumada ao pranto,
Gorgeio encantador colhêr não póde.
Amor sabes cantar; eu sei choral-o:
Innata propensão domina os entes:
A Natureza em mim, e em ti murmura:
« Elmano chore Amor, Alcino o cante: »
Da Sorte, charo amigo, a lei sigâmos:
Nosso temperamento é nosso fado,
Fado comtudo, oh Jove, a ti subjeito!

XVII.

Ao Illustrissimo Senhor Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, Desembargador da Relação do Porto.

O vate Corydon, tão charo a Phebo,
O vate Corydon cantava outr'hora
Que a metro sonoroso altas idéas
Ante os aureos tremós não se reduzem;
Que, opulenta de si, que em seus thesouros,
Thesouros divinaes, embellezada,
Digna prole dos céos, a Musa enjeita
Forrados camarins de syrias télas;
Que d'elles não subiu nas tubas cento
O illustre malfadado, o luso eterno:
Que ali novo esplendor á Natureza,
Maravilhas ao globo ali não dera
O que n'alma lhe ardeu, furor sagrado,
Nem da Gloria na estancia um gráu sublime
Ao rigido invasor dos indios mares.
Mas ah Vincenio! Se os haveres, o ouro,
Puxando-nos á terra, origem sua,
O adejo á phantasia, ao genio prendem,

Obstaculo mais duro é a indigencia.
Que vezes sentiria esta verdade,
Entre cadêas innocente, e oppresso,
Longe da bella esposa, e tenros filhos,
O atilado cantor, por quem das trévas,
Das ruinas, do pó surgindo a lyra,
Trouxe nas cordas de ouro o som romano!
Exemplo inda maior meus ais arranca.
Se o transcendente espirito, que accezo,
Que, absorto em turbilhões de etherea flamma,
Deu tanto a Lysia, e lhe deveu tão pouco:
Se Camões, o immortal, não fosse aquelle
Que aos seus em vão carpiu, se achasse o triste
Risos na Sorte, gratidão na Patria;
Se não curvasse a mente ao ferreo pezo
De mil tribulações, de mil desastres;
Se infestos, se crueis, se carrancudos
O misero, quaes viu, não vira os fados,
Além da humanidade o vôo alçára.
Precedendo, e seguindo assombro a assombro,
Em numen convertendo o pensamento,
Feliz, qual fôra, se infeliz foi tanto!
Da Gloria no horisonte os olhos fitos,
Ufano, sobranceiro á desventura,
Á baixeza, ao desar com que nas almas
A servil dependencia engenhos mirra,
Meneando o pincel, que portentoso
No véo da eternidade imprime os quadros,
Dá character, dá luz, dá vida a tudo,
Ligára á perfeição co'a phantasia.

Mais fero Adamastor, mais espantoso
Excedera o trovão na voz medonha;
Os membros gigantéos occupariam
Maior espaço do ar, maior da terra;
Inda mais dilatara a boca enorme,
Retorcera inda mais os negros olhos,
Das procellas horrísonas toldado.
Nas columnas de neve encantos novos,
E no raro sendal tu, Cypria deusa,
Ás amorosas sedes esquivaras,
Sem tolher invasões ao pensamento.
Mais pathetica Ignez, Ignez mais bella,
Entre os penhores seus, entre os filhinhos,
Ou copia d'ella, ou copia dos amores,
O despiedado Affonso embrandecera.
Sim, Vincenio, a penuria, morte do estro,
Se alguns deixou viver, medrar na fama,
Genios mil, genios mil tem submergido
No pégo avaro, que as memorias sorve.
É peste, é corrupção fortuna immensa:
D'ella provêm dureza, orgulho, insania,
Que aos olhos do mortal mortaes avilta,
E outros vicios provêm: mas a ventura
Moderada, tranquilla, é dom do Eterno,
Util ao sabio, necessaria a todos.
Não póde a condição luzir sem ella,
Sem ella heróes talvez se antolham monstros;
Sem ella a flor do espirito emmurchece,
E roja o pensamento, azado a vôos.
Ah! Meus males pintei, pintando aquelles

Que urde a acerba indigencia entre os humanos;
Mas novos para ti não são meus males:
Já tens mais d'uma vez amaciado
Os agros, espinhosos dissabores,
Que dura mão fatal cravou n'est'alma;
Já tens mais d'uma vez salvado Elmano
Do abysmo em que o lançou destino adverso,
E de outro, inda mais feio, inda mais triste,
(A moral extincção, o esquecimento)
Em verso, que não morre, o preservaste,
Quando na locução, no tom dos deuses,
De thesouros da voz senhor como elles,
A Castro, insigne em letras, em virtudes,
Mandaste os fructos, que orvalhou meu pranto,
  És magnanimo ainda, és o que foste,
Eu sou inda o que fui, sou desgraçado;
E além de ser em ti character firme,
É já beneficencia em ti costume.
Musa oppressa, infeliz se acolhe a ella;
Quem seus ais enfreou seus ais enfrêe.

XVIII.

Á Illustrissima e Excellentissima Senhora D. Leonor d'Almeida, Condessa de Oyenhausen.

Queste mie carte in lieta fronte accogli,
Che quasi in voto a te sacrate io porto.
TASSO, Gerusal. Liber. Cant. I. Est. IV.

Á CANTORA immortal, deusa da lyra,
Que exprime em aureos sons, em metro augusto
O que é digno de Jove, ou digno d'ella;
Á cantora immortal, de Lysia esmalte,
A mente, e o coração consagra Elmano.
Mulher deidade! Majestosa Alcipe!
Oh grande! Oh primogenita de Phebo!
Prospére a gloria minha á sombra tua;
Abriga os versos meus, que vão meus versos
De honrosa eternidade a ti sedentos:
Aos vates parte d'ella é teu sorriso.

XIX.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, etc., etc.

(Traduzida do latim de José Francisco Cardoso.)

Com que dadiva mais valiosa podemos penhorar a republica, do que instruindo e amestrando a mocidade? Mormente nos tempos e costumes actuaes, em que ella de tal sorte se tem desmandado, que releva apurar todas as forças para abstel-a, e refreal-a?

CICERO. De Adiv. Lib. I.

QUANDO altas cousas em teus hombros pezam,
Bem que inferiores ao teu genio todas,
Mixturar intentando o tenue, e o grande,
Terei, celso varão, de insano a fama.
Porém supplice voz onde é vedada?
As portas d'ouro o céo franquea ás preces.
Um momento me basta, se um momento
Do grave ministerio extraír podes.
Lidas, cuidados meus benigno attenta;

Longo espaço aos teus olhos seja um ponto.
Dous lustros, e annos dous suei constante
Da romana grammatica no ensino,
Cançada a mão, que a puericia fére;
Cançada a mão não só, tambem com ella
Quasi desalentado o soffrimento:
Nugas grammaticaes apoucam, ralam.
E como, esquiva aos mais, me demandasse
Toda a tenra caterva adolescente,
Quadruplicada foi minha fadiga.
Do sagaz jesuita as arduas moles,
Com que oppressa jazia a mocidade,
Em terra derrubei pelas raizes.
Eis por mim floreceis, oh novas plantas,
E a seára de espinhos eis de rosas!
Barbaro outr'hora, outr'hora inextricavel,
Puz grammatica nova em plana estrada.
Nova porém não é, mas é qual fôra,
E usurpados direitos recupéra.
Se Alvares transformou (por mil seguido)
O bom methodo antigo em arte longa,
Com animo dobrado, e não perito,
Desfez-se a nuvem ja; folgai, meninos!
Mal vos pode empecer maligna turba.
Já Franco e Madureira as costas deram,
E honra a docta Minerva as plagas nossas.
Desvelado tambem, como releva,
A primaria noção da patria lingua
A's lições antepuz da lingua ausonia;
E o que aprouve partir por socios quatro

Urge (pezo de mais) meus frageis hombros;
Tornar-me benemerito da patria
Anhelou nobre ardor, que me affoguêa,
E que em mim produziu vigor, e esforço.
Algum dirá talvez — « A lei cumpriste »
Sim; mas a mesma lei, com que me argue,
Era não practicada, e não sabida.
Primeiro executor do regio mando
Fui: (mais que tenue gloria aqui me cabe!)
Muito porém me antecedêra o mando.
Quanto a sagrada voz legisladora
Impoz da molle edade em beneficio
Eu satisfiz primeiro, e só, e exacto.
O estudo essencial sois vós, costumes,
E essencial cuidado aos preceptores;
Nem cuidado mais vivo encheu minha alma.
Em curta edade, em animo recente
Proficuas instrucções melhor se arreigam.
O que se deve a Deus, e ao rei se deve,
E o que aos mais, e o que a si, o alumno aprenda.
D'aqui dimana o magistrado, o chefe;
Dimanam sacerdotes, páes, esposos,
E dimana o soldado. Em vão quizera
Projecto conceber maior, mais util,
Que dar moraes noções á mocidade;
De inteira educação provel-a, ornal-a,
Que não foi meu dever, que em mim não coube
Confesso; mas algum louvor ao menos
Resulta de applicar-lhe a mão primeiro.
Tudo, sem excepção, vai dos principios;

Pelo principio se avalia o todo:
O que mal começou, mal se adianta,
Em meio a obra vê quem bem começa.
Como por largo tempo o vaso novo
Respira os cheiros, que uma vez conteve,
Assim a mente humana aguda, attenta
As primeiras especies guarda, e zela:
Quanto mais docil o menino inclina
O pensamento ás artes, mais o p'rigo,
E o desvelo será, por que não peguem
No mimoso terreno as más sementes,
Nem sobre o fertil chão viceje o damno.
Que engenho, que vigor não têm, não gosam
Muitos, a que o vigor e engenho empecem!
No peito juvenil rapidos lavram
Os males, que tolher nem Delio pode,
O dolo, a fraude surgem; vêm com elles
A ventosa suberba, a magra inveja;
Vem outras pestes; ferve a ira, e Venus.
Os nocivos exemplos se acautelem;
Que inda tendo pendôr para a virtude,
Os tenros corações se embebem n'elles.
Da rigida moral cultor, e amante,
O serio preceptor jámais practique
O que imitar não deve o facil bando.
Vendo em quem o dirije acções louvaveis,
Nas acções d'elle, como em liso espelho,
O alumno se retrata, e se converte.
Se por ventura o crês, errar não pode
Seu habil director; ninguem mais docto,

De mais luz, mais saber ninguem no mundo.
Ao bom moderador convêm lucrosa
Tornar esta illusão, porque não fique
Inutil a pueril credulidade.
Mas de um principio só não colha os meios;
Para quantos instrue egual não seja;
Em nada cumpre tanto experta industria.
Sagaz primeiro os animos profunde;
Indague os corações, estude, observe
O que amarga ao menino, o que é suave:
Depois de lhe entender mysterios d'alma,
A varia senda trilhará sem risco.
O engenho na doctrina se vigóra;
Optima, em fim, que seja a natureza,
Falece, falecendo-lhe o preceito.
Muito aproveita que distingua o mestre
Se é do alumno abastada, ou pobre a mente;
Se é vigilante, aguda, ou frouxa, inerte.
Quem teve o dote de indole prestante
Ou nenhuma fadiga, ou pouca exige:
Este de conductor carece apenas;
Assás é signalar-se-lhe o caminho,
Qual das aves a impavida rainha,
Concebe os astros, solitario vôa.
Obra porém de natureza escassa
Com subito remedio se melhore
Por mão, que as artes próvida exercita.
Piedosa ao infeliz, que em vão forceja,
E sûa em repellir seu fado iniquo,
Preste amigo favor, e auxilio brando.

Fructos colha talvez da arvore tenra,
Que entre viçosas plantas se envergonha
Se depois da cultura esteril fica.
Os juvenis espiritos cem vezes
Com prudente soccorro em copia brotam
Riquezas até li sumidas n'elles.
Porém a multidão mais numerosa
Com que importa apurar destreza e força,
São esses em que a languida preguiça
Da natureza os dotes enxovalha.
Já placido com elles, já severo
Convêm, oh preceptor, convêm que sejas.
Uns a outros oppõe: consegue ás vezes
Briosa emulação quanto não podem
Castigos conseguir, nem ameaças.
De assiduas correcções este precisa;
Est'outro c'o louvor se persuade;
Aquelle pela mão guiar-se deve;
E ha tal, que só violencia o dobra, o vence.
Alma desasisada, incuriósa,
Porque despenderá sem lucro o tempo?
Constrangida Minerva, é tudo inutil.
Suores se não percam; longe o inepto,
E aconselhado eleja o que lhe quadre.
A frequente rigor sem fructo obriga,
E faz com que sem fructo a bilis ferva.
Horrivel aos discipulos não sejas:
Se ao grau, se ao nome de prudente aspiras,
Infundindo respeito, amor infunde.
Virtude os meios ama, odêa extremos:

Ou d'uma, ou d'outra parte há precipicios.
És de nenhum proveito aos educandos,
Com elles indulgente em demasia:
E sendo-lhes tyranno, és detestado.
Sobre esta norma impôr limites certos
Quanto é difficil, a exp'riencia o diga;
Mas as forças moraes lidando crescem.
Do custo de vencer procede a gloria;
Do vencimento leve é leve a fama.
Bahienses cidadãos, eu vos attesto:
Nada (bem o sabeis) nada omittido
Ante vós foi por mim de quanto exponho.
Da cidade e do campo aos habitantes
Lá notorio me fiz, inda que muitos
Conhecessem meu nome, e não meu rosto.
Confiar-me á porfia á prole amada
Vinham de perto alguns, alguns de longe;
E sinistra illusão nenhum cegára.
Attesto novamente os páes, e os filhos,
Eu, que a todos os graus, que ás varias classes
Dei condignos varões, idoneas almas.
De mim o altar de um Deus ministros houve;
De mim Themis, e Marte os seus houveram.
Mas não é do grammatico este effeito;
Plaga breve os grammaticos limita,
E pense o que pensar caterva illusa.
Hoje (tempo de cousas, não palavras)
Por ventura o grammatico presume,
Póde acaso ostentar, qual n'outras eras,
Sciencia universal? Ai! miserando!

A tenuidade o cinge, o prende á terra;
E qual dedalea prole os céos commette?
Mas como todavia humanas cousas
De rasteiros principios altas surgem,
Tal, similhante á base, é proveitoso
Para o grande o pequeno, o pouco ao muito.
Porque em ausonia voz se exprime o sabio?
Ella da erudição nos abre as portas;
Vós caístes por fim, Romuleas torres,
Mas a lingua formosa ainda reina:
Opulenta ás modernas communica
Suberbas expressões, de que blasonam;
D'onde vêm que de todas mãe se acclame.
Eis o merecimento, eis a virtude,
O louvor, que lhe frisa; inda que arrogue
Maior jurisdicção, mais vasto imperio,
A lingua em tenues sons tem só dominio.
Nota quanto adquirir convêm primeiro,
Oh tu, que de palavras legislando,
O grammatico assento ufano occupas.
Dou que saibas ligar vozes com vozes;
És por isso talvez capaz de tudo?
Lavras na arêa, bem que eximio sejas,
Encadeando os sons, se perspicacia,
Se criterio não tens, quando interprétas.
Este dom d'explanar é força innata;
Mantêm-se d'artes mil, se não se aprende.
Da logica primeiro o auxilio chama;
Seu facho luminoso ella te empreste,
E te doure a sentença tenebrosa,

E alcance da verdade os trilhos certos.
É de proveito aqui saber costumes,
Usos cumpre saber da antiguidade,
E o que vem dos annaes e prisca fama.
A ti, que assiduamente revolvendo
Estás os monumentos dos antigos,
É decente ignorar o que exercitas?
Tambem presta, a meu ver, que os atrios gregos,
Saûdes: este altiloquo idioma
Aos não versados n'elle esconde arcanos,
Que ao ministerio teu, sabidos, valem.
É para a lacia lingua a lingua grega
O mesmo que a latina é para as outras;
E esta, se bem que farta, deve áquella
Inda mais abundante os atavios.
As leis da elocução correr importa,
E da poesia as doces leis te encantem.
Sabem prodigios o orador, e o vate;
A todos sobre-sáem, têm força em tudo;
C'a ficção, co'a verdade imperam ambos.
Com revezado apoio ambos se alentam;
Movendo, e deleitando, o mesmo ensinam,
Postoque os leve ao fim diversa estrada.
Transmittir poderás os seus preceitos,
Se de Flacco, e de Fabio os não tomares?
Vezes mil no que lês se off'recem terras;
Mas descriptas estão; sabel-o é facil.
Mostra mappa fiel do mundo as partes;
O que é provincia, reino, o que é cidade,
O que é rio, o que é monte, e porque pede

Molesta applicação, paciencia longa,
Nome por nome collocar na mente,
Basta que observes a miudo a carta.
Nada mais infeliz e indesculpavel
Do que entender que Tauro é sempre fera,
Do que entender que Atlante é homem sempre.
Vai por culpa de equivoca palavra
Ás vezes o leitor caír no engano.
Carthago uma não foi; Beocia teve
Sua Thebas, e teve Egypto a sua:
Tu tambem, Salamina, em dobro foste.
Outros erros provêm de causa opposta:
Byzancio de dous nomes se glorîa;
Troia por muitos nomes foi chamada.
Aquelles, que alterou logar, e gente,
Cuida de os apontar aos teus alumnos,
A fim de que não tenham por diversas
As cousas, que só distam na palavra;
E as entre si remotas uma julguem.
Terra, e terra distinguam; povo, e povo;
Sua religião, e os seus costumes:
Quaes as alternações nos homens foram,
Quaes houve na moral, quaes houve em tudo:
As guerras, os tumultos; e accommodem
Os successos aos tempos. Estas cousas
Na escuridão, que lendo occorre ás vezes,
Todas puro sentido extraem do texto.
Ao preparado assim quanto não resta,
Quanto mais por saber! Trilhando aquelle,
Inda tem que trilhar mais arduo campo.

A' publica instrucção tu destinado,
É justo que enthesoures na memoria
Tudo o que Roma deu na patria lingua.
Ritos, e taboas, inscripções, medalhas,
Fastos, e a serie em fim dos escriptores.
Não só luziu na guerra a Marcia prole,
Tambem foi rara nas Palladias artes.
De Italo os netos, e o Dardanio sangue
Damnos do Fado já temer não sabem.
Acaso o Vôo dos mudaveis tempos
Ousará ser funesto aos dous luzeiros,
Emulos das estrellas, Maro, e Tullio?
Rival do Ismenio cysne, o grande Horacio
Cantou, regendo o plectro milagroso,
Cousas, em que poder não teve a morte.
Tambem sôa immortal de Ovidio o nome
Entre o nome dos tres, como elle accêzos
Do feiticeiro Amor na doce chamma?
Inda Persio mordaz argûe o povo;
Inda a Musa Aquinate os risos move,
Co'a voz cortante golpeando o vicio.
Se negros sacrilegios, se blasphemias
Nos versos de Lucrecio não fervessem,
De ler-se, e de reler-se dignos foram.
Cecilio resplandece em gravidade;
Terencio em arte; Ennio reluz no engenho;
Na facecia, no sal, tu, Plauto brilhas;
A Tacito, a Nepóte, a Livio, a Crispo
A fama em tempo algum morrer não póde.
Tu, Cesar, que altamente espada, e penna,

Honra do claro Tibre, associaste;
Vós, Senecas tambem, ambos famosos,
Gloria da Hispanha, mestres dos costumes;
E tu, Censor Catão; vós, Celso, e Cursio,
Phedro, Vitruvio, Suetonio, Estrabo,
Varrão, Lucano, Estacio, Floro, e Silio,
Quantos nas quatro edades florescestes,
Áquem da Styge triumphais da morte.
Em tanto que existir quem préze as Musas,
Em quanto houver quem cante, houver quem lêa,
Durará sobre a terra o lustre Ausonio.
Do muito, que tractou, que ha promulgado
A docta, venerandá antiguidade,
Nada Roma soffreu, que os seus calassem.
E se comtudo remanescem cousas,
Que amplamente não dê nos cultos livros,
N'elles de todas vem memoria ao mênos.
Eis sabio velador, que o radio empunha,
Estuda pelos céos, e mede os astros;
Eis outro apoz de Plinio esquadrinhando
Os bens da natureza, os dons da terra.
Alcaçares corynthios ergue aquelle;
Este absorto contempla, determina
Dos corpos gravidade, e movimento.
Um diz segredos teus, arte de Apelles;
Outro, porque milagre a pedra vive.
Que prolixa tarefa, incrivel quasi,
Um espirito só prestar-se a tanto,
A que inda os annos de Nestor não bastam!
Força é porém que o principal grangêe,

Se alta reputação lhe dá cuidado,
Se não quer (desluzindo o magisterio)
Que nas faces lhe assome a côr do pejo.
Doctissimos varões nos precederam,
Que a bem nosso aplanando alguns estorvos,
A posse d'estas luzes tornam facil.
Recorra-se a taes mestres com frequencia.
No indigente a razão póde queixar-se,
Se não busca riqueza onde se offerta,
Onde á necessidade está patente?
No mais inda toléro a mediania;
Mas ha cousa, em que só de um erro leve
Nascem mil consequencias pezarosas.
Isto, que mais e mais sondar-se deve,
É a recta moral, sciencia augusta,
Com que o mal, com que o bem se patentêa.
Estes dous eixos para nós são tudo:
As humanas acções se movem n'elles;
Mas o justo, e não justo ao vulgo escapa.
Muitas vezes o vulgo inverte as cousas,
O bom desapprovando ao mau se afferra.
Ai do menino! Que perigos corre
Se, torpemente indocta a mão que o rege,
Aos turvos olhos seus abrir não pode
O clarão da verdade annuveada?
Como, sem guia, evitará despenhos?
Ah misero!.. Ousará calcar sem guia
Duro, incerto caminho? Oh! Quantas vezes
Crendo que vai seguro, irá ferir-se
O descuidado pé na serpe occulta!

Quantas vezes insano, abhorrecendo
Por amargo o saudavel, e attraîdo
De falso nectar, beberá peçonha?
Sim, julgará plausivel o odioso;
Julgará deuses vis credores de honra;
Quando, se o preceptor morigerado
De apuradas lições o abastecêra,
Que temer não teria o debil moço.
Os que ha de folhear amplos volumes,
Detestaveis periodos encerram,
É certo; mas aqui moral colheita,
Thesouros, e virtude aqui depára.
Póde a gente sagaz do Lacio filha,
Em trabalhos sem conto exercitada,
Atrever-se a calar té onde é dado
Á razão dos mortaes alçar seus vôos,
Sem que a religião lhe esforce as azas.
O que siga o menino, o de que fuja
(Como do teu dever não te descuides)
Cada pagina ali te irá mostrando.
Um a um provarás de taes exemplos,
Qual abelha solicita, que enjôa
O succo venenoso, e sorve o grato.
A fabula tambem te é prestadia;
De brincos festivaes assucarada,
Nenhuma no que envolve, e no que engenha
Deixa de ministrar a utilidade.
Virtude e vicio esconde em varias fórmas,
Para que lucre mais quem os deslinda.
Apologos, não sois de preço abjecto.

Da locução, por dita, os urdidores
Artificio terão, que sobrepuje
Ao de envolta moral na allegoria?
Grammatica, e rhetorica ultrajadas
Antes serão por mim vezes e vezes,
Que a fabula m'exprobre um só descuido.
Bem como a casca os amagos abrange,
Das palavras o véo sentenças cóbre:
Rota a casca apparece o bom lá dentro;
E eis o que foi requinte a meus desvelos,
Inda mais que a melhor latinidade,
Que eu comtudo arreiguei nos bons alumnos.
Mas que louvor terá, que digno premio
Quem desacompanhado, e vigilante
Deveres completou de tal momento?
Minhas noutes lhes dei, dei-lhes meus dias;
Consagrados lhes foram corpo, e mente.
Tambem (o que inda é mais, e irreparavel,
E damnoso á consorte, e a mim, e aos filhos)
A saude, esta dadiva celeste,
Tambem victima foi dos meus extremos.
Para gosar-me de espaçosos dias
Houve da natureza activas forças,
Estranha agilidade em firme peito:
Mas ao nimio trabalho em fim succumbem.
Já me alaga o suor, manando em rios;
Nas frouxas vêas já me tarda o sangue.
As importunas queixas, que á velhice
A teimosa existencia vão finando,
Querem como á porfia anticipar-se,

E atado ao duro emprego me assaltêam.
Meus olhos, da vigilia resentidos,
Já se escandecem na attenção nocturna;
Co'a subita vertige o pé vacilla;
Não raro effeito, consequencia triste
De mal tedioso, que o respeito encobre.
Debaixo d'este céo macio, ameno,
(Tendo corrido Apollo as doze estancias)
Pôde refocilar-me algum repouso
O corpo entorpecido, os lassos membros.
Renascente vigor já manso e manso
As quebrantadas fibras aviventa,
E dos terriveis males, fraqueando,
Recûa pouco a pouco a turba infesta.
O que benigna paz, benigno clima
Em meu favor porém vai produzindo,
Baldado chorarei, se ao jugo acerbo
Meus dias outra vez ligados forem.
Ah! Debaixo dos pés já quasi aberto
(Mais d'um sequaz de Hyppocrates m'o agoura)
Ai! Como que o sepulchro me negreja!
Tanto, ah! Tanto infeliz n'um só não morra.
Tu, que o podes, senhor, com teus auspicios
O funereo prognostico desmente.
Uma palavra tua é quasi um fado;
Da minha redempção principio seja.
Honra, e columna immovel de altas cousas,
Que a fama tens de humano, e que a mereces;
Donativo dos céos ao luso imperio,
Tu, por quem regios dons avantajados

Té aos campos brasilicos se alongam:
Ouve as preces, que a ti com ancia elevo,
Os votos, que depois por ti munidos,
Em numen bemfeitor piedade encontrem.
Com pouco se accommodam meus desejos:
Longe cubiça van; não mais imploro
Que arrimo estavel ao caído alento.
Co'a vara redemptora em fim prendado
Se da sanguinea arêa se despede
Audaz gladiador, jámais vencido;
Se quem mavorcias leis seguiu bravoso,
Quando do grave arnez se curva ao pezo,
Com premio vai gosar de um ocio brando;
Se não ha finalmente alma tão fera,
Tão barbaro senhor, que do alimento
Prive o servo decrepito, e mesquinho;
Eu, que todo o fervor, que as forças todas
Dei de bom grado ao publico interesse,
Eu, depois de as perder, não serei digno
De que a regia clemencia me conforte?
Não me ancêe a penuria, aquelle damno,
Que tantos males persuade ás vezes:
Folguem meus dias em sereno estado.
Não só boas acções adorna o premio,
Tambem punge ao dever quem n'elle é tardo.
A mão, que bemfazeja, a mão, que justa
Do imperio maternal menêa as rédeas;
E que da mãe ao lado edades longas
Com ella sanctas leis do céo traslade;
João, cuidado vosso, ethereos entes,

Esperança da patria, amor, e escudo;
Que d'um, d'outro hemispherio annue ás preces;
Remisso á pena, aos beneficios prompto,
Com paciente ouvido, alegre face
No coração paterno acolhe o rogo.
Porém vozes mortaes em mim não ousam
Altear-se aos astriferos Penates:
Humildes sons balbuciara o medo.
Tu, dos numes interprete, que immoto
No resplendor de Phebo os olhos firmas,
No resplendor, que os meus soffrer mal podem:
Tu, que és a imagem do immortal Carvalho,
Que hoje (como elle outr'hora) Atlante luso,
Sabes d'entre a grandeza olhar á terra:
Digna-te de subir-me ao throno as preces:
Palavra tua o que refiro abone.
Não foi por anhelar torpe remanso
Que á furia me arrisquei de immensos mares:
A lhe dar exercicio não me escuso,
Se inda em mim algum prestimo sobeja;
Com tanto que meus dias não remate
De enxames pueris importunado.
E oxalá te aprouvesse, animo excelso,
Exemplo renovar inda recente!
Mas não devo esperar, obter não posso
O que outro em caso egual ha pouco obteve?
Que, se mais claros dons lhe lustram n'alma,
Não me transcende em zelo, ou no trabalho.
Ah! Que pelo futuro entrando a mente,
Como que desentranha o meu destino,

E que me ordena te anticipe as graças.
  Não, Coutinho magnanimo, eu não sonho;
A causa da razão jámais desdenhas,
E acolhidos por ti prosperam todos.
Avantajas-te em muito; mas teu genio
Em nada brilha mais, que na egualdade
Com que dá seu cuidado a mil objectos.
Negocios pezadissimos não vedam
Que incansavel philosopho, revolvas
O recatado seio á Natureza.
Aptas leis o cultor de ti recebe;
Leis o commerciante, e leis o nauta;
E a todos noute e dia és accessivel.
Os «vivas» desatando em linguas cento
Ha muito a Fama divulgou teu nome.
Sabem-no ha muito as regiões extremas;
E já no meu louvor crescer não póde.
Antólha-se aos mortaes além da méta,
Além da humanidade a gloria tua,
De Homero, e de Virgilio assumpto apenas.
  Que resta pois, senhor, quando te observo
N'esse eminente grau? Rogar aos numes
Com fervor aturado, e crebros votos
Que á dourada corrente de teus dias
Os aneis multipliquem reforçados;
Porque a prole gentil, com que te encantas,
Doce penhor da conjugal ternura,
Copia fiel dos inclytos maiores,
Comtigo rutilar no mundo vejas;
E da terra, e do céo acceita aos deuses,

Qual tu subiste convidado, suba
Ao gran cume das honras convidada.
Olhando-te qual páe meus charos filhos
(Turma quaterna) pela mãe guiados,
Hão de incessantes ajudar-me as preces:
E o Rei da eternidade, o Rei dos entes
Risonho escutará do throno immenso
Os votos, que por ti, por tua estirpe,
Por tua digna esposa aos céos voarem.

XX.

A Sua Alteza Real, o Senhor D. João Principe Regente.

Serus in cœlum redeas, diuque
Laetus intersis populo . . . .
HORAT. Lib. I. Od. II.

GRAN Principe, á Virtude, á Gloria dado,
Dado a ti mesmo, Principe ditoso,
Cujas leis para nós são leis do Fado:
Hoje, que teu natal dos céos mimoso,
Riso de um Deus, da Natureza amores,
Dourou á rosea Aurora o véo formoso;
N'este dia, que os zephyros, e as flores
Respiram divinaes, subtis perfumes,
Vestem mais lindas, mais ceruleas cores;
N'este dia, em que o sol requinta os lumes,
E a terra mil delicias alardêa,
Puras, suaves como tu, e os numes;
Em meu nome, senhor, e em voz alhêa,
Em quanto despe o globo antigos lutos,
A ti candida Musa o vôo altêa.

A ti de gratidão sobem tributos
d'onde se desparze á sombra tua
patrio genio em litterarios fructos.
Já debaixo do arnez o heróe não sûa,
Não teme o cidadão nos tristes lares,
Já do manto da morte é Lysia nua.
Voou teu grato incenso além dos ares,
Em favor do universo ergueste a Jove
Alma sublime, que merece altares.
Subito á casta offrenda o deus se move,
E a taça de um metal, que abate o ouro,
Sobre azedas nações o nectar chove.
Varre a benigna Paz diffuso agouro,
Sciencia, industria, leis desassombradas
Revolvem, qual outr'hora, o gran thesouro.
Em ocio pendem marciaes espadas,
E ornam seu ocio altisonas Camenas
Da gloria amantes, e da gloria amadas.
Teu nome é doce pezo ás ageis pennas
Com que, fitando o céo, por elle abalam
As molles virações azues, e amenas.
Principe, cujos dons nos avassallam,
Mais que um poder celeste, immenso, herdado,
Dons de bem poucos, que o poder te egualam:
N'este, por teus auspicios decorado,
Veneravel por ti, por ti brilhante,
De alta invenção deposito sagrado:
Onde é digno orgão teu varão prestante,
Que ao publico baixel em parte o leme
Volve egual, proveitoso, e vigilante:

Onde do tempo e morte as leis não teme
Espirito phebêo, canoro, ingente,
Que vôa, e canta como o cysne géme:
Onde illustrado circulo altamente
Pensa, e revolve o que ás sciencias preste,
E o que á lustrosa patria o brilho augmente:
Aqui de extranho adorno se reveste
Phrase, que elevo ao solio, que glorîas,
Principe amavel, dadiva celeste:
Acolhe affectos, que nas almas crîas,
Honra-me a condição, meu fado emenda;
E olhos serenos, como o são teus dias,
Firma na ingenua, respeitosa offrenda.

XXI.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Ayres de Saldanha e Albuquerque, Conde da Ega, etc., etc.

Se a luz, claro Saldanha, a luz sagrada,
Que aos vates escandece o peito, a mente,
Em grau crédor de ti me affogueasse;
Ou como a grande, a majestosa Alcipe,
Com pejo d'existir cá onde ha morte,
Ousára demandar no affouto adejo
Plagas immensas, onde tudo é vida;
Se dando á Natureza um novo cysne,
Qual o Ausonio cantor, maior que a Fama,
Ante Phebo, entre as Musas, entre arcanos
Provasse que, rompendo as leis da Sorte,
Estro os entes mortaes gradûa em numes:
Cousas ao vulgo extranhas me escutáras,
Versos, antes milagres de harmonia!
N'alma, no coração, na voz d'Elmano
Fados, visões, oraculos fervendo,
Qual se abrira a teus olhos aurea scena
No espaço do porvir, delicias toda!

Tal que Jove no Olympo a gosa apenas!
Viras em quadro de atiladas côres
Alem do ameno, genial teu dia,
Amor á frente dos louçãos Prazeres
Entre o susurro dos sorrisos brandos,
Nas azas de Hymenêo co'as lindas Graças
Crestar sabéo perfume ao som dos hymnos,
D'est'arte remontando o doce metro:
Um sorriso d'amor seculos vale,
Mil momentos d'amor a eternidade.
Viras de dia em dia os cofres d'ouro
No seio animador de quanto existe
Volvendo, revolvendo a Natureza,
A vêr se no fervor, se nos transportes
Com que de ethereos dons, com que d'encantos,
(Ignotos aos mortaes) ataviara
D'alva Julina o divinal composto,
Houve encanto, houve dom, que lhe escapasse;
Porque ás vezes do ardor provêm descuidos:
Viras com que altivez, depois do exame,
A mãe universal desenganada
De haver subido ao cume a gloria sua
Nas altas perfeições da semi-deusa,
Ufanos olhos em teu gesto attentos,
Fitos nos olhos teus de amor fulgentes,
Te dizia, apontando á bella esposa:
« D'esse thesouro meu só tu és digno. »
Ah! Que attracção, senhor, se o pensamento
De lugubres phantasmas carregado,
Dos males sacudindo o luto, o pezo,

Fora capaz em mim de alçar-se a tanto!
Oh nova irman de Phebo! Alcipe, Alcipe!
Musa do Tejo! Altisona cantora!
Contra o gelo tenaz, que sobre esta alma
A amenidade, o viço ao genio mirra,
Tu manda, tu despede um raio, um raio
Do immenso, eterno sol, que em ti reflecte!
Dá-me effluvios subtis da accêza idéa,
(Confidentes dos numes, prova sua)
Idéa, onde em tropel mysterios andam,
Portentos com portentos se encadêam;
Nos céos, na terra como entórna os dias,
E sempre o mesmo, e novo o gran planeta
Opulento de si surge, e resurge.
Tal podes atear-me a sacra flamma,
E, deusa, quasi um deus tornar Elmano!
Invocados por mim teus dons, teu nome,
Depondo a sanha, as rugas aplanando
O terrivel sobr'olho de meus Fados,
Fertil de assombros me erguerei na Fama,
E se é possivel cantarei comtigo
Julina, teu penhor, delicias tuas,
E o grande coração, de Amor valido,
Não só da humanidade ornato, apuro,
Fonte não só de perennaes virtudes,
Mas digno até da lyra, até do canto
Com que domas o Tempo, a Morte, o Lethes.

XXII.

Ao Senhor Gregorio Freire Carneiro.

A Freire bemfeitor, ao charo amigo,
A aquelle, que mil vezes tem salvado
Do pégo da indigencia o triste vate,
Versos do coração Bocage envia.
Versos do coração não se guarnecem
Do falso adorno de atiladas vozes;
Filhos da Natureza, a mãe simelham,
Correm serenos, apraziveis, puros,
Por leito egual, por limpidas arêas,
Derivam-se de amor, e amor procuram.
Quaes os affectos meus, taes são meus versos;
A nivea candidez os purifica,
O lustre da amisade os abrilhanta:
Assim de quando em quando os não turvasse
Denegrido vapor, que as almas tolda,
Halito infausto, que dos labios feios
Sobre meus dias a Tristeza espalha!
Elle inda ha pouco me turvou na mente

Mimos das Graças, mimos dos Amores.
Marilia, gloria tua, e gloria d'elles,
E como a d'elles mãe, primor, e extremo
De encantos, de attractivos, outra Venus,
Deusa nos olhos, nos sorrisos deusa,
Marilia, doce ardor de teus sentidos,
Seu dia genial, seu aureo dia
Viu ha pouco outra vez luzir no pólo:
E eu, a cantal-o affeito, — eu, que me honrava,
Unindo o claro objecto aos sons da lyra,
Eu tremi, desmaiei, caî na empreza,
Que audaz tentára, que feliz cumprira.
Prestante amigo! Á minha dôr perdôa;
Já de usado a gemer cantar não posso,
Sei versos de tristeza urdir sómente;
Só versos quaes escrevo, e quaes te envio,
Não, como os prometti, serenos, puros:
No começo a Desgraça o turvo alento
Sobre elles esparziu, e os fez tão tristes.
Pela voz da indigencia elles te imploram;
Tu, que sempre magnanimo os ouviste,
Dá-lhe a resposta, que lhes sempre has dado,
O soccorro efficaz, com que aligeire
Dos agros dias meus o ferreo pezo.

XXIII.

Ao Illustrissimo Senhor José Caldeira D'Ordaz e Queiroz, Barão de Castello-Novo etc., etc.

Ao que luziu na fama, honrando a patria
Co'as artes marciaes, que a patria munem,
E os dons com que Minerva illustra o globo;
A aquelle, que depondo o terreo nada
É scentelha da luz, que fórma os astros;
A aquelle, em cujo espirito apurado
Reflecte um sol immenso, um dia eterno;
Ao sublime D'Ordaz, ao genio grande
De que és herdeiro em titulo, em virtudes,
Esta não baixa offrenda eu destinava,
Grato aos sorrisos, ás caricias grato,
Com que em mais doce, mais serena edade
Cingiu nos braços a innocencia minha.
Os Fados (ah!) vibrando a ferrea dextra,
Os Fados avarentos o arrancaram
D'entre os mortaes, que honrava, e que instruía;
Mas D'Ordaz vive em ti; D'Ordaz, e a gloria
Nos seus (sendo qual és) heróes não morrem;

E o que na voz commum de ti resôa
Exige do philosopho, e do vate
Feudo, que honra o que o dá, e o que o recebe.
A ti, e aos manes do guerreiro illustre,
Vai pois minha oblação, composta de hymnos
Não indignos de ti; — que as Musas viram
Sorrir-se para alguns a Eternidade:
Teu solido favor lhe altêe o preço,
E todos ficarão credores d'ella.

XXIV.

Ao Senhor Francisco de Mendonça Arraes e Mell

CHARO, amavel Mendonça, o teu Bocage,
O terno amigo teu, que em aureos dias
Momentos festivaes gosou comtigo;
O vate, que em teus lares, que a teus olhos,
E á face do immortal, canoro Ismeno,
Foi cysne junto a cysne, e deu taes vôos,
Que as azas do improviso o céo roçaram:
Por milagre, talvez, de Armania bella,
De Armania tua, cujos dons são numes,
Numes, que inspiram mais denodo á mente,
Mais vida ao coração, que as deusas nove,
Ellas doce chiméra, elles verdade:
Elmano, o triste Elmano hoje deplora
Esse tempo em que riu: memoria acerba
É para o mal presente o bem passado:
Horas, de que o prazer foi lindo esmalte,
Trajando negra cor me pousam n'alma:
O mixto da existencia é riso, e pranto;

Se delicias gostei, martyrios provo.
Ferem-me os cem punhaes do rheumatismo
(Prole fatal da natureza infecta)
E em cada sensação, que vale a morte,
Mingûa, e se evapóra o soffrimento.
Desvalido, infeliz a ti recorro,
A ti, que vezes mil ás mil tormentas,
Aos mil naufragios meus tens sido o porto.
No pégo do infortunio, em que vagueio,
De novo em torno á mim procella horrenda
Das azas infernáes sacode a noute,
E arte, força, baixel aos Euros cedem.
Com próvido favor, com mão piedosa
Imita os numes, auxilia Elmano.

XXV.

Ao Senhor Antonio Bersane Leite.

Os Amores ha muito, ha muito as Graças,
E a deusa d'elles mãe, mãe dos teus versos,
Instam que á patria os dês, que os dês á fama.
Tarde cedeu Tionio á voz divina;
Tarde, que vezes cento a Paphia turba
(Nas horas brandas, em que aos ais me acode)
Carpindo-se de ti, me disse, oh vate:
« O ingrato, que inspirâmos, foge á gloria,
Ao publico louvor se esquiva, e furta.
Grinaldas de amaranto, e myrtho, e rosas,
Dos maternos jardins por nós colhidas,
Soffre que as murche, que as definhe o Tempo,
Na fronte, onde borbulham, fervem, brincam
Gentis idéas, e expressões mimosas.
Aos numes do prazer, de Cypria aos filhos,
Que para eternizal-o os sons lhe deram,
Remisso e desleixado assim responde!
Os deuses nos mortaes, que mais amimam,
Ás vezes corações de ferro encontram!

Cantor de Teios, os teus versos vivem,
Vivam com elles de Tionio os versos;
E o numen falador, que gira o globo,
N'elle esparzindo-os, amacie as vozes,
Colha brandura do amoravel canto.»
Assim, queixosos da tenaz modestia
Com que teu nome a teu louvor negavas,
A rosea, tenra face os deuses nossos
De aljofar mavioso humedeciam.
Em fim, cedeu Tionio á voz divina:
Já vê com gloria o litterario mundo
Que brilha um genio mais no céo das artes.
Versos formosos, adejai sem susto,
Meigos Amores, escoltai-lhe o vôo.
Embhora ladre o Zoilo, embhora os morda
Dente canino d'Aristarco inerte.
Os fins se frustrem da escumante Inveja,
Que no seu nada quer sumir o engenho,
Roer-lhe, apodrentar-lhe a flor, e o fructo.
Prole dos numes, quasi nume o vate
Vive no tempo, na memoria vive;
E vai do tempo, e da memoria aos astros
Converter-se em porção da eternidade.
Oh seculo ferrenho, a teu mau grado
Ha quem preze a razão, quem preze as artes,
Ha mão, que avive, e galardôe o genio!
Folguem de Phebo espiritos mimosos,
Folga, Tionio, seu querido alumno!
D'entre as furnas da Invèja, ou tarde, ou cedo,
Surge a Gloria em triumpho, e nunca morre.

XXVI.

Ao Reverendissimo Padre Mestre Fr. José Harianno da Conceição Velloso.

Qual d'entre as rotas, naufragas cavernas
Do lenho, que se abriu, desfez nas rochas,
Colhe affanoso, deploravel nauta
Reliquias tenues, com que a vida estêe,
Em erma, ignota praia, a que aboiaram,
E onde a custo o remiu propicia antena:
Tal eu, que da existencia o pégo, o abysmo
(De que assomam, rebentam, surgem, fervem
Rochedos, escarcéos, tufões, e raios)
Tal eu, que da existencia o mar sanhudo
Vi romper meu baixel, e arremessar-me
A inhospitos montões de extranha arêa,
Triste recolho os miseros sobejos
Com que esvaîdo alento instaure, esforce,
E avive os dias, que amorteço em magoas.
Em ti, constante, desvelado amigo,
Demando contra a Sorte asylo e sombra:
Oh das Musas fautor, de Flora alumno!

(Rasgado o véo da allegoria) estende
Ao metro, que desvale, a mão, que presta.
Se azas lhe deres, em suave adejo
De Lysia ao seio, que a virtude amima,
D'ella cultores, voarão meus versos,
E o patrio, docc amor, ser-lhe-ha piedoso.

XXVII.

Ao Senhor Antonio José Alvares.

(Em resposta de outra.)

Foi lida, foi relida, e grata, e doce
D'Elmano ao coração, já murcho em magoas,
Epistola gentil, com que revestes
A Razão de harmonia; é ouro o estylo,
Sentimento a moral, ternura o metro,
Amor uma virtude, um céo belleza.
  Candido cysne, de recentes plumas,
Alças ditoso adejo em ares novos,
D'onde sem conto os Icaros baquêam:
De Phebo nos jardins és tenro arbusto,
Que já com fructos lisonjêa o gosto.
Natureza é terreno, arte é cultura;
Esta lavre, amacie, adube aquella;
Medre engenho novel co'as leis de Horacio,
Thesouros da razão: Lê, pensa, escreve,
E cedo, em torno a ti latindo os Zoilos,
Tentarão denegrir-te, hão de illustrar-te.
Agro, difficil, ingreme, espinhoso

O espaço, que nos sobe ao grau de vates,
Pouco a pouco, em lições, que o genio guiam,
Se vai desempeçando, e vai polindo,
Até que lá no cimo é flores todo.
Tu de razão, de sentimento abundas,
Estro possues, experiencia gosas;
Arte não tens; — o que não tens grangêa.
Taes noções extraîu da mente a custo
Elmano, o preso ao leito, ou preso á morte.

XXVIII.

Ao Illustrissimo Senhor Desembargador Vicente José Ferreira Cardoso da Costa.

Acceito á Amor outr'hora, outr'hora acceito
Ás que os entes mortaes immortalisam,
(Digo, ás filhas de Jove, irmans de Phebo)
Elmano hoje indiff'rente a Amor, e ás Musas,
Triste no coração, nos olhos triste,
Evaporado em ais, desfeito em pranto,
Ludibrio da Fortuna, a ti recorre.
Bens, que a mesquinhas mãos confere ás cegas,
Que a torpes Cressos o character douram,
Pela deusa falaz me são negados;
Fogem lucrosos fins a honrados meios:
Eu sou puro, oh Vincenio, honrado, e livre;
Eu jus não tenho em seculo de infamias
A dadivas, que a Sorte aos vis outorga.
Eu só canto á Virtude, a ti, e a poucos:
Tu amas a razão, tu crês na gloria;
És philosopho, és vate: — em Roma, em Grecia
Volvendo altos annaes com mão nocturna

Bebeste exemplos de virtude excelsa,
Que teus nativos dons fortaleceram.
Muito ha que o Tejo te cubiça ao Douro:
Se quaes teu genio teus destinos fossem,
Nas margens do Ulysséo, ceruleo rio,
Aos mil, aos bandos nadariam cysnes,
Trinando sem morrer canções mimosas.
Eu, não cysne, talvez, mas eu não corvo,
Com voz não desabrida, e não rouquenha,
Ao philosopho, ao vate usado abrigo,
Benefica piedade ancioso imploro.
Mando a teu coração meus ais, meu rogo;
Ouve-os, attende-os, e outra vez minora
Origem triste, que os extráe do peito.
Tu ao naufrago Elmano és porto amigo;
Vou colhêr no teu seio errantes velas,
Antes que alto escarcéo me sorva o lenho.

XXIX.

Euphrasia a Râmiro.

(Traducção.)

Adorado Ramiro, em fim triumphas!
Meu remorso expirou, de Amor sou toda;
De seu facho o fulgor meus passos guia;
O pharol da Razão dá luz mais frouxa.
Repousa a doce paz dentro em meu peito:
Quem póde, sendo réo, ser tão ditoso?
Criminosa não sou: — do amante o crime
Está no pouco amor, ou na inconstancia.
Para sempre te adoro, a ti me entrego,
Outro bem para mim não ha no mundo,
Nem socego enfadonho; errada eu cria
Que era immortal brazão ser insensivel:
Tu me desenganaste; um brando raio
Solto dos olhos teus, brilha em minh'alma.
Perdôa (charo amante) ao susto, ao pranto,
Aos timidos abraços, que afrouxava
De um dever inventado a turva idéa:
Perdôa a aquelles ais, que me voavam

Do seio do prazer; na flor dos annos
Não é licito o medo, em quem succumbe
Aos transportes d'amor, ás leis d'amante?
Este suave instincto irresistivel
Se converte em temor, antes da posse:
Estes promptos, e incognitos desejos,
Se as paixões se vigoram, alvoroçam
As molestas lições, com que na infancia
Se vai torcendo o passo á natureza:
O mesmo, o mesmo excesso dos prazeres
Nos enche de pavor: quanto mais vivos
Então mais criminosos nos parecem:
Mas apenas o espirito começa
A conhecer o amor, e a julgar d'elle;
Apenas principia a comprazer-se
Na terna propensão, que os céos crearam;
Apenas este amavel sentimento
Rebenta, cresce, lavra, e se apodera
Das almas, que illudira a voz do Engano.
Eis cessa dos remorsos o rebate,
Eis nos apraz a languida saudade;
Só da ternura as lagrimas vertemos,
Temendo que não seja muito ardente
A paixão, que atéli nos assustava.
Sancta Religião, que trovejando
Espalhas o terror sobre os delictos!
Transportes naturaes, ingenuos, doces,
Oppõem-se ás tuas leis?. Por mais que imploro
Teu favor, tudo é vão, tudo é baldado:
Tu, sem a converter, minha alma assombras;

Suspiro, e a pezar teu, Ramiro adoro.
Deu-se a Ramiro o coração, que exiges,
Até junto do altar o escuto, o vejo:
Fala-me, insta comigo, arde, e me inflamma;
Podem seus olhos, podem suas graças
O que ameaços teus em mim não podem.
Se inutil resistencia ás vezes tenho,
É por dar ao meu bem mais um triumpho;
Porque, se em disputar-lhe os meus affectos
Lidas sempre, a victoria é sempre sua.
Dá pois ao coração, que elle domina,
Força para vencer, ou jus ao crime.
O Ente, que a amar induz, o amor perdôa.
Era no arbitrio meu não ser sensivel?
Por ventura eu sou livre? Ah! que ao supremo
Nume adoravel obedeço amando:
Sua eterna justiça eu acredito.
Elle, que move esta alma, elle abriria
Debaixo de meus pés medonho abysmo,
Por ter o atroz direito de punir-me?
Dir-me-hia ao coração, que amasse o mesmo
Que devo abhorrecer? . . . Não, não, que apenas
Meus olhos se encontraram com teus olhos,
Desusada alegria, antes celeste,
De fibra em fibra salteou meu peito:
Um poder, sup'rior ás forças minhas,
Senti, que o coração me arrebatava
Para o ligar ao teu, ao teu que adoro!
Este prazer sagrado, os meus transportes . . .
Nunca tanto prazer se uniu ao crime!

Até, para lograr maior triumpho,
Meu disputado amor tem contraído
As feições, o character da virtude.
Quão feliz sou, e com que gloria o digo!...
Amante, o mais amante, o mais amavel
De quantos em ternura o peito inflammam,
Tudo veiu do céo, tudo foi justo:
Alardêa, que podes, alardêa
Do encanto dos teus olhos — usa embhora
De todo o jus, que Amor te deu comigo.
Agora, agora sei que antes de olhar-te
Era a minha existencia egual á tua;
Em languidez opposta á natureza
Sem pena, sem prazer té'li jazia.
O emprego, a rapidez da mocidade
Eu ignorava, e consumia a vida
Em cuidados inuteis; os mais sacros
Deveres sem fervor desempenhava;
Como um duro senhor, como um tyranno,
O Eterno se off'recia á minha idéa,
Sacudindo o trovão, brandindo o raio....
Minha religião só era o medo.
Eu amo: que mudança, que deleite
Doura meus puros, meus serenos dias!
Quanto vejo Ramiro afformosêa:
Quando luz no oriente a fresca aurora,
Acordam meus desejos amorosos;
Quando a noute ennegrece os céos, e a terra,
Nos traz um véo, que é util aos amores.
Nos dias da aprasivel primavera

Reconditos abrigos nos off'rece
Benefica, e risonha a natureza.
Sinto-me renascer, e habîto um mundo
Brilhante, encantador, de que és adorno,
Amor, — que é obra tua... Oh! doce amante!
Que digo?.. Menos asperos e austeros
Acho os deveres meus, acho o meu jugo
Mais brando, e não me pezam tanto os ferros:
Deus um feroz despota enraivado
Me não parece já, depois que te amo.
Quanto devo prezar a illustre amiga,
A benigna matrona, em quem reside
D'estes vedados muros o dominio?
Ella em obsequio meu o horror lhe adoça.
Propicia ao nosso amor, sem que o suspeite,
Ella recompensando os meus desvelos,
O ardor, com que me esmero em agradar-lhe,
Caricias maternaes comigo exerce:
Ella me deu a conhecer um mundo
Em que vi o que adoro; — ella não arma
Das pezadas lições do rigorismo
A sisuda prudencia. Ah! N'outro tempo
Sem duvida seu peito ardeu de amores!
Se não tivesse amado, assim não fora!
Tudo pune por mim, tudo nos vale,
A sombra do mysterio nos rodêa;
Um deus há, que preside ao bem do amante.
Teu coração, e o meu só sabem d'isto:
Vivêmos para nós, sem recearmos
Olhos, a amor fataes, que nos espreitem.

Nossos desejos o segredo aviva,
E a subjeição do claustro é mais um gosto.
Quando depois de rapidos instantes
Aos fervidos colloquios da ternura
Com reciproco adeus convêm pôr termo,
Se avalia melhor um bem tão breve.
Ah! que não sabes, não, quanto te devo!
Quanto a minha eleição comigo approvo!
Não falo já das horas fugitivas,
Que no meu pensamento estão paradas;
Momentos, em que amor só é delicia,
Que se póde sentir, não definir-se.
Uma alma, que á paixão não dá descanço,
Depois d'estes momentos deleitosos,
Inda de ser feliz acha o segredo:
Quando os sentidos meus em ocio jazem,
Viva imaginação, tu vês, tu gosas;
Seu jubilo se extingue, e o teu não morre;
Comtigo meus prazeres se eternizam:
Thesouros tem amor, que duram sempre.
Na ausencia do meu bem me afferro a grata,
Á suave illusão, que m'o affigura:
Mil vezes o nomeio; as cantilenas
De que se agrada mais, são as que entôo,
E, absorto no meu bem meu pensamento,
Ás vezes a illusão suppre a verdade.
Mas que digo? Apparece, attende, acode
A quem por ti suspira, a quem te implora;
Sim; vem realisar meus ledos sonhos!
Sem temor, sem reserva, Euphrasia é tua:

Oh gloria dos mortaes, oh gloria minha!
Nunca mais me ouvirás nem ais, nem queixas,
Não tens que recear senão o excesso
Da paixão, que me abraza; aos céos o juro:
Foge dos braços meus, e n'outros braços
Vae suspirar, meu bem, se eu fôr perjura.

XXX.

Euphrasia a Melcour.

(Traducção.)

Nunca mais vos verei, olhos que adoro!
Olhos, onde colhi doce ternura!
Olhos, que para mim valieis tudo!
Suave nutrição de meus desejos!
Nunca mais vos verei!.. Que horror!.. Que idéa!
Ah! Castigais-me por amar-vos tanto?
Objecto encantador, fatal objecto,
Guiados da paixão lá te demandam
Meus ais, e cá me ficam dentro n'alma
Solitario pavor, funesto agouro
De que já para mim não ha ventura.
  Faltava-te, infeliz, seres deixada,
Faltava-te este mal depois de tantos!..
Receando que languida esperança
Affague, lisonjêe o meu tormento,
Me diz o coração (voz dura, e triste:
«Cessa de amar, oh credula, que esperas!)
Que fructo hão de render-te os vãos lamentos?
Debalde com mil votos, mil suspiros

Pelo teu surdo ingrato estás chamando;
Em rapido baixel talhando as ondas
Na patria já surgiu; descança, e folga
Ás ledas margens do agradavel Sena.
De ti não quer amor, não quer extremos
O fero vencedor, misera escrava;
No regaço da paz, em teu desdouro,
Dorme sobre trophéos, que já desdenha;
Nem se choras, ou não, sequer lhe importa....
Que!.. Traidor, e esquecido!. Ah! não, teu genio
É voluvel, meu bem, não é tyranno.
Na memoria contemplo os teus desvelos;
Que encantadores, incansaveis eram!
Amei-os, gloria minha, amei-os muito,
Para desvanecer tão grata idéa!
Estas fieis, ternissimas lembranças
Deviam converter-se em dôr, e em pranto?
Que noticia, meu Deus! que horrivel carta!
Li-a, fiquei sem voz, sem cor, sem alma.
Como que o coração, desfeito em ancias,
De mim se despegava, a ti corria!
Eis soccorros fataes, eis prompto auxilio
A vida a meu pezar me restituem:
Ufana em me sentir morrer d'amores,
Já triumphava da cruel, da triste
Precisão de carpir na tua ausencia...
E de tão fino amor é este o premio?
Não importa: eu jurei ser sempre tua,
Sempre hei de sel-o: imita-me a constancia,
Vê com rosto indiff'rente as mais bellezas.

Ah! poderás soffrer em outros braços
Paixão, que no fervôr não chegue á minha?
Mil vezes me louvaste de formosa;
Outras ha mais gentis, mas não tão firmes;
O amor, que reina em mim, não reina em outras;
E se amor se exceptua, o mais é nada.
Recorda o juramento, que fizeste
De vires consolar a amante afflicta;
Não, não sejas perjuro... Ah! Se eu podesse
Rotos os ferros d'este claustro odioso
Arremessar-me á foz do patrio Tejo,
Ninguem me detivera: em outras praias
Iria apaziguar minha amargura,
Idolatrar Melcour em toda a parte,
Renascer nos seus braços: que é, que importa
Esse bem casual, que chamam patria?
Patria é onde o prazer nos acompanha....
Sei o que digo, oh céos?.. Sei o que penso?
Ah! não quero nutrir esta esperança,
Inda que adoça o fel de meus desgostos;
Tudo quanto os distráe detesto, expulso.
Mas dize, arrebataste-me os sentidos,
Venceste-me, cruel, para entregar-me
Á desesperação, á dôr, e á morte?
Porque com mil excessos me encantaste,
Sabendo que esta ausencia era forçosa?
Porque no meu retiro escuro e feio
Me não deixaste em fim? Que atroz delicto
Commetti? De que offensa estás queixoso?
Que te fiz eu?.. Perdoa-me, querido,

Perdoa; do meu mal tu não tens culpa:
É teu fado agradar, prender vontades,
Carpir, morrer de amor é o meu fado;
D'elle formar não ouso a menor queixa,
E eis (oh céos!) o maior dos meus tormentos.
Não tenho que temer já agora a Sorte:
Que mais me ha de tramar, que novos damnos,
Se o ultimo, o peôr foi separar-nos?
Escreve-me por dó; sejam-te embhora
Molestas minhas supplicas; eu quero
Miuda relação de quantas ditas
O céo te conceder: quero gosal-as:
Mais que tudo te imploro o ver-te um dia.
Se não tentas, meu bem, ser meu verdugo,
Deixa-me conceber esta esperança:
Assim mesmo enganosa, ella me é doce.
Adeus! A carta, que a gemer te envio,
Vai de saudosas lagrimas banhada...
Não a posso acabar!.. Quanto é ditosa!
Ás tuas mãos irá; teus olhos brandos
N'ella se hão de empregar; e eu, miseravel,....
Ah! que insanias profiro! O peito abafa
De pranto, e de soluços carregado!...
A morte pelas veias me circula!...
Porém se és meu, se a lagrimas te obrigo,
Das almas fortes opporei o escudo
A quantos golpes vibre a mão dos Fados.
Sobre este coração fervei, tormentos;
Mas vinde, mas voai á triste Euphrasia
Suspiros do seu bem, thesouros d'ella.

SATYRAS.

SATYRAS.

I.

PENA DE TALIÃO.

(Ao Padre José Agostinho de Macedo.)

Tu nihil invita dices, faciesve Minerva.
HORAT. Art. Poet. v. 385.

Invidia rumpantur ut ilia Codro.
VIRG. Eclog. VII.

SATYRAS prestam, satyras se estimam
Quando n'ellas Calumnia o fel não vérte,
Quando voz de censor, não voz de zoilo
O vicio nota, o merito gradûa;
Quando forçado epitheto affrontoso
(Tal, que nem cabe a ti) não cabe áquelles
Que já na infancia consultavam Phebo.
Elmiros de Paris, Cotins, são vivos
No metro de Boileau, mordaz, mas pulchro;
Codros, Crispinos, Cluvienos soam

No latido feroz do cão de Aquino,
D'esse, cuja moral, mordendo, imitas,
E cuja phantasia em vão rastejas.
Nos igneos versos, que Venusa illustram,
Nos que de fama eterna honraram Mantua,
Envoltos no ludibrio existem Bavios,
Mevios existem; e a existencia d'elles,
Se podesses durar, seria a tua.
Refalsado animal, das trevas socio,
Depõe, não vistas de cordeiro a pelle!
Da razão, da moral o tom, que arrogas,
Jámais purificou teus labios torpes,
Torpes do lodaçal, d'onde zunindo
(Nuvens de insectos vis) te sobem trovas
Á mente erma de idéas, nua de arte.
Como has de, oh Zoilo, eternizar meu nome,
Se os Fados permanencia ao teu vedaram?
Se a ponte, que atravessa o mudo rio,
Que os vates, que os heróes transpõem seguros,
Tem fatal boqueirão, por onde absorto
Irás ao vilipendio, irás ao nada,
Ficando em cima illeso, honrado o nome,
Que em dicterios plebêos, em chulas phrases
Debalde intentas submergir comtigo?
Empraza-te a Razão; responde.... e treme!
Do philosopho a tez, a tez do amante,
Meditativo aspecto, imagem d'alma,
Em que fundas paixões a essencia minam
(Paixões da natureza, e não das tuas)
O que apparece em mim, á vista abjecto,

A mesta pallidez, o olhar sombrio,
O que preterição desengenhosa
Dos sujos trivios na linguage aponta,
Que importa, oh Zoilo, ao litterario mundo?
Que importa descarnado, e macilento
Não ter meu rosto o que alicia os olhos,
Em quanto nedio, e rechonchudo, á custa
De vão festeiro, estupida irmandade,
Repimpado nos pulpitos, que aviltas,
Afôfas teus sermões, venaes fazendas
(Cujos crédores nos elysios fervem),
Trovêjas, enrouqueces, não commoves,
Gelas a contrição no centro d'alma;
Ostentas ferreo numen, céos de bronze,
E, a cada berro minorando a turba,
Compras n'aldêa do barbeiro o voto,
Ali triumphas, e a cidade enjoas?
Tu, de cerebro pingue, e pingue face
Pharisaica ironia em vão rebuças
Com que a penuria ao desvalido exprobras:
Que tem co'a Natureza o que é da Sorte?
Ou dá-me o plano de attraír-lhe as graças
(Mas sem que roje escravo) ou não profanes
Indigencia, e moral, quaes tu não citas.
Pões-me de inutil, de vadio a tacha,
Tu, que vadio, errante, obeso, inutil,
As praças de Ulysséa á toa opprimes,
Ou do bom Daniel na terrea estancia
Peçonhas de invectiva espremes d'alma,
Que entre negros chapéos tambem negreja,

E ante o caixeiro boqui-aberto arrotas,
Arrotas ante o vulgo a encyclòpedia;
Fadas, agouras o esplendor, que invejas,
Arranhas mortos, atassalhas vivos,
Insultas a grandeza, a immunidade
Do eterno Mantuano, e dás a Estacio
Um grau, que entregue ao deus, que ardendo em estro
De Thebas o cantor tentar não ousa,
Quando á Musa da morte enfrêa os vôos,
E quer que a Eneida cá de longe adore.
  Da preferencia atroz inda não pago
Das Graças ao cultor, de Amor ao vate,
De Nasonia elegia aos sons piedosos,
Que o Ponto ouviu com dor, com magoa o Tibre,
Versos prepões, sarmatico-latinos,
Versos, que inda ao burel, e ao claustro cheiram,
E que, affrontoso a ti, de applausos c'rôas,
Só por distarem de teus versos pouco.
  Sanguisuga de putridos auctores,
Que vais com cobre vil remir das tendas,
Em quanto palavroso impões aos nescios,
E a credulo tropel roncando affirmas
Que revolveste o que roçaste apenas;
(Falo das artes, das sciencias falo):
Em quanto a estatua da Ignorancia elevas,
Os dias eu consumo, eu vélo as noutes
Nos desornados, indigentes lares;
Submisso aos fados meus ali componho
Á pezada existencia honesto arrimo,
Co'a mão, que Phebo estende aos seus, a poucos.

Ali deveres, que não tens, nem prézas,
Com fraternal piedade acato, exerço;
Cultivo affectos á tua alma extranhos,
Dando á virtude quanto dás ao vicio;
Não me envilece ali de um frade o soldo:
Ali me esforça ao genio as igneas azas
Coração bemfazejo, e tanto, e tanto
Que a ti, seu depressor, protege, acolhe;
Que em redondo caracter te propaga
A rapsodia servil, poema intruso,
Pilhagem, que fizeste em mil volumes,
Atulhado armazem de alheios fardos,
Onde a Monotonia os meche, os volve,
E onde teimosa apostrophe se esfalfa,
Já c'os céos entendendo, e já co'a terra.
Inda não me elevei do Pindo ao cume
Com fama, que assuberbe os summos vates;
Porém, graças ao dom, que não desdouras
Co'a birra estulta de emperradas trovas,
Vou sobranceiro a ti, de longe te ólho,
E na publica voz, que se não merca,
Elmano a cysne aspira, Elmiro é ganso,
É ganso, que patinha, e se enlamêa
Em podres lodaçaes, paúes do Lethes.
A circulos puerîs, a vãos Narcisos,
A Lucrecias na sala, e Lais na alcova,
E inda ás sérias do tempo os «bravos» poupo;
Insulso rythmador de facho, e settas,
Nugas não douro, não mendigo applausos
De vacuas frontes, plagiarias linguas;

Não sou, nem de improviso, o que és d'espaço!
  Claro auditorio meu, vingai-me a gloria!
Vós, que em versos altisonos mil vezes
Me vistes ir voando ás fontes do Estro,
Dizei, se me surgiram Grecia, Roma
Nas promptas explosões do enthusiasmo?
Se a razão, se a moral, se as leis, se a patria
Do metro destemido objectos foram,
Ou das Marilias de hoje o riso ensosso,
Dos olhos o commercio, e não das almas,
O melindre sagaz, lição materna,
E a mercantil firmeza, a cem votada?
Dizei.... Mas contra ti sobeja Elmano;
Teus huyvos, teus latidos não me aterram;
Sou do novo trifauce Alcides novo;
Inda não farto de arrancal-o ás sombras
As tres gargantas levarei de um golpe;
E se a canina espuma, ou sangue infecto
Monstros gerar, que multiplique a morte,
Das Furias o tição lhes tórre as frontes.
  Braveja, detractor, braveja, insano!...
Arde, blasphema em vão, de algoz te sirva
Tenaz verdade, que te róe por dentro.
Na voz deprimes o que admiras n'alma;
Se provas queres, eu te exhibo as provas
Do que teu coração desdiz dos labios.
Traze á mente o logar, e a vez primeira
Em que, dado á tristeza, e curvo aos ferros,
Olhaste, ouviste Elmano, grande o creste,
Quando inda os vôos timido soltava

Na immensidade azul, que aos astros guia;
Quando (não como por systema o finges,
Mas só da natureza endereçado)
Seguia o rasto de amorosos cysnes,
Pousando muito áquem do grau que occupa:
Ainda carecente da ignea força
Que á patria deu Leandro, Ignez, Medéa,
Antro dos zelos, de Arenêo e Argira
historia, que o sabor colheu de Ovidio,
Da dicção narrativa experta, idonea,
O mais, ás Musas grato, e grato a Lysia.
Da estancia, onde nem sempre habita o crime,
Epistola sem sal por ti guizada,
Em taes louvores incluiu meu nome:
Versos escuta, que negar não podes;
Estylo é teu, monotonia é tua;
O que n'elles se envolve, escuta, em premio
Da empreza, que tomei, de os pôr na mente:
«Do centro d'esta gruta triste, e muda,
«Fecundo Elmano, pelas Musas dado,
«O prisioneiro Elmiro te saûda,
«De teus aureos talentos encantado;
«De ti só fala, só por ti suspira,
«Em teu divino canto arrebatado....;
Quem «fertil» nomeaste, e quem «divino»
Hoje é servil, monotono, infecundo,
De texto opimo interprete engoiado?
Co'a edade e estudo o genio em todos cresce,
E em mim desfaleceu co'a edade, e estudo?
Responde ao teu juiz, ao são criterio,

Réo de leza-razão! Trazer á patria
Nova fertilidade em plantas novas,
Manter-lhe as flores, conservar-lhe os fructos,
Quaes eram no sabor, na tez, na forma,
Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,
Sem que os extranhe, os desconheça o dono,
É fadiga vulgar? Não tem mais preço
Do que esse, que os carretos galardôa
Do galego boçal nos ferreos hombros?
Verter com melodia, ardor, pureza
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos aplanando o estorvo,
De um, d'outro idioma discernindo os genios,
O character do texto expôr na glosa,
Proprio tornando, e natural o alheio,
É ser bogio, ou papagaio, Elmiro?
Confronta originaes, e as copias d'elles;
Verás se a Musa, que de rastos pintas,
No vôo altivo o Sulmonense attinge,
Castel transcende, e com Delille hombrêa.
Citas um verso mau, mil bons não citas?
Citas um verso mau, que não transforma
Em mattos os jardins? É natureza
Estarem par a par espinhos, flores.
E não sabes, malevolo, que a regra
Une a tenues objectos simples phrases?
Se imparcial, se critico escrevesses,
Centenas de aureos versos apontaras,
Sem de um só deduzir sentença iniqua.
D'Ausonia o quadro, ou venerando, ou bello,

justa, sabia mão presentarîas;
es cento blasonando ao longe
ruina immortal da excelsa Roma;
as aras carpindo Amor, Saudade,
céo medrosas lagrimas furtando;
ımigos dos homens, e aos dos numes
erra verdejando elysios novos;
ntes sem rumor, como as do Lethes,
ıales na memoria adormecendo,
marmores corinthios alvejantes
ınde Fenelon, e o grande Henrique.
rival de Virgilio (o que proclamas,
e de Galia é filho, e não de Lysia,
o seio, em que borbulham genios,
as com lingua audaz esteril d'elles)
rival de Virgilio ouvisse os versos
terprete fiel, não rude escravo,
ıra co'um sorriso uteis suores.
le ao molle Belmiro, anão de Phebo,
ıe ergues uma vez, e mil derrubas;
ao vampiro, que a ti mesmo ha pouco
endas, nos cafés deveu sarcasmos;
ao bom Melizeu, d'Arcadia Fauno,
elada existencia, e mente exhausta,
ffectas lamentar, e astuto abates,
ıor alfeloa tróca os sons d'Euterpe,
ıns da sua Euterpe, e não da minha)
ıo teu côro, de garganta indocil,
que esqueça o pygmêo no corpo, e n'alma)
los córvos de Ulysséa ao bando

Que, interpretes qual fui, d'eximios vates,
Não pagos de ir no rasto o vôo alteem:
Ou tu mesmo apresenta, off'rece á crise
De gordo original versão mirrada,
Sulcado o Estacio teu de unhadas minhas,
De muitas, que soffreste, e que aproveitas;
N'elle (oh magoa! Oh labéo!) por ti mudados
A pompa na indigencia, o luto em riso;
Mostra em teus versos as imagens suas
Tibias, informes, encolhidas, mortas:
Desdentado leão, leão sem garras,
Que á longa edade succumbiu, rugindo;
Mas leão, que de perto inda é terrivel,
E que no quadro teu vale um cordeiro.
Ousa mais: — a Lusiada não sumas,
Que o numero de versos fez poema,
Tal, que seu mesmo páe sem dor o enterra.
Expõe no tribunal da Eternidade
Monumentos de audacia, e não d'engenho;
O prologo alteroso, em que abocanhas
Do luso Homero as veneraveis cinzas,
E não de inepto, de apoucado argûas
Quem, porquè teme a queda, encolhe as azas;
Quem, de ephemeros «vivas» não contente,
Chegando a mais que tu, se attreve a menos.
Nem somente Melpomene dispensa
Gran nome, nem Caliope somente.
Como os Voltaires na memoria vivem,
Lafontaines, Chaulieus subsistem n'ella:
Todos têm nome, e grau: tu mesmo o dizes,

Contradictorio, tumido versista.
Thema, que escolhes, genero, que abraças,
Não te honra, nem desluz: no desempenho
O lustre, a gloria estão. Tem jus á fama
O vate, ou cante heróes, ou cante amores,
Com tanto que de Phebo as leis não torça,
Aos mui varios assumptos ajustadas.
Co'a materia convêm casar o estylo:
Levante-se a expressão, se é grande a idéa,
Se a idéa é negra, a locução negreje,
E tenue sendo, se atenue a phrase.
Segue o que tens de cór, mas não practicas,
Serás o que não és, o que não foste,
Quando das «Musas no Almanack» (ai triste!)
Que a par de seus irmãos morreu de traça,
Forjaste de uma freira equorea nympha,
Jacinta de um Tritão fingiste acceza:
Chamaste grande, harmonico a Lereno,
Ao fusco trovador, que em papagaio
Converteste depois, havendo himpado
Com tabernal chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orango-tango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro.
Os teus vicios em rosto aos mais não lances,
Tu, Furia, tu, dragão, que entornas peste,
Por systema, por habito, e por genio.
Os septe, que detráes, em que te aggravam?
Querias par a par subir com elles,
Nas azas do louvor a ignotos climas?
Que disseras, mordaz, quando a mimosa,

Quando a celeste Catalani exhala
Milagres de ternura, e de harmonia,
Sim, que disseras, se, ultrajando a scena,
De rouquenha bandurra um biltre armado
Ante a assembléa extatica impingisse
Solfa mazomba, hispanico bolero?
Pois isto, oh Zoilo, tão improprio fôra
Como annexar teu nome aos septe, e a outros,
Que do silencio meu não colhem manchas,
Nem carecem de mim, por si famosos,
E ha muito em lyra eterna ao polo erguidos.
Verdade! Rectidão! Vós sois meus numes!
Vê se as adoro, oh Zoilo: eu amo Alcino,
Filinto, Corydon, Elpino eu louvo;
Todo me apraz Dorindo, Alfeno em parte;
Nas trevas para mim reluz Tomino;
Nos genios transcendentes me arrebato,
Prézo alumnos phebêos, desprézo Elmiros.
De alta justiça que mais prova exiges?
Tu, que de iniquo e parcial me increpas,
Tu, que em vez de razões opprobrios vibras
Perante um mundo, que te sabe a historia!
Tu, que affeito á moral dos Tupinambas,
Tens ampla consciencia, onde Amisade,
Onde Amor, e outros vinculos sagrados
São nomes vãos, phantasticos direitos;
Tu... mas lingua de bronze, e voz de ferro
Mal de teus vicios a expressão dariam.
Indomito molosso, hardido ex-frade,
É comtigo a razão qual é co'as ondas

Arte, e saber do naufrago piloto:
Serás qual és, e morrerás qual vives.
Prosegue em detrair-me, em praguejar-me,
Porque Delio dos «prologos» te exclue;
Pregôa, espalha em satyras, em loges
Que Zoilos não mereço, e sê meu Zoilo;
Chama-me de Tisiphone enteado,
Porque em femeo-belmirico falsete
Não pinto os zelos, não descrevo a morte:
Erra versos, e versos sentencêa;
Condemna-me a cantar de Ulina, e d'annos;
Aggrega o magro Elmano ao fulo Esbarra;
Ignora o «baquear», que é verbo antigo,
Dos Sousas, dos Arraes somente usado;
Metonymias, synedoches dispensa;
Dá-me as pueris antitheses, que odeio;
D'estafador de anaphoras me encoima;
Faze (entre insanias) um prodigio, faze
Qual anda o caranguejo andar meus versos;
Suppõe-me entre barris, entre marujos;
(D'alguns talvez teu sangue as veias honre!)
Mas não desmaies na carreira; avante,
Eia, ardor, coração.... vaidade, ao menos.
As oitavas ao «Gama» esconde embhora,
N'isso não perdes tu, nem perde o mundo;
Mas venha o mais! Epistolas, sonetos,
Odes, canções, metamorphoses, tudo....
Na frente põe teu nome, e estou vingado.

NOTAS DO AUCTOR

Á Satyra antecedente.

Pagina 141 verso 5. — Quando forçado epitheto affrontoso.

O epitheto de « tolo » que na satyra me dá Elmiro.

Pag. 144 v. 10. — E quer que a Eneida cá de longe adore.

Nec tu divinam Æneida tenta.
ESTACIO, Thebaid.

Pag. idem v. 15. — Versos prepões sarmatico-latinos.

O ex-frade tem desenterrado das tendas, e lojas de confeiteiros, elegias, e outros versos de jesuitas polacos, que denodadamente prefere a Ovidio.

Pag. 145 v. 10. — A rapsodia servil, poema intruso.

« Contemplação da Natureza » poema para o auctor, e rapsodia para mim, e para todos os conhecedores.

N'esta fastidiosa compilação usurpadora apostrophe clama de seis em seis versos, pouco mais ou menos, desaloja o rancho das irmans, e fica ali como vilão em casa de seu sogro.

Pag. 146 v. 29. — Olhaste, ouviste Elmano, e grande o creste.

O satyrico, antepondo os meus versos de algum dia aos de hoje, affecta comtudo esquecer-se dos elogios, que me fez, e escreveu, sendo ainda frade graciano.

Pag. 149 v. 3. — Co'a ruina immortal da excelsa Roma.

Veja-se o poema dos « Jardins » no canto IV.

Pag. idem v. 23. — Pede ao bom Melizeu, d'Arcadia Fauno.

Elmiro, incapaz de açaimar a maledicencia, que o caracterisa, exprobra a penuria ao resequido Melizeu, em vez de lhe notar unicamente o sestro com que antepõe um pau de alfeloa ás composições Euterpicas, com que podia afamar-se entre os Hurons, mui affeiçoados a poesias d'este gosto.

Pag. idem v. 29. — Sem que esqueça o pygmêo no corpo, e n'alma.

Todos sabem a applicação antiga d'aquelle meu verso:

Quintanilha, pygmêo no corpo, e n'alma;

Se houver todavia quem a ignore, declaro que pertence a um nojento homunculo, engenhador de miudezas metricas, a quem o esquecimento de uma virgula arruinou um soneto, e que propaga, e palmêa a satyra de Elmiro; porque nunca fiz a injustiça de gabar os seus nadas. *Tantum sufficit hoc.*

Pag. 150 v. 5. — Sulcado o Estacio teu de unhadas minhas.

O indigno traductor de Estacio me rogou mil vezes que lhe castigasse a versão, onde o character e a phrase do original padecem inclemencias.

Pag. idem v. 15. — Ousa mais; a Lusiada não sumas.

Movito d'Elmiro aos seis mezes: obra em que a gloria de Camões é enxovalhada no prologo, e resarcida no mais. O auctor a sumiu.

Pag. 151 v. 16. — Forjaste de uma freira equorea nympha.

Em um dos «Almanachs» citados ha um idyllio piscatorio de Elmiro, em que uma nympha do mar se chama Jacinta; nome que, junto com a pessoa, próva o gosto do auctor.

Pag. idem v. 19. — Ao fusco trovador, que em papagaio.

Metamorphose de Lereno em papagaio, no tempo em que Elmiro almoçava com elle, e d'elle: acção que advoga pela moral do clerigo-prégador, tão superfluo como os insectos.

Pag. 152 v. 16. — Nas trevas para mim reluz Tomino.

Falo de Sanctos e Silva, cujo estro, ás vezes assombroso, o consola de um desastre como o de Homero, e Milton.

Pag. 153 v. 10. — Erra versos, e versos sentencêa.

Veja-se na satyra de Elmiro a linha —

Rasteiras copias de originaes suberbos.

II.

A Antonio Crispiniano Saunier.

(Em resposta a uma Epistola, que lhe dirigira.

Besta, e mais besta! O positivo é nada....
(Perdôa, se em grammatica te falo,
Arte que ignoras, como ignoras tudo.)
Besta, e mais besta! Na palavra embirro;
Que a besta annexa ao mais teu ser definem.
Dás-me louvor servil na voz do prelo,
Grande me crês, proclamas-me famoso,
Excelso, transcendente, incomparavel,
Confessas que d'Elmano a furia temes....
E debil estorninho aguias provócas,
Aves de Jove, que o corisco empunham!
És de rabula vil corrupta imagem;
Tu vendes o louvor, como elle as partes:
Mas elle na enxovia infamias paga,
E tu, com tustios, que aos calouros pilhas,
Compras gravatas, em que a tromba enorme
Sumas ao dia, que de a vêr se embrusca,
Qual em tenra mãosinha esconde a face

Mimoso infante de papões véxado:
Util descuido aos carceres te furta,
Á digna habitação de ti saudosa
(Digo, o Castello) estancia equivalente
Aos meritos moraes, que em ti reluzem:
De saloios vintens larapio sujo,
A gloria de teu odio restitue
A quem no teu louvor desacreditas:
Se honrada pelos sabios de Ulysséa
(De Ulysséa não só, de Lysia toda)
Galgando a Musa minha aos céos não fosse;
E se a nojenta epistola brotasse
D'entre o lameiro das idéas tuas,
Em regras, que são mais, ou que são menos
Do que exigem do metro as leis d'Apollo,
(Em regrinhas áquem, e além do metro,
Que versos hão de ser, ou versos foram,
Quando o que a Musa quer é só que o sejam)
Dissera a gente, gritaria o mundo:
«Louvado e louvador são dous patetas!»
Oh versos aleijões! De Insauro oh versos!
Prosa de toda a gente, e versos d'elle!
Fóra! Eu me benzo, eu renuncio o pacto!
Antes um corno pelos peitos dentro,
Que um verso de Saunier pelos ouvidos,
Bem que indagados de attenção miuda
Synonymo parecem «corno, e verso»
Quando em linhas venaes galegos tentas,
Teus socios, teus collegas, teus patronos;
Ou quando sem sabor, ou quando insano

Louvas de graça, e por dinheiro infamas.
(Que a resposta, eu bem sei, rendeu-te cobres!)
Falas em faxa? E com que faxa, e como!
Não sabes que, apezar da atroz gravata,
Sáe teu focinho a malquistar-te ás vezes
Com quantos olhos ha, que todos negam
Seres da especie racional primeira,
E a negra fórma macacal te impinge?
Quindorna tens, que por amor te engoma:
Tanto soffreis, oh Cotovia, oh Taipas!
Jámais se envileceu luxuria tanto,
E tanto na eleição jámais sincaste!
Só se vós por ser burro amais Insauro!
Esses podres c....., que vendem peste,
Esses, meu nome (teu trovão, teu raio!)
Esses, em sucia torpe, aonde és gente,
Meu nome, a gloria minha enxovalharam;
Que mulher de decoro, esposa virgem,
Se manchasse em te ouvir seu grau, su'alma,
O cahos volvêra, e se abysmára o globo!
Espoja-te a meus pés, baquêa, oh bruto,
E em actos burricaes o que és pregôa!
Ou da matula vil, onde patinhas,
Irás á Fama em satyras d'Elmano,
Que é peor para ti do que ir ao Lethes!

APOLOGOS,

OU

FABULAS MORAES.

APÓLOGOS, OU FABULAS MORAES.

I.

O PASSARINHO PRESO.

Na gaiola empoleirado,
Um mimoso passarinho
Trinava brandos queixumes
Com saudades do seu ninho.
«Nasci para ser escravo,
(Carpia o cantor plumoso)
Não ha ninguem n'este mundo,
Que seja tão desditoso.
«Que é do tempo, que eu passava,
Ora descantando amores,
Ora brincando nos ares,
Ora pousado entre flores?
«Mal haja a minha imprudencia,
Mal haja o visco traidor;
Um raio, um raio te abraze,
Fraudulento caçador!

«Em que pequei? Por ventura
Fiz-te á seara algum mal?
Encetei, mordi teus fructos,
Como o damninho pardal?
«Agrestes, incultas plantas
Produziam meu sustento,
Inutil aos que se prezam
Do alto dom do entendimento....
«Do entendimento! Ah malignos!
Vós, possuindo a razão,
Tendes de vicios sem conto
Recheado o coração.
«Ah! Se a vossa liberdade
Zelosamente guardais,
Como sois usurpadores
Da liberdade dos mais?
«O que em vós é um thesouro,
Nos outros perde o valor?
Destróe-se o jus do opprimido
Pela força do oppressor?
«Não tem por base a justiça,
Funda-se em nossa fraqueza
A lei, que a vós nos submette,
Tyrannos da Natureza.
«Em offensa das deidades,
Em nosso damno abusais
Da primazia, que tendes
Entre os outros animaes.
«Mas ah triste! Ah malfadado!
Para que me queixo em vão?

Que espero, se contra a força
De nada serve a razão?»
  Aqui parou de cançado
O volatil carpidor;
Eis que vê chegar da caça
O seu barbaro senhor.
  Trazia encostado ao hombro
O arcabuz fatal, e horrendo,
E alguns passaros no cinto,
Uns mortos, outros morrendo.
  Das penetrantes feridas
Ainda o sangue pingava,
E do cruento verdugo
As curtas vestes manchava.
  O preso vendo a tragedia,
Coitadinho, estremeceu,
E de susto, e de piedade
Quasi os sentidos perdeu.
  Mas apenas do soçobro
Repentino a si tornou,
C'os olhos nos seus finados
Estas palavras soltou:
  «Entendi que dos viventes
Eu era o mais infeliz:
Que outros tem peor destino
Aquelle exemplo me diz.
  «Da minha sorte j'agora
Queixas não torno a fazer:
Antes gaiola que um tiro,
Antes penar que morrer.»

II.

O LOBO, E A OVELHA.

Uma ovelha em tempo antigo
Estreita união travou
Co'um lobo: não sei que sancto
Este milagre operou.
Esqueceu-se do rebanho,
Do guardador se esqueceu,
E em companhia do amigo
Pelos mattos se metteu.
Ali a que d'antes era
Qual mansa pomba sem fel,
Pelo exemplo estimulada,
Aprendeu a ser cruel.
Apenas lhe parecia
Ter feito já digestão,
Eis prompta a comadre ovelha
Para a sanguinea funcção.
Se, vendo as prêas, não tinha
O valor de arremetter,
Ao menos, depois de mortas,
N'ellas entrava a roer.

Contemplando o fero mestre
No pervertido animal
Os progressos, que fazia
A sua eschola brutal,
De prazer, e de vaidade
Lhe pulava o coração,
E tinha á sua educanda
Cada vez mais affeição.
Mas um dia em que esfaimado
Saíu com ella a caçar,
Nem rasto do que buscava
Pôde ao menos encontrar.
Montes, valles, bosques, tudo
Fárejou, subiu, correu;
Em fim, só farto de vento,
Na cova se recolheu.
Cozeu-se á terra esfalfado,
E depois que repousou
Para a debil companheira
Os crueis olhos lançou.
«Que! (disse o mau lá comsigo)
Não ha soffrimento egual!
Hei de curtir esta angustia,
E morrer por ser leal!
«A natureza me instiga,
E devo dar-lhe attenção:
Está primeiro que tudo
A propria conservação.
«Tu, virtude, és attributo
Dos homens, dos racionaes;

Não me pertences: eu sigo
Meu instincto, e nada mais.»
N'isto, veloz como um raio,
Co'a pobre ovelha investiu,
E logo dentes, e garras
Nas entranhas lhe sumiu.
Com trémula voz pergunta
Ao desleal a infeliz:
«Porque me tiras a vida,
Ingrato, que mal te fiz?
«Que lei o rigor te ordena
A que eu motivo não dei?»
E elle sofrego responde:
«Tenho fome, a fome é lei.»
D'esta arte cevando a furia,
Não cessou de lacerar,
E, antevendo alguma urgencia,
Os ossos nús foi guardar.
Vêde, mortaes, n'este exemplo,
Exemplo cheio de horror,
O que produz a alliança
De um perverso, de um traidor.
Se os maus tiverdes por socios,
Eu fico que os imiteis,
E que lobos d'esta casta
Ou cedo, ou tarde encontreis.

III.

O AMANTE, E A BORBOLETA.

Na solidão da alta noute
Que ceos, e terra enlutava,
Lauro em seu curto aposento
Ao somno os olhos negava.
Em meza, d'onde esparzia
Candida vela o clarão,
Apoiava os frouxos braços,
E a turva face na mão.
Tinha absorto o pensamento
Nos motivos do seu mal,
Nos desprezos de uma ingrata,
Nas venturas de um rival.
De quando em quando arrancava
Das entranhas vãos queixumes,
Já pedindo a Amor vingança,
Já pedindo a morte aos numes.
Leve borboleta em tanto
Por entre os crebros suspiros,
Junto do lume ondeante
Vaguêa em rapidos giros.

Eil-a de espaço em espaço
Roçando a flamma luzente:
Dóe-se, mas que evite o damno
Cégo instincto não consente.
Cevando o fatal desejo,
Que á crua morte a conduz,
Vai, e vem, vôa, e revôa
Embellezada na luz.
Susurro, que faz co'as azas,
Quando n'ella a simples cáe,
Os olhos amortecidos
Do terno mancebo attrae.
Olha o triste, e vê o effeito
Da luminosa negaça,
Contempla o crestado insecto,
Que já languido esvoaça.
Dor de o ver n'aquelle estado
Lhe penetra o coração:
Quem ama, franquêa o peito
Facilmente á compaixão.
«Onde vás, louca teimosa?
(Grita-lhe elle) encolhe as azas,
Torna em ti; não vês, não sentes
Que te destroes, que te abrazas?»
—«E tu com que jus (diz ella)
Me increpas porque me mato?
Ah! Se em teu siso estivesses,
Viras em mim teu retrato.
«Se te expões qual eu me exponho,
Se no mesmo caso estás,

Insano, porque não tomas
O conselho, que me dás?
« Eu, e tu victimas somos
Da mais funesta loucura,
E esquecemos o perigo,
Pasmados na formosura.
« Ardes n'uns olhos, que adoras;
Eu n'esta luz, que contemplo;
Argue-te, ou não me arguas,
Emmudece, ou dá-me exemplo. »
Proficua moralidade
Deve extrair-se d'aqui:
Ninguem reprove nos outros
O que não reprova em si.

IV.

O CORVO, E O ROUXINOL.

Vinha apontando a serena
Percursora do aureo sol,
E entoava em selva amena
Um saudoso rouxinol
Maviosa cantilena.
A voz, que aos ares soltava,
Attraía o côro alado,
Que em torno d'elle pousava;
Assim não fosse escutado
De um corvo, que ali morava.
Cego de inveja, e furor,
Detestando a melodia
Do namorado cantor,
Comsigo mesmo dizia
O sinistro, o grasnador:
«Que este animalsinho encante
Tudo, apenas abre a boca,
E que eu affugente, espante
Com voz desabrida, e rouca
Quanto se me põe diante!

« Aos homens no meu pregão
Infaustos annuncios mando
(Diz a van superstição)
E tenho certa, em grasnando,
Ou pedrada, ou maldicção.
« A raiva em meu peito acceza
Com o que escuto se atiça:
Soffrer vantage é vileza;
Vou-me vingar da injustiça,
Que me faz a Natureza. »
Eis n'isto o bruto agoureiro
Para o rouxinol caminha,
Mostrando-se prazenteiro,
E á delicada avesinha
Diz com modo lisonjeiro:
« Respira tanta doçura
O teu canto, que por certo
Abranda a penha mais dura;
E assim de te ouvir de perto
Quero ter hoje a ventura.
« Não fujas, cantor mimoso,
Não te assustes, continúa.
Como o céo te fez ditoso!
Que linda prenda é a tua!
Que voz! Que dom milagroso! »
Não tendo astucia, que sonde
O projecto, que o malvado
Nas vis entranhas esconde,
Já da lisonja tentado,
O passarinho responde:

«Sejas bem vindo, que assás
Afortunado me acclamo
Em ver que attenção me dás;
Pousa aqui sobre este ramo,
E a teu commodo ouvirás.»
— «Vamos, de novo começa,
Que a teus sons o ouvido applico...»
Torna o corvo, e se arremessa,
E no torto, negro bico
O pobresinho atravessa.
Elle em tamanha afflicção
Entra a carpir-se da Sorte,
E ao invejoso glotão
Diz, sentindo já da morte
As ancias, a convulsão:
«Que fiz, que te obrigue a tanto?
Meigos amores suaves
Em doces versos eu canto:
Eu sou a gloria das aves,
Eu sou dos bosques o encanto.»
D'esta arte pediu favor
O melhor dos passarinhos,
Porém foi vão seu clamor,
Que, moendo-lhe os ossinhos,
Assim gagueja o traidor:
«Simples, vaidoso, insensato!
Devias ser mais remisso
Em produzir teu retrato:
Não te defendes com isso,
Que por isso é que eu te mato.»

V.

AS DAMAS, E A BORBOLETA.

Batendo as azinhas leves,
Matizadas de mil cores,
Ia veloz borboleta
Libar o succo das flores.
  Anhelante, cubiçosa,
Vôou a ameno jardim,
E a flor, que tocou primeiro,
Foi o candido jasmim.
  Da bonina côr de neve
Esquivou-se, desdenhosa,
Practicando egual desprezo
Co'a fragrante, idalia rosa.
  Sobre insipido, amarello
Malmequer em fim pousou,
E n'elle o vivo appetite
A mitigar começou.
  Não longe d'ali jaziam
Duas mimosas donzellas,
Taes que, a serem tres, seriam
De Venus as filhas bellas.

Tendo seguido co'a vista
Os vôos do lindo insecto,
Uma d'ellas para a outra
Disse com iroso aspecto:
«Olha a brutinha! Bem mostra
De razão não ser dotada;
Deixa o jasmim, deixa a rosa,
E do malmequer se agrada!»
Ouviu isto a borboleta,
Fitou-lhe os olhos, e assim
Co'a voz, que teve algum dia,
Perguntou: — «Falais de mim?
«Suppondes extravagante
A escolha, que tenho feito?
Ah vaidosas! Que não vedes
Vosso principal defeito!
«Despi, loucas, o amor proprio,
E depois conhecereis
Que falais contra vós mesmas
No que contra mim dizeis.
«Quem faz mais errada escolha
Que a mulher? Sendo a melhor
De todas as creaturas,
Sempre se inclina ao peor;
«E só nutre, só conserva
Amor firme, ardente, e liso
Se encontra no objecto d'elle
O nome da flor, que pizo.»

VI.

O LEÃO VENCIDO PELO HOMEM.

(Traduzido de Lafontaine.)

Poz-se em venda uma pintura,
Onde estava figurado
Leão de enorme estatura,
Por mãos humanas prostrado.
Mirava a gente com gloria
O painel; eis senão quando
Um leão, que ía passando,
Lhe diz: » É falsa a victoria.
« Deveis o triumpho vosso
Á ficção, blasonadores;
Com mais razão fôra nosso,
Se os leões fossem pintores. »

VII.

A RAPOSA, E AS UVAS.

(Traduzido do mesmo.)

Contam, que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Vio rôxos, maduros cachos
Pendentes de alta latada.
De bom grado os trincaria;
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse: «Estam verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar.»
Eis cáe uma parra, quando
Proseguia o seu caminho;
F crendo que era algum bago
Volta depressa o focinho.

VIII.

O CORVO, E A RAPOSA.

(Traduzido do mesmo.)

É fama que estava o corvó
Sobre uma arvore pousado,
E que no sofrego bico
Tinha um queijo atravessado.
Pelo faro áquelle sitio
Veiu a raposa matreira,
A qual, pouco mais ou menos,
Lhe falou desta maneira:
«Bons dias, meu lindo corvo;
E's gloria d'esta espessura:
E's outra phenix, se acaso
Tens a voz, como a figura.»
Á taes palavras o corvo
Com louca, extranha afouteza,
Por mostrar que é bom solfista
Abre o bico, e sólta a presa.
Lança-lhe a mestra o gadenho,
E diz:» Meu amigo, aprende
Como vive o lisonjeiro
Á custa de quem o attende.

« Esta lição vale um queijo,
Tem d'estas para teu uso. »
Rosna então comsigo o corvo
Envergonhado, e confuso:
— « Velhaca! Deixou-me em branco,
Fui tolo em fiar-me d'ella;
Mas este logro me livra
De caír n'outra esparrella. »

IX.

A CIGARRA, E A FORMIGA.

(Traduzido do mesmo.)

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão,
Achou-se em penuria extrema
Na tormentosa estação.
Não lhe restando migalha,
Que trincasse, a tagarella
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto d'ella.
Rogou-lhe, que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza, e brio,
Algum grão, com que manter-se
Té voltar o accezo estio.
« Amiga (diz a cigarra)
Prometto á fé de animal
Pagar-vos antes de Agosto
Os juros, e o principal. »
A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso ajunta:

— « No verão em que lidavas ? »
Á pedinte ella pergunta.
Responde a outra : « Eu cantava
Noute e dia, a toda a hora. »
— « Oh bravo ! (torna a formiga)
Cantavas ? Pois dança agora. »

X.

A MONTANHA, QUE PARE.

(Traduzido do mesmo.)

Começou a berrar com dor de parto
Certa montanha, e fez tamanho estrondo,
Que acodiu muita gente, a qual suppondo
Que d'ali nasceria uma cidade
Maior do que París, eis nasce um rato.
Quando por esta fabula discorro,
E observo que o sentido é verdadeiro,
Logo se me afigura auctor inchado,
Que diz: «Eu cantarei a horrivel guerra,
Com que os filhos da terra
Sacrilega invasão nos céos tentaram,
E a Jove assuberbaram.»
Promette grandes cousas, cousas bellas;
Que produz? — Bagatellas.

XI.

O LEÃO VELHO.

(Traduzido do mesmo.)

Decrepito o leão, terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrepidos tornou sua fraqueza.
Eis o lobo c'os dentes o maltracta,
O cavallo c'os pés, o boi co's as pontas,
E o misero leão, rugindo apenas,
Paciente digere estas affrontas:
Não se queixa dos fados; porém vendo
Vir o burro, animal de infima sorte,
«Ah vil raça! (lhe diz) morrer não temo,
Mas soffrer-te uma injuria é mais que morte.»

XII.

O LEÃO CAÇANDO COM O BURRO.

(Traduzido do mesmo.)

Fez annos o leão, quiz ir á caça,
E a d'elle não costuma ser escaça:
Não consiste em pardaes, em bagatellas,
Mas em bons javalis, e em corças bellas.
O rei dos bosques próvido, e discreto,
Para sortir effeito o seu projecto,
Chama o burro, animal de voz não fina,
E o burro vai servir-lhe de bozina.
Elle ao posto o conduz, cobre-o de ramos,
Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos
Crê que inda os mesmos brutos, que dão provas
De atroz braveza, fugirão das covas.
Não era aquella tropa ainda usada
Ao fragor de asinina trovoada:
No ar o espantoso orneio em fim resôa,
Vaga o terror, e as grutas despovôa:
Tremendo, a turba agreste alonga o passo;
Foge tudo, e fugindo, eis cáe no laço,

Onde os espera a garra penetrante.
« Então, que tal, que tal? Não sou chibante? »
(Diz o burro ao leão, co'a fronte alçada,
Arrogando-se a gloria da caçada.)
— « Trôas (volta o leão) trôas deveras,
E se não conhecesse quem tu eras,
Eu mesmo com teus zurros me assombrava. »
O burro, se podesse, resmungava,
E tinhamos harenga, inda que havia
Motivo para aquella zombaria;
Pois quem ha de soffrer, quieto, e mudo
Que um, que não vale nada, arrote em tudo?
Quem soffrerá que audacia o burro affecte?
Character fanfarrão não lhe compete.

XIII.

O CÃO E A CADELLA.

TINHA de uma cadella um cão fome canina,
Elle bom perdigueiro, ella de casta fina:
Mil foscas lhe fazia o terno maganão,
Mas gastava o seu tempo, o seu carinho em vão.
Dando no chichisbéo dentada, e mais dentada
A femea parecia uma cadella honrada,
E incapaz de ceder ás pretenções de amor:
Mas o amante infeliz em fim foi sabedor
De que a mesma em que via acções tão desabridas
Era co'um torpe cão fagueira ás escondidas.
Se és sagaz, meu leitor, talvez que tenhas visto
Cadellas de dous pés, que tambem fazem isto.

XIV.

O CORVO, E O PAVÃO.

Passeando o pavão com ufania,
É fama que dissera ao corvo um dia:
« Repara quanto devo á natureza,
Olha que lindas côres, que viveza!
Que adorno, que matiz! Olha este rabo!
Em mim não ha senão; e tu, diabo,
Negro como um carvão, como um bisouro,
Inda és, de mais a mais, ave de agouro! »
O corvo, que na lingua não tem papas,
Lhe responde: — « Essas pennas são mui guapas;
Mas, para refrear teu desvario,
Observa d'essas pernas o feitio. »
Aînda (quem dará credito a isto?)
As pernas o pavão não tinha visto;
Mas que muito, se ha gente, e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave?

XV.

O CÃO DE FRALDA, E A RAPOSA.

N'um dos pés arranhado um cão fraldeiro
Temeu chegar ao transe derradeiro;
O medico chamou, poz-se de cama,
E a dor encareceu como uma dama;
(Porque n'este melindre, ou n'esta balda,
Uma dama equivale a um cão de fralda.)
Era então a raposa arteira, e fina,
Entre os brutos doctora em medicina.
Entrou n'um passo grave, um ar sisudo,
E em tom de quem dizia: — Eu saro tudo! —
Tendo-lhe visto o pé, que lhe doía,
Perguntou ao doente o que sentia.
Depois de se esfalfar com fofa prosa,
Concluiu: » A doença é perigosa;
Mas hei de conseguir a grande empreza
De ajudar, ou vencer a natureza. »
É certo que logrou tão alta sorte,
É certo que a venceu, mas foi co'a morte.
Tendo emplastros, e purgas decretado,

E com mil beberagens misturado
Mil gordos aphorismos de Avicena,
Ou de Averroes, seguiu-se-lhe a gangrena,
Que tornando mortal a arranhadura,
O cãosinho encaixou na sepultura.
Assim que o duro medico feroz
O mandou visitar a seus avós,
Sem pejo, sem temor, sem pranto, ou ais,
A paga foi pedir aos tristes páes.
Clamaram: — « Inda a terra te não traga!
O filho nos mataste, e queres paga!... »
— « Que! (responde a raposa) Ora essa é bella!
E o trabalho, que eu tive, é bagatella?
Dar vida não está na nossa mão;
Tanto nos rende o morto como o são. »

XVI.

O MACACO DECLAMANDO.

Um mono, vendo-se um dia
Entre brutal multidão,
Dizem lhe deu na cabeça
Fazer uma prégação.
Creio que seria o thema
Indigno de se tractar;
Mas isso pouco importava,
Porque o ponto era gritar.
Teve mil vivas, mil palmas,
Proferindo á boca cheia
Sentenças de quinze arrobas,
Palavras de legua e meia.
Isto acontece ao poeta,
Orador, e outros que taes:
Nescios o que entendem menos
É o que celebram mais.

XVII.

OS DOUS BURROS, E O MONO.

Um burro lançado á margem
Ostentava de talentos;
Moía um seu camarada,
Exemplar dos pachorrentos.
  Zurrando conceitos graves,
Como quem fala, e não pensa,
Cumprîa o rifão do vulgo
—Tal cabeça, tal sentença.—
  O trumbudo companheiro
A longa orelha abaixando,
Sem lhe responder palavra
Ia ouvindo, ia pastando.
  «És bruto! Não me respondes?
(Diz o orelhudo doctor)
«Envergonho-me de sermos
Eguaes na forma, e na cor.»
  Extranhando-lhe a basofia
Um mono dos mais astutos,
Que n'uma arvore trepado
A alliviava dos fructos,

Co'uma gargalhada exclama:
«Não verão quem alardêa!
Burro com fumos de mestre!
Isto é cousa, que se creia!
«Não zombes d'esse coitado,
Faz bem em não responder:
Um tolo só em silencio
É que se póde soffrer.»

XVIII.

OS CÃES DOMESTICOS, E O CÃO MONTANHEZ.

Affirma escriptor antigo
Que lá n'um grande sertão
Tres cães perdidos na caça
Viram sósinho outro cão.
Que este era cor de azeviche,
Aquell'outros cor de neve
(Porque isto faz muito ao caso)
Primeiro notar-se deve.
Nascêra de lans forrado
O tal cão, e era montez:
Tinham pello muito fino,
E eram da cidade os tres.
Um d'elles, o mais disposto
A fazer qualquer aggravo,
Disse para o bom camponio:
«Oh amigo, és nosso escravo.»
Ao som do termo affrontoso
Que os ouvidos lhe offendeu,
O rustico alçou a orelha,
Rosnou, e se enfureceu.

Queria lançar-se a elles,
Mas tinha ouvido uma vez:
— Nem Hercules contra dous,
E inda menos contra tres. —
Em fim, co'um ar espantado
Lhes disse o pobre lapuz:
« Eu captivo! Porque crime?
Vós senhores! Com que jus? »
O valentão já citado
Dá um pulo, e de repente
Ao miseravel responde,
Arreganhando-lhe o dente:
« O nosso jus é a força,
O teu delicto é a cor. »
De homens pretos, e homens brancos
Cuido que fala este auctor.

XIX.

O LOBO, A RAPOSA, E A OVELHA.

—

Estando o lobo doente
Sem se poder arrastar,
E em necessidade urgente
De exercer, de ensanguentar
O rijo, faminto dente:
  Ao ver entrar pela gruta
A raposa a visital-o,
Lhe disse: «Ai comadre astuta!
A' mingoa esmoreço, estálo,
A fome comigo lucta.
  «Tu conheces a amisade
Com que ha dous annos te tracto:
Vale-me por charidade,
Vae buscar por esse matto
Allivio á minha anciedade.»
  — «Eu vou cuidar no teu bem»
Responde o falso animal,
E parte; menos porém
Para livral-o do mal,
Que para o fazer a alguem.

De serra em serra caminha,
Até que vê desgarrada
Uma innocente ovelhinha;
«Topar-te (diz a malvada)
Foi teu bem, e é gloria minha.
«Crê que a raposa não manga,
Sou de ingenua condição;
Nenhum vivente me zanga;
Todos amo, á excepção
De galo, galinha, ou franga.
«Tanto, amiga, pôde em mim
O dó de expostas vos vêr
Aos crueis lobos, que vim
Felizmente hoje a obter
De vossos males o fim.
«Dos lobos o rei voraz
Quasi em artigos de morte,
Carpiu suas acções más;
E com piedoso transporte
Jurou ás ovelhas paz.
«Fez este promettimento
Por si, e seus adherentes;
Não receies fingimento;
Personagens eminentes
Não fazem vão juramento.
«Agora pede a razão,
Quer da cortezia o termo,
Que venhas sem dilação
Visitar o illustre enfermo
Em signal de gratidão.

«A sua cova não dista
Muito aqui d'este logar,
D'aquelle outeiro se avista:
Toca pois a caminhar,
Vem tu seguindo-me a pista.»
Aquillo, que se deseja,
Quão facil se conjectura!
A ovelha de gosto arqueja,
E, graças dando á ventura,
Vai seguindo a malfazeja.
Entram por aquelle horror,
E a conductora ladina
Vendo da ovelha o terror,
Lhe disse: «Chegai, menina,
Beijai a pata ao senhor.»
A repugnancia vencendo
Com bem custo a coitadinha,
E calada extremecendo,
Pouco a pouco se avisinha
Ao bruto feroz, e horrendo.
Vibrando os olhos scentelhas,
O tyranno lhe afferrou
Dente, e garra entre as orelhas:
D'esta arte se confirmou
A paz dos lobos, e ovelhas.
Ingenuo, tem conta em ti!
No mundo ha muitos enganos,
Eu o sei, porque os soffri:
Os bons padecem mil damnos
Julgando os outros por si.

XX.

O TIGRE, E A DONINHA.

Pezou sempre o beneficio
Porque a vaidade offendeu,
Principalmente se um grande
De um pequeno o recebeu.
Lembra-me agora uma historia
Succedida entre animaes,
Uma historia, que se applica
Bellamente aos racionaes:
Ia um tigre muito ufano,
Fiado na garra e preza,
Crendo que a tudo excedia
No reino da natureza.
D'esta idéa hallucinado
Incauta planta foi pôr
Em perfida rede, armada
Por experto caçador.
Preso, lucta sem proveito,
Tenta em vão desenlear-se,
Lida, revolve-se o bruto,
E o que faz é apertar-se.

Estancando-se-lhe as forças,
Perdida em fim a èsp'rança,
Céssa, e do peito raivoso
Horrendos bramidos lança.
Ao tempo que elle arquejava,
Por aquelle sitio vinha
Demandando agrestes fructos
A leve, experta doninha.
Estremece, ouvindo o monstro
Envolto na rede urrar;
Foge, porem curiosa
Põe-se de longe a olhar.
O tigre, que a vê, que sabe
Quanto é versada em roer,
Despe a suberba, e lhe roga
Que o venha ali soccorrer.
Tanto adoça o tom pezado
Da rude, extrondosa voz,
Que segura a desprendel-o
Parte a doninha veloz.
Affinca o subtil dentinho
No tenaz, urdido laço;
Roe aqui, roe acolá,
E o desfaz em breve espaço.
Livre das prisões apenas
A fera ingrata, e medonha,
Do que deve ao pequenino
Fraco animal se envergonha:
E accêza em feroz orgulho,
Carregando-se na fronte

(Com receio de que a triste
O caso nas selvas conte)
Deita-lhe a garra damnosa,
A debil vida lhe extráe....
Ninguem acuda ao malvado,
Se no precipicio cáe.

XXI.

OS DOUS CÃES.

Tinha dous cães perdigueiros
Certo moço caçador,
Um excellente no faro,
Outro no feitio, e cor.
Aquelle pela esperteza
Do prompto, do agudo olfato
A rola, a perdiz sumida
Desencantava no matto;
E apenas soando o tiro
Caîa a caça no chão,
Com pasmosa ligeireza
Do dono a trazia á mão.
O segundo inerte, e molle,
Que o primeiro acompanhava,
Por costume, ou arremedo,
Não por genio farejava.
Té as aves muitas vezes
Ao venatorio ruido
D'entre os pés lhe rebentavam,
E não as tinha sentido.

Mas, sendo incapaz, ao socio
Excedia na ventura,
E o nescio domno prezava
Mais que o prestimo a figura.
Assim succede, leitores,
A um sem-sabor Narciso,
N'uma assembléa com outro
De má cara, e bom juizo
Diz um d'ali: «Este amigo
É de graça e prendas cheio:»
Respondem a isto as damas:
— «Apre lá! Que homem tão feio!»
Diz outro: «Aquelle peralta
Põe mil asneiras n'um dicto:»
Acodem logo as meninas:
— «Que importa, se é tão bonito?»

XXII.

O ELEPHANTE, E O BURRO.

No tempo em que inda falavam
Os animaes como a gente,
É tradição que tiveram
Conferencia em caso urgente.
O burro, que não sei como
Se introduziu no conselho,
Quiz, fingindo-se estadista,
Tambem metter seu bedelho.
Eis n'um tom, que diferia
Bem pouco do que hoje é zurro,
Foi revolvendo a questão,
Discreteou como um burro.
Depois de lhe ter ouvido
Alguns conceitos de arromba,
O carrancudo elephante
Lhe disse, torcendo a tromba:
« Esse tempo, que tens gasto
Inutilmente em clamar,
Insensato, não podias
Aproveital-o em pastar?

« Vens affectar eloquencia,
Animal servil, e abjecto!
Um tolo nunca é mais tolo
Que quando quer ser discreto. »

XXIII.

A MONA, E O FILHO.

Mona tão horrorosa, ou mais do que o diabo,
Com calos o trazeiro, e sem cabello o rabo,
N'um moninho brincão, que tinha dado ao prelo,
Cegamente empregava o maternal desvelo;
E era a sua ternura, o seu amor tão fino,
Que nunca d'entre as mãos largava o pequenino.
Se alguma sua amiga ía fazer-lhe festa,
Dizia-lhe: « Não, não, deixe-m'o, que o molesta! . . . »
Se lhe pegava ao colo até o proprio páe,
A mãe gritava logo: « Ai! Não m'o esmagues, ai! . . . »
E com mimo importuno a rustica entretanto
Ao tenrinho animal desafiava o pranto,
Pois em beijo, e mais beijo, abraço, e mais abraço
Anciava, opprimia o filho a cada passo,
E um dia o abraçou com tal contentamento,
Que no apertão fagueiro elle exhalou o alento.
Tal (me diz a experiencia) é o zeloso amante;
Por amor importuna, enfada a cada instante;
O que quer para si do mesmo sol recata,
Por amor atormenta, e até ás vezes mata.

XXIV.

O PAPAGAIO, E A GALINHA.

Loquaz papagaio
Seccava a goela,
Soltando mil gritos
A uma janella.
  Olhou para a rua
Por onde vagava
Galinha de pôpa,
Que depinicava:
  Na lingua das aves
Co'um ar superior
Lhe deu estes chascos
O vão palrador:
  «Devéras, visinha,
Que pódes campar,
Co'a prenda galante
De cacarejar!
  «Deixando ironias,
Sempre és cousa pouca,
Não tens outro chiste
Senão essa touca.

« Depois de defunta
Só causas prazer;
Para te comerem
Te dão de comer.
« Eu em alma, e corpo
Sou ave excellente;
Não pasmas de ouvir-me
Falar como a gente? »
— « Não pasmo (responde
Dos galos a amiga)
Vilão, carioca,
Mordaz de uma figa.
« Da lingua, que allegas,
Basofia concebes?
Que importa que a fales,
Se não a percebes?
« Com isto te abates
No meu parecer;
Os tolos só dizem
O que ouvem dizer. »

XXV.

A MACACA.

Nos serros do Brasil diz certo auctor que havia
Uma namoradeira, uma sagaz bugia.
Milhões de chichisbéos pela taful guinchavam,
E por não terem aza o rabo lhe arrastavam.
Qual, caindo-lhe aos pés, de amores cego e louco
Nas cabelludas mãos lhe apresentava um côco;
Qual do assucar brilhante a sumarenta cana,
E qual um ananaz, e qual uma banana.
Ella com riso astuto, ella com mil caretas
Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as petas;
Os olhos requebrava ao som de um suspirinho:
A todos promettia o mais fiel carinho,
E se algum lhe rogava especial favor
Á terna petição dizia: «Sim, senhor:»
Mas com muita esperança o fructo era nenhum,
E os pobres animaes ficavam em jejum.
Leitores, ha mulher tão déstra, e tão velhaca,
Que n'isto lhe não ganha inda a melhor macaca.

XXVI.

O LEÃO, E O PORCO.

O REI dos animaes, o rugidor leão
Com o porco engraçou, não sei porque razão.
Quiz empregal-o bem para tirar-lhe a sorna;
(A quem torpe nasceu nenhum enfeite adorna).
Deu-lhe alta dignidade, e rendas competentes,
Poder de despachar os brutos pretendentes,
De reprimir os maus, fazer aos bons justiça,
E assim cuidou vencer-lhe a natural preguiça;
Mas em vão, porque o porco é bom só para assar,
E a sua occupação dormir, comer, fossar.
Notando-lhe a ignorancia, o desmazelo, a incuria,
Soltavam contra elle injuria sobre injuria
Os outros animaes, dizendo-lhe com ira:
«Ora o que o berço dá, somente a cova o tira!»
E elle, apenas grunhindo a vilipendios taes,
Ficava muito enchuto. Attenção n'isto, oh paes!
Dos filhos para o genio olhai com madureza;
Não ha poder algum, que mude a natureza:
Um porco ha de ser porco, inda que o rei dos bichos
O faça cortezão pelos seus vãos caprichos.

XXVII.

OS DOUS GATOS.

Dous bichanos se encontraram
Sobre uma trapeira um dia:
(Creio que não foi no tempo
Da amorosa gritaria).
De um d'elles todo o conchego
Era dormir no borralho;
O outro em leito de senhora
Tinha mimoso agasalho.
Ao primeiro o dono humilde
Espinhas apenas dava;
Com exquisitos manjares
O segundo se engordava.
Miou, e lambeu-o aquelle
Pelo vêr da sua casta;
Eis que o brutinho orgulhoso
De si com desdem o affasta.
Aguda unha vibrando
Lhe diz: «Gato vil, e pobre,
Tens similhante ousadia
Comigo, opulento, e nobre?
«Cuidas que sou como tu?
Asneirão, quanto te enganas!

Entendes que me sustento
De espinhas, ou barbatanas?
« Lógro tudo o que desejo,
Dão-me de comer na mão;
Tu lazéras, e dormimos
Eu na cama, e tu no chão.
« Poderás dizer-me a isto
Que nunca te conheci;
Mas para vêr que não minto
Basta-me olhar para ti. »
— « Ui! (responde-lhe o gatorro,
Mostrando um ar d'extranheza)
És mais que eu? Que distincção
Poz em nós a Natureza?
« Tens mais valor? Eis aqui
A occasião de o provar. »
« Nada (acode o cavalheiro)
Eu não costumo brigar. »
— « Então (torna-lhe enfadado
O nosso vilão-ruim)
Se tu não és mais valente,
Em que és sup'rior a mim?
« Tu não mias? » — « Mio. » — « E sentes
Gosto em pilhar algum rato?
« Sim. » — « E o comes? » — « Oh! Se o como!.. »
« Logo não passas de um gato.
« Abate, pois, esse orgulho,
Intractavel creatura:
Não tens mais nobreza que eu;
O que tens é mais ventura. »

XXVIII.

O ROUXINOL, O CUCO, E O BURRO.

Um cuco e um rouxinol
Tiveram grave disputa
Sobre quem melhor cantava,
Qual tinha voz mais arguta.
Junto das aves o bando,
Todas ellas mui picadas,
Fizeram que se calasse
O basofio com risadas.
Elle, pois, injuriado
« Apostem (diz) ou se calem;
E para se convencerem
Ambos ouçam, logo falem. »
O partido era prudente,
E conforme á sau razão;
Nenhum outro poderia
Melhor solver a questão.
Um juiz foi necessario
A pró de todos eleito;
Entre os burros vão buscal-o,
Dos burros o mais perfeito.

Obteve o cantor dos bosques
No cantar a primazia,
E soltando a voz do peito
Mil requebros repetia.
Depois que atroou os ares
Alumno digno de Orphêo,
Parou, e logo o logar
Ao seu contrario cedeu.
Começa o cuco a cantar
Seu «cucu» que mais não diz,
Esp'rando por fim a palma
Alcançar do seu juiz.
Feita a prova, o burro então
Esta sentença profere:
«É melhor cantor o cuco,
A philomela prefere.»
Da fabula o documento
Mostra bem que as decisões
Quasi sempre assim são dadas
Por juristas asneirões.

EPIGRAMMAS.

EPIGRAMMAS.

I.

Pediu pelo amor de Deus
Dez reis um mendigo a um nobre:
Respondeu-lhe o cavalheiro:
«Que nunca trazia cobre.»
Eis por «excellencia» o triste
Supplica nova começa;
Enternece-se o fidalgo,
Põe-lhe nas mãos uma peça.

II.

Dizem que o Caldas glotão
Em Bocage afferra o dente:
Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente!

III.

Concluiu pintor famoso
Um certo retrato humano,
E a taful sequaz de Apollo
O foi mostrar muito ufano.
Para o painel apontando
Lhe disse: «Amigo, que tal?
Deveis gabal-o, que vós
Conheceis o original.
«Foi ditosa a pincelada;
Nunca retratei tão bem,
Nunca pintei como agora!..»
Pergunta o poeta: — «A quem?»

IV.

Um chapado, um retumbante
Coriphêo de medicina
Certa menina adorava,
E adoeceu-lhe a menina.
Eis para cural-a o chamam,
Pela alta fama que tem:
Geme o doctor, e responde:
«Não vou, que lhe quero bem.»

V.

Levando um velho avarento
Uma pedrada n'um olho,
Pôz-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como um repolho.
  Certo doctor, não das duzias,
Mas sim medico perfeito,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito.
  «Dez moedas! (diz o avaro)
Meu sangue não desperdiço:
Dez moedas por um olho!
O outro dou eu por isso.»

VI.

Lavrou chibante receita
Um doctor com todo o esmero;
Era para certa moça,
Que ficou san como um pero.
  «Tão cedo! É milagre!» (assenta
A mãe, que de gosto chóra)
— «Minha mãe, não é milagre,
Deitei o remedio fora.»

VII.

Um homem, que toda a vida
Passou fomes por querer,
Co'a muita debilidade
Poz-se em termos de morrer.
Doctor, que de graça o via,
E co'a doença atinava,
Off'receu-lhe uns certos doces,
Para ver se o melhorava.
« Obrigado (eis lhe responde
O enfermo, estendendo a mão)
Dê cá.... Bom será guardal-os
Para maior precisão. »

VIII.

Estando enfermo um poeta
Foi visital-o um doctor,
E em rigorosa dieta
Logo, logo o mandou pôr.
« Regule-se, coma pouco »
Diz-lhe o medico eminente:
« Ai senhor! (acode o louco)
Por isso é que estou doente. »

IX.

(Dialogo.)

ALCÉO.

PERDOA, tu tens, Elmano,
Um defeito entre diversos,
Que cheira muito a doudice.

ELMANO.

Sim? Qual é?

ALCÉO.

Fazeres versos.

ELMANÒ.

Oh! Pois tu tambem tens outro,
E folgara de o não teres,
Que está mui perto da asneira.

ALCÉO.

Eu! Qual é?

ELMANO.

Não os fazeres.

X.

COM tão má gambia andas tanto,
Tanto d'aqui para ali!
Procurador, não me enganas:
Tu procuras para ti.

XI.

(Traduzido de Dufresny.)

De ciumes Amphriso envenenado
Á bella Nize um dia
« Entrega-me (dizia)
A fita, que te hei dado,
Entrega-me o meu cão, e o meu cajado. »
Ella, para applacar-lhe os vãos furores,
Meiga lhe respondeu: « Sobre estas flores
Mais terno que sisudo
Sem respeitar-me a candidez, e o pejo,
Tambem me déste um beijo:
Não quero nada teu, recebe tudo. »

XII.

Dizes que Fileno é tosco,
Molle, feio, e sem-sabor;
Não levas á paciencia
Terem-lhe as moças amor:
Nenhum merito lhe encontras
Porque o devam attender;
Que mais merito lhe queres?
Agradar é merecer.

XIII.

Certo enfermo, hòmem sisudo,
Deixou por condescendencia
Chamar um doctor, que tinha
Entre os mais a preferencia.
  Manda-lhe o fofo Esculapio
Que bote a lingua de fóra,
E envia dez garatujas
Á botica sem demora.
  «Com isto (diz ao doente)
A sepultura lhe tapo.»
Replica o pobre a tremer:
— «Aposto que não escapo.»

XIV.

Conheces um certo Albano,
Homem de raro primor?
(Perguntou Fileno um dia
A Silvio, gran jogador):
  «Oh! (responde-lhe o gatuno
Que aos mais tafues pede meças)
Eu sou seu intimo amigo:
Hontem lhe ganhei cem peças.»

XV.

(**Traduzido de Mad. Bernard.**)

Quando o velho Damon me diz que emprega
Amor tiro mortal no peito humano,
Sem que elle ouse clamar contra o tyranno;
Quando me diz que Amor engana, e céga;
Que ás lagrimas, que aos ais é insensivel,
Então não me parece Amor terrivel:
Mas quando o moço Alphêo me diz, sorrindo,
Que Amor é meigo deus, menino amavel,
Mais que as flores mimoso, alegre, e lindo,
Quanto então me parece formidavel!

XVI.

« In *fide parochi* attesto
(Escrevia inchado Cura)
Que soffreu Lopo Forçura
Da morte o golpe funesto.
« Tal clareza não se achou
Dos obitos no registo;
Mas attesto-o por ter visto
A receita, que tomou. »

XVII.

Um Philosopho enfermou;
Não tinha mal de perigo,
Mas soffreu a medicina
Por agradar a um amigo.
Consentiu que receitasse
Hypocratico impostor,
E logo para um criado
Disse, brando, e sem tremor:
«Não deixes lá na botica
Esse amargo fructo do erro;
Inda tem mais serventia:
Supre os escriptos de enterro.»

XVIII.

Arrimado ás duas portas
Pingue boticario estava,
E brandamente acenou
A um doctor, que passava.
Mal que chega o bom Galeno
Diz o outro com ar jocundo:
«Unamo-nos, meu doctor,
E demos cabo do mundo!»

XIX.

Quiz inda fresca viuva
Casar, mas tinha esquecido
No alfarrabio dos enterros
Pôr o enterro do marido.
« Leve este papel ao Cura, »
(Lhe aconselha um maganão)
Era excellente receita
Das que importam n'um milhão.
« Padre, (diz ella, entregando
O papel, que se lhe deu)
O meu homem tomou isto. . . »
Torna o Cura : « Então morreu ! »

XX.

Dos obitos o volume
Consta que um Cura perdeu,
E contou este desastre
A intimo amigo seu.
De suprir o triste livro
Não póde occorrer-lhe idéa ;
« Ai ! (diz o amigo) isso é facil :
Compre uma pharmacopéa. »

XXI.

(Traduzido de Mad. Scudery.)

A CORRENTE, que beija aquella arêa,
Esta rosa, que ao Zephyro abre o seio,
A viração, que as arvores menêa,
Nos dizem que é o amor doce recreio.
A pura chamma egual d'um par constante
Em dobro o faz feliz, o faz contente:
Tem um'alma, não mais, o indiff'rente,
Duas almas encerra um peito amante.

XXII.

(Dialogo.)

CORYDON.

ELMANO, lê-me os teus versos.

ELMANO.

Melhor sorte me dê Deus!
Tremo d'isso.

CORYDON.

E porque tremes?

ELMANO.

Porque podes ler-me os teus.

XXIII.

(Traduzido de Bois-Robert.)

Que! De tão tenra edade nos verdores
Ninguem te pode ouvir, mimosa Isbela,
Nem ver teus olhos sem morrer de amores!
Ah! Fosses mais crescida, ou menos bella:
Para causares as feridas nossas
Espera o tempo, em que saral-as possas.

XXIV.

Bojudo pharmacopóla,
De cangalhas no nariz,
Lia um papel, dos que a gente
Pregam em vasa-barrís.
O papel era receita,
Isto bem se deixa ver:
Eis o algoz dos paladares
A molestia quiz saber.
Soube-a, pouco mais, ou menos,
E exclama um tanto impaciente:
«O medico hallucinou-se!
Com isto sara o doente!»

XXV.

PARA curar febres podres
Um doctor se foi chamar,
Que, feitas as ceremonias,
Começou a receitar.
A cada pennada sua
O enfermo arrancava um ai.
«Não se assuste (diz Galeno)
Que inda d'esta se não vai.»
— «Ah senhor! (Torna o coitado,
Como quem seu fado espreita)
Da molestia não me assusto,
Assusto-me da receita.»

XXVI.

TINHA uma dor muito aguda
Um homem. Veiu um doctor,
E disse: «Com tres regrinhas
O livro já d'essa dor.»
Corre a lançar mão da penna,
Eis diz o enfermo a tremer:
— «Ai! Nada, senhor doctor:
Antes penar, que morrer.»

XXVII.

«Ante mim não vales nada:
(Disse a Morte á Medicina)
Eu de tudo quanto existe
Sou a fatal assassina.»
—«Ui! (a mãe dos aphorismos
Responde á Parca amarella)
Olha a tola! Eu sou o mesmo,
Mas com mais methodo que ella.»

XXVIII.

Certo Averróes quiz no prelo
Ver seus aphorismos juntos:
Poz-lhe o editor singelo:—
«Arte de fazer defuntos.»

XXIX.

A Morte era uma idiota
Antes de aphorismos ter;
Mas depois que ha medicina
Já sabe ler, e escrever.

XXX.

Disse um Avicena ao ver
Certo doente: « É confusa
Esta molestia; por tanto
A maligna se reduza. »
Eis a mão facinorosa
Lavra potente receita,
Que anonyma enfermidade
Torna em maligna perfeita.
Co'a prompta metamorphose
O infesto doctor se alegra,
E diz sorrindo-se: « Agora
Se matar, mato com regra! »

XXXI.

Disse um dia o Fado á Morte
Que chuchasse um tal doctor,
Que punha em cada receita
Ao menos um estupor.
« Não ouso (responde a Parca)
A teu mando obedecer:
Se com medicos se mette,
Té póde a Morte morrer. »

XXXII.

Inda novel demandista
Um letrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou:
« Em Cujacios, em Menóchios,
Em Pegas, e Ordenação,
Em reinícolas, e extranhos
Tem carradas de razão.
« Sim, sim, por toda essa estante
Tem razão, razão de mais. »
« Ah senhor! (o homem replíca)
Tel-a-hei nos tribunaes? »

XXXIII.

Um medico receitou:
Subito o récipe veiu,
Do qual no bucho do enfermo
Logo embutiu copo e meio.
« Adeus até ámanhan... »
(Diz o fôfo professor)
Responde o doente: — « Adeus
Para sempre, meu doctor! »

XXXIV.

(Traduzido de Perrault.)

Amor é um menino
Tão velho como o mundo,
Dos deuses o maior, e o mais pequeno:
De seu fogo divino
Occupa o céo sereno,
O largo mar profundo,
A populosa terra,
E nos olhos comtudo Iris o encerra.

XXXV.

(Dialogo.)

A.

Que vem do chefe dos Matas
Sustenta o doctor Maleitas,
E com mil papeis o prova.

B.

Com que papeis?

A.

Com receitas.

XXXVI.

Uma d'estas, que adoecem
Porque um mosquito as mordeu,
Disse para um seu criado:
«Chamem-me o doctor Sandêo.»
Eis o Hypócrates, que abonam
Honrosos cabellos brancos,
E eis subitamente a dama
Aos soluços, e aos arrancos.
D'onde lhe veiu este excesso
Na hypocratica presença?
De estar doente deveras:
E era o medico a doença.

XXXVII.

Um velho caîu na cama:
Tinha um filho Esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.
O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai:
Diz-lhe o velho, suspirando:
«Repara que sou teu pai!»

XXXVIII.

Sempre é teima de viver
A que tem Celio caduco!
Não sei que molestia possa
Chuchar-lhe da vida o succo.
Tinha uma chaga no bofe:
O bofe sem chaga está;
Um aneurisma no peito:
Vestigios d'elle não ha.
De lhe cerrarem tres fontes
Nenhum damno resultou:
Isto ainda não é nada;
Té d'uma junta escapou!

XXXIX.

Chiron foi medico insigne,
Segundo nos livros acho;
Porém cavallo o descrevem
Da cintura para baixo.
Doctor, em nada o simelhas;
Elle foi besta nos pés,
Nas ancas, mãos, e costado:
Tu só na cabeça o és.

XL.

«Fabio, o meu dilecto amigo,
(Dizia Alphêo consternado)
Dos medicos mais insignes
Está já desamparado.»
—«Oh! (sáe d'ali um sujeito,
De circumspecta presença)
«Feliz, se o desamparassem
No principio da doença!»

XLI.

Gratis pespéga o verdugo
No pescoço ou laço, ou córte:
O espadachim mata gratis;
O medico vende a morte.

XLII.

Um homem rico, outro pobre
Grave molestia prostrou.
Qual delles morreu? O rico,
Que mais remedios tomou.

XLIII.

Um medico, resentido
De certo seu offensor,
Ante um amigo exclamava,
Todo abrazado em furor:
« Para punir este indigno,
Este vil, tomára um raio. »
Acode o outro: — « Ha um meio
Muito mais facil: curai-o! »

XLIV.

A Morte um dia enjoou-se
D'um nome, que se abomina;
Quiz o azedume adoçar-lhe,
E crismou-se em Medicina.

XLV.

Quanto és, Dido, desgraçada
Com dous maridos no mundo!
Foges, morrendo o primeiro,
Morres, fugindo o segundo.

LXVI.

Um medico, antiga peste
Do triste genero humano,
De costumado a enganar-se
Pôde acertar por engano.
Fez uma receita idonea,
Apezar do formulario;
Mas o que ao medico escapa
Lá vai ter ao boticario.

LXVII.

Disse a Morte ao ver entrar
Milhões de almas nos abysmos:
«Bravo! Bravo! Que colheita!
Muito devo aos aphorismos!»

LXVIII.

A morte, perdendo a fouce,
Creu sua força desfeita:
Disse-lhe um medico insigne:
«Aqui tens esta receita!»

XLIX.

Compoz para leve andaço
Um doctor, doctor fatal,
Famosa receita, onde era
A menor dóse mortal.
Indo depois á botica,
D'esta sorte o dono o investe:
« Receite a todos o mesmo,
Meu doctor, e temos peste! »

L.

Um escrivão fez um roubo;
Diz-lhe o juiz: « Que razão
Teve para fazer isto? »
Responde: — « Ser escrivão. »

LI.

Trouxe-se a pobre doente
Um récipe singular.
Morreu do récipe? Não:
Só da tenção de o tomar.

LII.

A um enfronhado em poeta.

LONGE estás de ser pateta,
Flavio, tens varias noções,
Entendes bem a Selecta,
Lês, estudas, e compões;
Por um tris não és poeta!

LIII.

(Traduzido.)

MORDEU uma serpe Aurelia:
Que pensais que resultou?
Que Aurelia morreu? Historia:
A serpente é que estourou.

LIV.

Epitaphio.

AQUI jaz um escrivão,
Que já na provecta edade
Tomou o habito de frade;
Só merecia o cordão.
Deus tenha d'elle piedade!

LV.

Podre victima de Venus,
Metaphora da existencia,
Fiou-se de um boticario,
Homem de san consciencia.
Tinha o pustuloso enfermo
Uma gambia retorcida,
Que para a parte de fóra
Como que enxotava a vida.
Tenaz emplastro lhe estende
A pharmacopola mão,
Com que dê nome á botica,
Dando cabo do aleijão.
« Deixe estar (diz o mestraço)
Que isto logo, logo abranda. »
Que succedeu! Por-lhe a perna
Torta para a outra banda!

LVI.

Epitaphio.

Aqui jaz um homem rico
N'esta rica sepultura:
Escapava da molestia,
Se não morresse da cura.

LVII.

(Traduzido de Marcial.)

Se me lembro, Elia, tiveste
De bellos dentes a posse:
N'uma tosse dous se foram,
Foram-se dous n'outra tosse.
Segura noutes, e dias
Pódes tossir a fartar;
Pódes, que tosse terceira
Já não tem que te levar.

LVIII.

Lê-se n'uma sepultura
De antiguidade Affonsina:
« Aqui jaz quem não jazera
Se jazesse a medicina. »

LIX.

Empobreceu todo o bairro
Fabio com penna, e cordão;
Foi quatro mezes letrado,
Quinze dias escrivão.

LX.

Um doctor, accommettido
Das chufas de um boticario,
(Que não sei porque motivo
Se lhe quiz mostrar contrario)
Disse-lhe: «Inda que nós ambos
Somos dos humanos mágoa,
Mais do que eu faço com tinta
Faz sua mercê com agua.»

LXI.

Bernardo envolto em lemiste
Insulsas nenias recita;
Ao riso ninguem resiste;
E o vate funereo grita:
«Não riam, que é cousa triste»!

LXII.

Dialogo.

A.

Laura divertiu-se muito
N'uma funcção menos má.

B.

Qual foi o divertimento?

A.

Não ter o marido lá.

LXIII.

Rechonchudo franciscano
Desenrolava um sermão;
E defronte por acaso
Lhe ficara um beberrão.
Tractava dos bens celestes,
Proferindo: « Ouvintes meus,
Que ditas, que immensa gloria
Para os justos guarda um Deus!
« Falsos, momentaneos gostos
Ha n'este mundo mesquinho:
Mas no céo ha bens sem conto...»
Pergunta o bebado: — « E vinho?»

LXIV.

Um procurador de causas
Tinha na dextra de harpia
Nojenta, incuravel chaga,
Que até ossos lhe roía.
Exclama um taful ao vel-o:
« Que pena de talião!
Quem com a mão roeu tanto
Ficou roido na mão.»

LXV.

(Traduzido.)

Venus ao parto visinha
As Parcas foi consultar,
Para conhecer que fructo
Seu ventre havia brotar.
Uma responde — Que um seixo;
Outra — Que um tigre traidor;
Terceira — Que fogo; — E tudo
Confirmou nascendo Amor.

LXVI.

Uma terra dizem que ha,
Onde a fome acerba, e dura,
Cabo dos medicos dá:
Porque é isto? É porque lá
Pagam somente a quem cura,

LXVII.

A um enfatuado em nobreza.

Conferes nas senhorias,
Fofo Alcêo, mais fofos bens;
E fazes n'isso um milagre,
Porque dás o que não tens.

LXVIII.

Á Estanqueira do Loreto, celebre pelo seu grandissimo narîs.

Examina-se um planeta
Com telescopio de cá:
Ver-se-ia a cara da Helena
Sem telescopio de lá.

LXIX.

«Salve-se! (diz o Diabo)
Nas masmorras infernaes
Se eu hospedasse essa cara,
Onde accommodar as mais»?

LXX.

Salvo-te (diz Deus ao Demo)
Das masmorras infernaes,
Se metteres esta cara
Onde accommodas as mais.

LXXI.

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continûa!...
Todas estas caras juntas
Não são tanto como a tua.

LXXII.

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continûa!...,
Que revolução é esta?
Anda pela terra a lua?

LXXIII.

A estanqueira tem marido,
Que quando deitar-se intenta,
Como não cabe na cama
Dorme dentro de uma venta.

LXXIV.

A cara da estanqueira
Por um milhão a comprára;
Se fosse cara de assucar,
Um milhão, não era cara!

LXXV.

Disse-lhe um serio taful
Que tabaco lhe comprára:
«A sua loja é pequena;
Porque não vende na cara?

LXXVI.

Disse-lhe certo estrangeiro
Que ajunta papeis com massas:
« Quero pôr a sua cara
N'esta loja de caraças! »

LXXVII.

São nadegas, ou bochechas?
Arrenego do diabo!
Tem a cabeça no chão,
E sobre o balcão o r...!

LXXVIII.

Domingo dous do corrente
Se faz pela vez primeira
O brinco dos cavallinhos
Sobre a testa da estanqueira.

LXXIX.

Dizem os da Encarnação;
« Que em morrendo a estanqueira
Faz-se a obra, e o cemiterio,
Tudo dentro da caveira. »

LXXX.

Deu a estanqueira um espirro:
Gritam os visinhos seus,
Julgando ser terremoto:
«Misericordia, meu Deus!

LXXXI.

Quer vinhos? Não tem que errar,
Trépe por esses focinhos,
Bata nas ventas, que dentro
Tem dous armazens de vinhos.

LXXXII.

Narîs, narîs, e narîs,
Narîs, que nunca se acaba,
Narîs, que se elle desaba
Fará o mundo infeliz;
Narîs, que Newton não quiz
Descrever-lhe a diagonal;
Narîs de massa infernal,
Que, se o calculo não erra,
Posto entre o sol e a terra
Faria eclypse total!

LXXXIII.

Ouviu do rei dos reis a voz sagrada
Da lusa monarchia o rei primeiro;
E aos duros golpes da tremenda espada
Fez que mordesse a terra Ismar guerreiro:
Alta promessa pelo numen dada
Manterá Portugal feliz, e inteiro;
Voai á guerra, á gloria, illustre gente!
Um Deus vos chama sua, um Deus não mente.

LXXXIV.

Oh Morte! Para que venças,
E sorvas em teus abysmos
Doctor de grandes sentenças,
São necessarias doenças
Peores que os aphorismos.

LXXXV.

«A este sepulchro vim,
Eu, das existencias córte,
(Dizia um letreiro assim)
Fui medico, e foi meu fim
Estratagema da Morte.»

LXXXVI.

(Imitado de Marcial.)

Barbeiro demorador,
Não me pilhas outra vez,
Mal haja o pae que te fez,
Devêra ser malfeitor.
Com a barba em sangue, em fogo,
Tanto tempo aqui sentado,
Que outra nova tem brotado,
Mal que a rapas cresce logo.

LXXXVII.

Cançado de dissabores
Morre-se aqui sem tristeza;
Dormir cuberto de flores
No seio da natureza,
Doura, oh Morte, os teus pavores!

LXXXVIII.

Um medico, que se ria
Do pouco, que Adão durou,
Por engano em certo dia
Um seu récipe tomou;
Quando não, nunca morria!

LXXXIX.

(Traduzido de Owen.)

P.

O QUE é mais leve do que o ar?

R.

O fumo.

P.

O que é mais leve do que o fumo?

R.

O vento.

P.

E que o vento?

R.

A mulher.

P.

Que a mulher?

R.

Nada.

XC.

SE alguma palavra digo,
E o halito á bôca pucho,
Sobem-me as tripas, e o bucho
A escutar se mastigo.

XCI.

Disse, em ar de novidade,
Lelio, que a rugosa Elvira
Soffrêra longa molestia,
De que a bem custo surgíra.
« Creio: o seu medico é bom. »
(Proferiu grave pessoa)
Acode um taful: « E eu sento
Que a molestia é que foi boa. »

XCII.

No mundo ha gloria suprema!
(Roncava Euclidico auctor.)
— « Qual é? (diz taful da gemma)
« Qual é! (torna o cismador)
É resolver um problema. »

XCIII.

Um geómetra zombou
Ao ver que amante infeliz
Por linda moça expirou;
Mas ao sabio o que o matou?
Não dar c'o valor d'um xiz.

XCIV.

(Traduzido de Alciato.)

Os teus melhores principios
Convertes em vituperio;
E profanas, e envileces
O teu proprio ministerio.
Tu, Elmiro, és como as cabras,
Que, no tarro escouceando,
Perdem as proprias riquezas,
Seu mesmo leite entornando.

XCV.

Da feia mulher Andronio
Com zelos arde, e rebenta;
N'isto o não julgo bolonio:
A mulher é um demonio,
Porém o demonio tenta.

XCVI.

Do Meirel fórmas querella,
Porque os dentes te dispensa;
Não t'os tirou por doença,
Tirou-t'os só por cautéla:
Bem atalha quem bem pensa.

XCVII.

(Dialogo.)

A.

Vai curar o doctor Campa
Sua futura consorte.

B.

Já se não diz quando casam?

A.

Recebe-a á hora da morte.

XCVIII.

A um mau medico.

Doctor, até do hospital
Te sacode enfermo bando:
Qual será d'isto a causal?
É porque em tu receitando
Qualquer doença é mortal.

XCIX.

Se o Padre-sancto tivera
Um pé tão largo, e tão mau,
Podia mesmo de Roma
Dar beija-pé em Macau.

C.

(Definição do Ouro.)

Faço a paz, sustento a guerra,
Agrado a doctos, e a rudes,
Gero vicios, e virtudes,
Torço as leis, domîno a terra.

CI.

(Imitado de D'Anchet.)

Um tempo breve, urgente
As rosas tem somente
Para ostentarem bellas
O seu aroma, e cor:
Para agradar como ellas
Tem um só tempo Amor.

CII.

(Traduzido de Rabutin.)

Rosas, oh como um coração, que adora,
Vos conhece o valor, vos crê felizes!
Nasceis no seio da benigna Flora,
Morreis no seio da benigna Lizes.

CIII.

Homem de genio impaciente,
Tendo uma dor infernal,
Pedia para matar-se
Um veneno, ou um punhal.
« Não ha (lhe disse um visinho
Velho, que pensava bem)
Não ha punhal, nem veneno;
Mas o medico ahi vem. »

CIV.

De que é só de seu marido
Laura tem reputação:
Este merito subido
A quem o deve? Eu duvido
Se á cara, se ao coração.

CV.

« Morte! (clamava um doente)
Este misero soccorre. »
Surge a Parca de repente,
E diz de longe: — « Recorre
Ao teu medico assistente. »

CVI.

A Morte foi sensual
Quando ainda era menina:
C'o peccado original
Teve copula carnal,
E pariu a Medicina.

CVII.

A Morte se enfastiou
De surgir do Orco profundo,
Exclamando: « Não estou
Para tornar mais ao mundo! »
Disse um medico: — « Eu lá vou. »

CVIII.

Consta que um medico fôra
Inventor da guilhotina:
Deu bem rapidez á morte!
Mostrou saber medicina.

CIX.

Poz-se medico eminente
Em voz alta a receitar:
« Récipe... » (diz) — De repente
Grita da cama o doente:
— « Basta, que mais é matar! »

I.

(**Traduzido.**)

Eu tinha promettido á minha amada
Constancia até morrer; e esta promessa
Foi na folha de um alamo gravada,
Mas quebrou-se depressa:
Ergueu-se um pé de vento,
Adeus folha, e com ella o juramento!

II.

Zephyros, que brincais co'as tranças bellas
Da minha doce Analia,
Voai ás flores da viçosa Idalia,
Bem que na graça e cor são menos que ellas.
Não é por vós, Favonios, que a frescura
Trazeis ao niveo seio,
E á face melindrosa em que deliro:
É só porque receio
Que de astuto rival, de audaz ternura
Comvosco se disfarce algum suspiro.

I.

Se estiver nos meus fados a proxima extincção de meus dias.

D'Elmano eis sobre o marmore sagrado
A lyra, em que chorava, ou ria Amores;
Ser d'elles, ser das Musas foi seu fado:
Honrem-lhe a lyra vates, e amadores.

II.

Este, com quem se ufana a pedra erguida,
Ah!... se encantou com sonorosas cores....
Ja Bocage não é!... não sois, Amores!...
Chorai-lhe a morte, — e celebrai-lhe a vida.

Na morte de uma sobrinha, falecida em 21 de Março de 1805.

TROCANDO amargas horas
Por doce eternidade,
Gemeu co'a Natureza,
Folga co'a Divindade.
O que é nos céos contemplo,
Contemplo o que era aqui:
Gemi, porque gemia,
Rio, porque ella ri.

QUADRAS,

E

MOTES GLOSADOS.

QUADRAS, E MOTES GLOSADOS.

Que eu fosse em fim desgraçado
Escreveu do Fado a mão;
Lei do Fado não se muda;
Triste do meu coração!

GLOSA.

Tres vezes sobre meus lares
Vozeou, quando eu nascia,
Ave, que abhorrece o dia,
Que prevê crueis azares:
Amor dividira os ares
De seus tormentos cercado;
Á funda estancia do Fado
O vôo havia abatido,
E ambos tinham resolvido
«Que eu fosse em fim desgraçado.»

— Esse, que os primeiros ais
Vai soltar triste, e choroso,
Seja á Fortuna odioso,
Seja pezado aos mortaes:

Dos mimos de Amor jámais
Desfructe a consolação;
Ame, porem ame em vão,
Ferva-lhe n'alma o ciume. —
Isto no horrendo volume
« Escreveu do Fado a mão. »

Cresci, cresceram comigo
Meus damnos, e n'um transporte
Curva maga a ler-me a sorte
Com roucas preces obrigo:
Eis que toma um livro antigo,
Abre, vê, folhêa, estuda,
Té que me diz carrancuda:
« Nos caracteres que olhei
Fim ao teu mal não achei;
« Lei do Fado não se muda. »

Absorto, convulso, e frio,
Deixo de herriçada grenha
A Furia em concava penha,
Seu lar medonho, e sombrio:
Debalde lucto, e porfio
Contra a Sorte desde então;
Céos! Não achar compaixão!
Céos! Amar sem ser amado!
Barbara lei do meu fado!
« Triste do meu coração! »

II.

Se amor vive além da morte,
Constancia eterna hei de ter;
Se amor dura só na vida,
Hei de amar-te até morrer.

GLOSA.

Fui onde o sabio Fatino,
Vate pelos annos curvo,
Rompe o véo tapado, e turvo,
Que envolve as leis do Destino:
Entro a gruta, a fronte inclino,
E exclamo em vivo transporte:
«Oh tu, que falas co'a Sorte,
Eia, dize ao mais constante,
Ao mais abrazado amante
«Se amor vive além da morte.»

Analia, deusa na face,
Deusa até no coração,
Temeu que a minha paixão
Como as outras desmaiasse:
Para que o meu bem deixasse
De vacillar, de gemer,
Abalancei-me a dizer:
— «Despe, amada, um vão temor,
Que por milagre de Amor
«Constancia eterna hei de ter.»

« Talvez foi voto indiscreto. . . »
Proseguia ; eis meneando
O gran velho venerando
Tres vezes seu grave aspecto :
« Que não ousa um louco affecto !
(Me diz com voz desabrida)
Alma insana, alma atrevida,
Ha quem confie, ha quem jure,
Que amor entre cinzas dure,
« Se amor dura só na vida ! »

« Doudo amante hallucinado,
Como ha de a paixão, como ha de
Ir alterar a egualdade
Que aos entes impoz o Fado ?
Não ha permanente estado,
O Nada provém do Ser ;
Torna, vai-te desdizer,
E faze o teu voto assim :
« Mais poder não cabe em mim,
« Hei de amar-te até morrer. »

III.

Defender os patrios lares,
Dar a vida pelo rei,
É dos lusos valorosos
Character, costume, e lei.

GLOSA.

FERNANDO avilta o brazão
De eternos avós herdado;
Fernando, a delicias dado,
Perde gloria, e coração:
Eis o primeiro João
Surge fausto entre os azares;
Dissipa torpes pezares,
E vai co'a tremenda espada,
Co'a gloria resuscitada
« Defender os patrios lares. »

Correm tempos, e o destino
De Lysia outra vez se altera;
No berço Bellona fera
Bafeja real menino:
Cresce, e infausto desatino
O move contra Mulei:
Ai! Segue-o submissa grei,
Lusas mãos pendões desferem,
E até na injustiça querem
« Dar a vida pelo rei. »

Cáe o moço miserando
Sobre as barbaras arêas;
Rebenta o sangue das vêas,
Inda victoria anhelando:
Férreo jugo, intruso mando
Nos turva os annaes lustrosos:
Serie de tempos nublosos,
Que a Roma cadêas lança,
(Bem como os da gloria) herança
« É dos lusos valorosos. »

Rompe emfim de Lysia o somno
Alto impulso repentino,
E o renovo bragantino
Reluz no remido throno:
Oh lusos! Celeste abono
Verificai, merecei;
Duro assalto removei;
Jus vos dão para a victoria
Um Deus, a razão, a historia,
« Character, costume, e lei. »

IV.

Perguntei a Amor, e á Sorte
Se tem remedio o meu mal;
Respondeu-me em tom severo
— Que o não tem, porque é mortal.

GLOSA.

Eu, que sinto o peito arder
Na pura neve d'Isbela,
Que um volver dos olhos d'ella
Não posso ao menos obter:
Cançado em fim de soffrer
Vida peor do que a morte,
Em paixão tão cega, e forte
Que já passa a desatino,
Qual seria o meu destino
«Perguntei a Amor, e á Sorte.»

«Numes! Poderosos numes!
(Clamaram meus labios tristes)
Vós, que de mim sempre ouvistes
Brados, suspiros, queixumes;
Vós, que as ancias, os ciumes
Lançais n'esta alma leal;
Vós, que permittis que um tal
Incendio me offenda, e queime,
Ah! Consolai-me, dizei-me
«Se tem remedio o meu mal?»

Disse; e logo o deus alado
Que céos, e terra avassalla,
Com voz suberba assim fala
A'deusa, que tinha ao lado:
« D'este amante o cruel fado
Que exponhas, oh Sorte, eu quero;
Ergue a voz, pois te assevero
Que o seu pranto me importuna. »
Calou-se Amor, e a Fortuna
« Respondeu-me em tom severo: »

« Tu, que dourada corrente
Toléras, mostras, arrastas;
Que os dias, e as noutes gastas
Em chôro infeliz, e ardente:
Tu, que buscas finalmente
Remedio prompto, e cabal
Á tua dor sem egual;
Sabe, para teu terror,
Que o não tem, por que é de Amor,
« Que o não tem, por que é mortal. »

V.

O *tempo, que Amor perdeu,*
Finezas mal merecidas,
Promessas nunca cumpridas,
Nada d'isso chóro eu.

GLOSA.

Graças aos céos, já não sinto
Aquella viva paixão,
Das liberdades prisão,
Dos corações labyrintho:
Já não lamento, nem pinto
Cruezas do genio teu;
A verdade em fim rompeu
Trevas d'esse engano antigo;
Nem já me lembra comtigo
« O tempo, que Amor perdeu. »

Reina em meu peito a alegria,
Minh'alma de todo é sua;
Brilhe o sol, ou gire a lua,
Chegue a noute, ou venha o dia:
Sinto em dura antipathia
Minhas paixões convertidas;
Em mil vozes desabridas
Troquei por justas razões
Amorosas expressões,
« Finezas mal merecidas. »

Virtude, só teus altares
Incensarei com fervor,
Proferindo contra Amor
Imprecações a milhares:
Loucuras, ancias, pezares
Elle causa ás tristes vidas;
E quando glorias subidas
Jura dar ao coração,
As suas promessas são
« Promessas nunca cumpridas. »

Queixe-se embhora do Fado
Aquelle que vê, que alcança
Em vez de ternura, esp'rança,
Desprezo, rigor, enfado:
Chore-se qual desgraçado
O que a vontade rendeu;
Sabendo que vive o seu
Rival nos braços da amada;
Chore-se embhora, que nada
« Nada d'isso chóro eu. »

VI.

Pondo a mão nas sacras aras
Tu juraste, e eu jurei;
Cuida tu em ser constante,
Que eu á fé não faltarei.

GLOSA.

No templo do nume alado
Cujas leis adoro, e sigo,
Entrei, Marilia, comtigo
De verde myrtho c'roado:
Ali jurei ao teu lado
Vivo amor, finezas raras;
E tintas as faces claras
Do purpureo pejo honesto,
Tu fizeste egual protesto
« Pondo a mão nas sacras aras. »

Cupido a frente menêa,
E pago da jura amante,
Co'um sorriso no semblante
O seu prazer patentêa:
Á multidão, que o rodêa,
Escrava da sua lei,
Tu ouviste, eu escutei
Hymnos mil, Marilia amada,
Louvando a fé, que prostrada
« Tu juraste, e eu jurei. »

Aureo thuribulo então
Prompto ministro nos dá,
Mutuamente o movem já
A minha, e a tua mão;
Perturbando os ares vão
Nuvens de incenso fragrante;
E do solio de diamante
Diz Amor a mim, e a ti:
« Guarda o voto, que te ouvi,
« Cuida tu em ser constante. »

Eu com a voz do respeito
Ardendo em férvido lume,
Lhe respondo: « Oh Gnideo nume,
Nume a quem vivo subjeito!
Dos votos, que tenho feito,
Eu jámais me esquecerei;
Dos deuses o páe, e o rei
Com raios o mundo estrague,
O céo caia, o sol se apague,
« Que eu á fé não faltarei. »

VII.

Só o nome de Maria
Inconstancia quer dizer;
A mulher, que assim se chama,
Ingrata sempre ha de ser.

GLOSA.

É desatino, é loucura
No mundo haver quem pretenda
Que até dos nomes dependa
A condição meiga, ou dura:
Mas, bem que esta conjectura
Tem visos de errada, e fria,
Eu não sei que antipathia,
Que desgosto, que aversão
Desperta em meu coração
«Só o nome de Maria!»

Jámais o numen vendado
Alcançou de mim victoria,
Jámais fundei minha gloria
Na posse de um puro agrado:
Mas se por força de fado
Chegar um dia a querer,
Ninguem me verá morrer
Pelo nome de Maria,
Pois se por «mar» principia,
«Inconstancia quer dizer.»

Licio, de quem longos annos
A crespa cerviz humilham,
E em cujo aspecto já brilham
A montões os desenganos:
Diz — que é causa de mil damnos,
Que mil discordias derrama,
Que é furia pelo que inflamma,
Que é crocodilo no pranto,
Serêa na voz, no canto
«A mulher, que assim se chama.»

Vós pois, que as aras beijais,
E a quem eu meus votos nego,
Vós, que insanas leis de um cego
Tão cegamente adorais:
Se não quereis de vãos ais
Os ares subtis encher,
Vede a quem ides render
Vossa interna idolatria,
Que toda a que fôr Maria
«Ingrata sempre ha de ser.»

VIII.

Eu quero bem á Desgraça,
Que sempre me acompanhou;
Tenho aversão á Ventura,
Que no melhor me faltou.

GLOSA.

Deuses! Comigo indignados,
Meneando a sacra mão,
Vertei no meu coração
Milhões de acerbos cuidados:
Exemplar dos malfadados
O vosso rigor me faça;
Persiga-me a Sorte escassa,
Que não me obriga a queixume;
Não, deuses, não; por costume
« Eu quero bem á Desgraça. »

Esta deidade sombria,
Em cujo livido rosto
Nunca resplandece o gosto,
O riso, a paz, a alegria:
Apenas a luz do dia
Os olhos meus illustrou,
Entre os braços me apertou,
Ao peito me trouxe unido,
E tão leal me tem sido
« Que sempre me acompanhou. »

Satisfaz-se o meu desejo
Quando nos candidos ares
Denso tropel de pezares
Correr a buscar-me vejo:
Ventura, não te festejo,
Vae-te, outras almas procura;
Vae-te, que de ti murmura
Meu infeliz coração;
Tenho ao prazer aversão,
«Tenho aversão á Ventura.»

Desgraça, numen immenso,
Tu, tu, que desejas tanto
Em vez dos hymnos o pranto,
Os ais em logar do incenso:
Vê que com affecto intenso
Minha alma e vida te dou;
Nunca jámais (pois teu sou)
Desprezes a quem te abraça;
Não se diga da Desgraça
«Que no melhor me faltou.»

IX.

A Razão manda que eu parta,
Amor me quer demorar;
Minha Sorte é quem decide,
E me obriga a separar.

GLOSA.

A RAZÃO, fulgente nume,
Que o vicio torpe intimida,
Baixou dos céos attraída
Pelo som do meu queixume:
Vendo esta alma por costume
De suspirar nunca farta,
Vendo em fim que não coarcta
Marcia a sua tyrannia,
Da presença d'esta impía
«A Razão manda que eu parta.»

Mas Amor, de cuja mão
Té Jove teme o castigo,
Amor, feroz inimigo
Da Virtude, e da Razão:
Com um leve turbilhão
Armado fendendo o ar,
A deusa corre a buscar,
Que a meu lado affavel sente,
E se ella quer que eu me ausente,
«Amor me quer demorar.»

Arma então disputa forte
Uma e outra divindade,
Na Razão brilha a verdade,
Em Amor louco transporte:
Eu, que os vejo d'esta sorte
Sem que um ao outro intimide,
Lhes digo: « Não mais se lide,
Dignai-vos de me seguir;
Se hei de ficar, ou partir,
« Minha Sorte é quem decide. »

Fomos pois da Sorte ao templo,
E mal que os altares beijo,
Os olhos turvos lhe vejo,
Triste o rosto lhe contemplo:
Ella exclama: « Infausto exemplo
De quantos sabem amar,
Faze o que a Razão mandar. »
Disse; e a pezar da porfia
De Amor, a Razão me guia,
« E me obriga a separar. »

X.

Basta, pensamento, basta;
Deixa-me em fim descançar;
Um bem, que ser meu não pode,
É um tormento lembrar.

GLOSA.

Desvelado pensamento,
Que a minha mágoa requintas,
Quando em illusões me pintas
Suave contentamento:
Se um dever duro, e violento
Do bem, que adoro, me affasta,
Se barbara lei contrasta
Os desejos da paixão,
De enganar-se o coração
«Basta, pensamento, basta.»

Nize em braços de um tyranno
Mesmo a seu pezar suspira;
Em quanto geme, e delira
Longe d'ella o triste Elmano:
O meu rival gosa ufano
A dita mais singular;
E se a dor de o invejar
Tu me excitas, pensamento,
Em profundo esquecimento
«Deixa-me em fim descançar.»

Bem, que se não gosa, ancêa;
Não me apresentes, memoria,
A perda da minha gloria
Na imagem da gloria alhêa:
Nize arrasta uma cadêa
Que só a morte sacode,
E por isso não me acode,
Nem me paga a sympathia
Um bem, que ser meu devia,
« Um bem, que ser meu não pode. »

Pensamento namorado,
Não promovas minha pena;
Ceda-se ao que o fado ordena,
Que ninguem resiste ao fado:
Alto prazer suspirado,
Que se não pode alcançar,
Porque em se não desfructar
Deixa em fim de ser prazer,
É uma dita esquecer,
« É um tormento lembrar. »

I.

Do meu Myrtilo a saudade.

(Decimas improvisadas por occasião do falecimento do Sr. Dr. Manuel Bernardo de Sousa Mello.)

Não chores, coração meu,
A mágoa, que te assaltou;
A immensidade ganhou,
E o quasi nada perdeu:
O que é de um numen é seu,
Inda a par da divindade
No cume da eternidade
Bebe a luz do paraiso;
Mortaes, converta-se em riso
«Do meu Myrtilo a saudade.»

O Lethes, rio fatal
De margens seccas e nuas,
Confunde nas aguas suas
Memorias do bem, do mal:
Eu, ainda que mortal,
Não pago á fatal deidade
O feudo da humanidade;
Bem que, oh Sorte, o não promettes,
Levarei além do Lethes
«Do meu Myrtilo a saudade.»

Não dou a Myrtilo incensos,
Ante seus manes não desço
Ao chão; porque só off'reço
Tal culto aos numes immensos:
Porém affectos intensos,
Cordeal sinceridade,
Doce pranto á amisade,
Que não tem, nem terá fim,
Estão demonstrando em mim
«Do meu Myrtilo a saudade.»

Em serras se afôfa o ar,
Estoura a rocha em gemidos,
E estão medrosos ouvidos
Ao longe a titubear:
De nuvens se peja o ar,
Morre a solar claridade,
D'alma terna amenidade
Desbota funerea tinta;
Ah! Justo céo! Tudo pinta
«Do meu Myrtilo a saudade.»

Não só c'os tempos modernos
Meu louvor affouto egualo;
Com Grecia, com Roma falo,
Falo com céos, com infernos:

Meus elogios eternos
Lanço pela immensidade;
Entro n'uma, e n'outra edade,
Por varios seculos entro,
E em todos elles concentro
« Do meu Myrtilo a saudade. »

II.

Terno amor, doce amisade.

(Ao mesmo assumpto.)

GLOSA.

Desde que o mundo é composto,
Os seus refrigerios são
Dous bens, que no peito estão,
E que apparecem no rosto:
São dous principios de gosto,
Precisos á humanidade,
Ambos attráem a vontade
Com seus mimos feiticeiros;
Ah! Sede meus companheiros,
« Terno amor, doce amisade. »

Jove, immenso creador,
Para os mortaes se surriu,
Eis que das mãos lhe caîu
No mundo amisade, e amor:

Soltando o alto clamor
De que treme a eternidade,
Disse á triste humanidade:
« Attento a vossos queixumes,
Ahi vos mando dous numes,
« Terno amor, doce amisade. »

Amei o sexo mimoso,
Amei o sexo constante,
Fui amigo, e fui amante,
E nunca fui venturoso:
Nunca vi peito extremoso
Ornado de lealdade;
Achei sempre a falsidade
N'elles, e n'ellas; e assim
Não nascestes para mim,
« Terno amor, doce amisade. »

O bom Myrtilo morreu,
Morreu com elle aureo estylo,
E Lilia a par de Myrtilo
Á fria terra desçeu:
O mundo nos dous perdeu
Bens de summa qualidade,
Ficou pobre a humanidade,
Esvairam-se os affectos,
E já não tendes objectos,
« Terno amor, doce amisade. »

IIII.

Meigos sorrisos de amor.

GLOSA.

A MINHA imaginação
Escura sempre, e funesta,
Males sobre males me empresta
Ao misero coração:
As amarguras estão
Com o dente roedor
Cercando esta alma de horror;
Eu morro, acabo infeliz,
Se acaso não me acudîs,
« Meigos sorrisos de amor. »

Lilia, mais bella que as flores,
Mais bella que o paraiso,
Depois de dar-me um sorriso
Me deu mil encantadores:
De delicias percursores,
Ternos mimos inda em flor
Me fizeram sabedor
De arcanos; já, já conheço,
Já, já sei que não têm preço
« Meigos sorrisos de amor. »

Habîto ameno desvio
Da gente, e vicios tambem;

Este logar flores tem,
Tem um valle, e tem um rio:
Verde arvoredo sombrio
Aqui mostra o fructo, a flor;
Que logar encantador!
Que logar, que vale tanto!
Só me faltais n'este encanto,
«Meigos sorrisos de amor.»

Tempestades esbravejam,
Fuzilam nuvens medonhas,
E as esperanças tardonhas
Já dentro do peito arquejam:
Subir aos astros forcejam
Mil sombras de negra cor;
Ah! N'este mal, n'este horror,
N'este assanhado Oceano,
Sêde Santelmos d'Elmano,
«Meigos sorrisos de amor.»

Cypria, abrindo os tenues ares,
Das Graças a mãe formosa,
Desce na concha lustrosa
Á superficie dos mares:
Lá se encolhem os pezares,
Lá se vai sumindo a dor;
O desespêro, o pavor
A seus lindos olhos cedem;
Lá vem Venus, e a precedem
«Meigos sorrisos de amor.»

IV.

Quem pode deixar de amar?

GLOSA.

Amor, doce flamma acceza
Nos céos, pela mão de Jove,
Agita, transporta, e move
O seio da Natureza:
O leão despe a braveza,
Se o vêm leôa amimar;
No salso bojo do mar
Arde o mudo nadador;
O mundo todo é amor;
« Quem pode deixar de amar? »

Lilia, se vê genios duros,
A atacal-os se resolve,
E co'um ar magico volve
A elles os olhos puros:
Eis que vê suberbos muros
Sobre a terra baquear;
Lilia depois de ganhar
Immensos louros, que ajunta,
Com um sorriso pergunta:
« Quem pode deixar de amar? »

Perguntei á Natureza
No seu alcaçar sublime,
Qual era o mais torpe crime
Que infectava a redondeza?
Ella, que meus cultos préza,
E me franquêa o altar,
Respondeu-me a prantear,
Exhalando um ai ancioso:
« Ah! É o mais criminoso
« Quem pode deixar de amar. »

Mandou o supremo auctor
Ao mundo esta paixão doce,
Para que alimento fosse
Da terrea machina Amor:
De tudo se fez senhor,
Em tudo erigiu altar;
Quem a Amor pretende obstar
Transgride uma lei divina;
E o fim do mundo machina
« Quem pode deixar de amar. »

V.

O painel da Natureza.

(Improvisada na occasião de um eclypse da lua.)

GLOSA.

Minha sorte foi brilhante,
Minha sorte é hoje triste,
N'estas mudanças consiste
A sorte de todo o amante:
Sumiu-se a lua radiante,
Que estava em fulgor acceza;
Minha dor, minha tristeza
Com mil reflexões misturo,
Vendo ora claro, ora escuro
«O painel da Natureza.»

O Olympo assustando a terra,
Dando-lhe mortaes desmaios,
Raios em cima de raios
Das entranhas desencerra:
Os elementos em guerra
Blasonam mutua braveza;
N'este horror, n'esta graveza,
Que não cede, não se acalma,
É o quadro da minha alma
«O painel da Natureza.»

VI.

A mulher é bem, e mal.

GLOSA.

De varia cor se tingiu
Fado, que póde o que quer,
E unido á recem-mulher,
A varia cor lhe imprimiu:
Subito o mundo luziu
C'o objecto divinal,
E sobre a estancia fatal,
Sobre o triste globo errado,
Segundo o matiz do Fado,
«A mulher é bem, e mal.»

Não haja no mundo alguem,
Que com um, ou outro affecto,
Chame á mulher mal completo,
Ou chame completo bem:
Nada d'isto lhe convêm;
Por um systema formal
Como em tudo é desigual
Causa gostos, e dá ancias,
E em diversas circumstancias
«A mulher é bem, e mal.»

VII.

Mortal, que teus mimos gosa,
Disputa co'a divindade.

GLOSA.

Alta influencia amorosa,
Milagroso e doce lume,
Ah! Tu convertes em nume
« Mortal, que teus mimos gosa: »
Mal que a alma sequiosa
Embebes na eternidade,
Mal que prova a immensidade
De almo, indizivel prazer,
Faz o que deve fazer,
« Disputa co'a divindade. »

Quantas fragrancias a rosa
Entre os Favonios aspira,
Tantos perfumes respira
« Mortal, que teus mimos gosa: »
Sobe á esphera venturosa
Onde tudo é claridade,
Muda ali de qualidade,
Todo o céo em si reune,
E não farto de ser nume
« Disputa co'a divindade. »

Sei que á morte pavorosa
Tambem feudo eu pago, eu dou;

Mas tambem, Marilia, eu sou
« Mortal, que teus mimos gosa : »
É mais que todas honrosa,
Sublime esta dignidade,
Não pareça atrocidade,
Sacrilego atrevimento,
Se um, como eu, no pensamento
« Disputa co'a divindade. »

Ouve, Marilia formosa,
Composto de riso e neve,
Quanto ao mesmo Fado deve
« Mortal, que teus mimos gosa : »
Disse-me a voz estrondosa,
Que perpassa a eternidade :
« Tu, que estás na humanidade,
Como és de Marilia amado,
Vae, vae ser orgão do Fado,
« Disputa co'a divindade. »

Quanto (oh céos !) é milagrosa
Paixão, que adorar se deve,
E a quanto, oh Lilia, se attreve
« Mortal, que teus mimos gosa ! »
Sonha a paixão amorosa
Que se despe a humanidade ;
Jove deve ter piedade
Se commette doce engano,
Se audaz pensamento humano
« Disputa co'a divindade. »

VIII.

Analia não é perjura,
Analia cede a seu fado.

GLOSA.

Julguei deshumana, e dura
Minha amada, e sinto horror
Depois que me disse Amor:
« Analia não é perjura: »
Se o poder da desventura
Seu ardor tem subjugado,
E se um vinculo sagrado
A liberdade lhe prostra,
Quando em si crenças lhe mostra
« Analia cede a seu fado. »

Foi altar a sepultura,
Disse-me: — « Juro por esta
Medonha estancia funesta,
« Analia não é perjura: »
Inda Analia em cinza escura
Sentirá o ardor sagrado;
Ali será requintado
O extremo da sua ardencia
Inda que aqui na apparencia
« Analia cede a seu fado. »

IX.

Analia terna, e constante.

GLOSA.

No triste imperio da Morte
Vagueei já turvo dia;
Eis que em minha alma sentia
Um desusado transporte:
Tu, que reges minha sorte,
Que sempre me está diante,
Oh! Feliz o teu amante
Quando baixar ao jazigo,
Se repousares comigo,
« Analia terna, e constante! »

Consta o bem da humanidade
Em objectos mui diff'rentes;
Alguns existem nas mentes,
Outros vivem na verdade:
Estes que têm dignidade
Dá-os sciencia brilhante,
Outros um gráu triumphante,
Palma, louvor, gloria, louro;
Mas inda he maior thesouro,
« Analia terna, e constante. »

Entre os teus mimos, e a vida
Não acho nenhum espaço;

Desate-se aquelle laço
Se esta prisão for partida;
A minha alma sempre erguida
N'uma idéa relevante,
Não imita indigno amante,
Que aspira a tenue prazer;
Ou possuir-te, ou morrer,
« Analia terna, e constante. »

Iremos ambos unidos
Onde nossas almas voam,
Ou onde os prazeres soam,
Ou onde soam gemidos:
Ambos serêmos punidos,
Feliz um, e outro amante,
Soará no céo brilhante,
Soará no escuro inferno,
Josino constante, e terno,
« Analia terna, e constante. »

A natureza corrupta
É objecto ante quem tremo;
Nem padece mal supremo,
Nem bem supremo desfructa:
Ora o vicio amado enluta
Esta machina ambulante,
Ora a virtude anda errante,
Entre temor, e incerteza;
Ah! Corrige a natureza,
« Analia terna, e constante. »

X.

Dos lusos a gloria herdada.

GLOSA.

Nasci no tempo ferrenho,
E apenas razão me move,
Grito aos céos, exclamo a Jove,
«Oh Jove! Em que tempos venho!
Um despenho, outro despenho
Me apresenta a sorte irada;
Minha essencia collocada
Está no ponto mais baixo;
Já não vejo, já não acho
«Dos lusos a gloria herdada.»

As nossas armas brilharam
Pondo ao universo espanto,
E as letras poderam tanto,
Que as armas mesmo eclypsaram:
Os nossos timbres voaram
Pela massa organisada;
E o gran monstro, que inda brada
Lá no promontorio seu,
Fero Adamastor, temeu
«Dos lusos a gloria herdada.»

XI.

És gloria da Natureza.

GLOSA.

Jove, o soberano Jove,
Ante quem tudo é pequeno,
Esse, que co'um leve aceno
O mundo, e as estrellas move:
Esse, que ora os raios chove,
Ora anima a redondeza,
Pasma na tua belleza:
Por cem raras qualidades,
És iman das divindades,
« És gloria da Natureza. »

Tu não tens um só momento
Em que dês o galardão
Ao que vale o coração,
Ao que vale o pensamento:
Não achas merecimento
N'um ai, ou n'uma fineza,
És exemplo da dureza,
Modelo de um peito ingrato,
E inda em tal desacato
« És gloria da Natureza. »

XII.

Deliro entre susto, e dor.

GLOSA.

De que aproveita a razão
No estado em que me diviso?
Ai de mim! Que é o juizo?
Flagello do coração:
Não, não pode a reflexão
Repellir o activo amor;
Contra elle não tem vigor,
O seu esforço é baldado,
Não por fraqueza, por fado
« Deliro entre susto, e dor. »

São todos os meus instantes
Instantes de atra agonia;
Para mim a noute, e o dia
São tristes, são similhantes;
Venço todos os amantes
Nos extremos, no temor;
Os mais alenta o favor,
A mim não me dá descanço;
E quando mimos alcanço
« Deliro entre susto, e dor. »

XIII.

Dobra o joelho a Razão.

GLOSA.

Um Deus é supremo auctor
Do globo, do céo, e lua,
E a Razão, ministra sua,
Tem parte em seu resplendor:
Porém quando o encantador
Principio d'aurea prisão,
Que cinge o meu coração,
Presenta os encantos seus,
No Olympo estremece um Deus,
«Dobra o joelho a Razão.»

Em quanto da formosura
O encanto se não observa,
Livre a Razão se conserva,
Tranquilla, serena, e pura:
Mas quando o céo se affigura
Em humana perfeição;
Quando se forja o grilhão
Tão funesto á liberdade,
Inda sendo divindade,
«Dobra o joelho a Razão.»

XIV.

Os erros da educação
Extraem de amor delictos.

GLOSA.

Estes, Marilia, estes são
Os males que o céo nos fez;
São os erros em que crês
« Os erros da educação: »
Por mais que o meu coração,
E o teu desatem mil gritos,
Os hypocritas maldictos,
Os que têm tartarea voz,
(Ai!) armados contra nós
« Extraem de amor delictos. »

Sobre a humana geração
Têm suprema auctoridade,
Contra as tuas leis, Verdade,
« Os erros da educação: »
Some-se á luz da razão
Em preceitos infinitos;
De mortaes negros peritos
Dura voz o amor condemna,
Extraem fel d'assucena,
« Extraem de amor delictos. »

XV.

Em amor não soffre eguaes
Paulino, exemplo de amor.

GLOSA.

Os meus extremos são taes,
Que levam a tudo a palma;
Original a minha alma
« Em amor não soffre eguaes: »
Peço aos sensiveis mortaes
Mais justiça que favor:
Em sentido extremo horror
N'um epitaphio a verdade
Inculque á posteridade
« Paulino, exemplo de amor. »

No orgulho abafando os ais
Clamei ao genero humano: —
Entre vós sómente Elmano
« Em amor não soffre eguaes: »
Eis que o numen dos mortaes
Indisputavel senhor,
Me diz com agro clamor:
« Enfunado amante, escuta,
Vê que a gloria te disputa
« Paulino, exemplo de amor. »

XIV.

Um só momento de amor
Faz feliz um desgraçado.

GLOSA.

Peço aos céos alto favor
Que toca ao supremo excesso;
Eternidades não peço,
« Um só momento de amor:
Este deus, este senhor
Da vida, do tempo, e fado,
Este numen transformado
No ente, que chamam mulher,
Pode tudo quanto quer,
« Faz feliz um desgraçado. »

Movido da minha dor
O auctor dos males, e bens,
Disse-me um dia: « Aqui tens
« Um só momento de amor: »
Não julgues pouco valor
No donativo sagrado;
Em sendo a Lilia annexado,
Por gloria de um terno amante,
De amor o minimo instante
« Faz feliz um desgraçado. »

XVII.

Elmano foi mais que um deus;
Hoje é misero mortal.

GLOSA.

Quando entre os carinhos teus
Gosou dos bens a excellencia,
Elmano despiu a essencia,
« Elmano foi mais que um deus: »
Entranhou-se pelos céos,
Foi ao cume divinal,
A Jupiter viu-se egual,
Falou-lhe a felicidade;
Volveu á humanidade,
« Hoje é misero mortal. »

Desenganai-vos, athêos,
Vêde a vossa insipiencia,
Eu vos mostro a omnipotencia,
« Elmano foi mais que um deus: »
Eia, acreditai os céos,
Crêde no bem divinal;
Mas oh pranto! Oh dor! Oh mal!
Tornai á incredulidade,
Porque quem foi divindade
« Hoje é misero mortal. »

XVIII.

Lilia geme, Lilia chora.

GLOSA.

De Lilia o doce amador,
O seu objecto querido,
Jaz (oh Fados!) jaz sumido
No abysmo do eterno horror:
Com seus frecheiros Amor
O triste caso deplora;
E qual em nuvens a Aurora
Fecha o rosto divinal;
Sobre a campa funeral
« Lilia geme, Lilia chora. »

Nasceu Lilia; a Natureza
Soltou por tudo alegria;
Cresceu Lilia; eis veiu um dia
Em que tudo foi tristeza:
A face da redondeza
Eis vasto incendio devora,
E soando a toda a hora
Ais, queixumes, gritos, prantos,
Sentida de seus encantos
« Lilia geme, Lilia chora. »

XIX.

Depois de te haver creado
A Natureza pasmou.

GLOSA.

A MÃE, que em berço dourado
Poz teu corpo cristalino,
É sup'rior ao Destino,
«Depois de te haver creado:»
Quando Amor, o nume alado,
Tua infancia acalentou,
Quando os teus dias fadou,
Minha Lilia, minha amada,
A mãe ficou encantada,
«A Natureza pasmou.»

Deve dar breve cuidado,
Motivar grande attenção,
A um Deus a creação,
«Depois de te haver creado:»
Deve de ser refinado
O engenho, que elle mostrar
Desde o ponto em que crear;
Cuide n'isto a omnipotencia,
Porque ao ver a sua essencia
«A Natureza pasmou.»

Ao mesmo céo não é dado
(Bem que tanto poder gosa)
Crear cousa tão formosa
« Depois de te haver creado:
N'aquelle instante dourado,
Em que teus dotes formou,
Apenas os completou,
Harengando-lhe o Destino,
Em um extasi divino
« A Natureza pasmou. »

O céo nos tem outorgado
Quanto outorgar-nos podia;
O céo que mais nos daria
« Depois de te haver creado? »
Nympha, das Graças traslado,
Nympha, de que escravo sou,
Jove em ti se enfeitiçou,
Cheio d'espanto, e de gosto,
E absorta no teu composto
« A Natureza pasmou. »

O teu rosto é adornado
Dos prodigios da belleza;
Foi um deus a Natureza
« Depois de te haver creado: »

Poz em teu resto adoçado
O que nunca o céo formou;
Ella a Jove envergonhou
N'esse deleitoso espanto,
E de ter subido a tanto
« A Natureza pasmou. »

Todo o concilio sagrado
Do almo Olympo brilhador,
Subiu a grau superior
« Depois de te haver creado: »
Da meiga Venus ao lado
O teu ente a nós baixou;
Ente, que Jove apurou,
Ente de todos diverso,
Assombrou-se o universo,
« A Natureza pasmou. »

XX.

Quem vê de Analia o semblante
Julga ver a mãe de Amor.

GLOSA.

Fica cego, e delirante,
Veneno em nectar destilla,
Abraza-se, e se anniquilla
« Quem vê de Analia o semblante : »
Ella surge triumphante
Sobre as plumas do louvor,
E d'esse mesmo fulgor
D'onde os corações conquista,
Quem de cá debaixo a avista
« Julga ver a mãe de Amor. »

A Primavera brilhante
Vem ver a origem da vida,
Vê toda a terra florîda
« Quem vê de Analia o semblante : »
Mas inda não é bastante
Este applauso, este louvor ;
Quem seu gésto encantador
Olha, de graças portento,
N'aquelle ethereo momento
« Julga ver a mãe de Amor. »

Duro nó, nó diamante,
Que horrivel jugo nos traz,
Impetuoso desfaz
« Quem vê de Analia o semblante: »
Embhora a virtude cante
Por triumpho extincto ardor,
Que em attentando o amador
N'um rosto mais que as leis forte,
Esquece-se da consorte,
« Julga ver a mãe de Amor. »

XXI.

As settas, que Amor dispara,
Se as tu não tocas, são nada.

GLOSA.

BRANDA maravilha rara,
Do orbe, cujo imperio gosas,
Tu fazes mais poderosas
« As settas, que Amor dispara:
Elle, que os deuses encara
Na estellifera morada,
Pende de ti, minha amada,
Em seu poder, sem escudo;
E as settas, que vencem tudo,
« Se as tu não tocas, são nada. »

XXII.

Amor em Baccho se accende.

GLOSA.

Salve, divino liquor,
Com que a tristeza se acalma;
Tu és porção da minha alma,
Pois Baccho é parte de Amor:
Unido de ambos o ardor
Das angustias nos defende:
Quanto as ancêa, as offende,
Minha alma de si derrama;
Baccho em o amor se inflamma,
« Amor em Baccho se accende. »

XXIII.

Mimos, carinhos, finezas
Reuniu em ti Amor.

GLOSA.

Maravilhas e extranhezas
Te deram as Graças bellas,
E vincularam com ellas
« Mimos, carinhos, finezas: »

Eis, eis mil chammas accêzas
Em um, em outro amador;
Não, não cabem no louvor
Oh Lilia, os encantos teus:
Quanto em si reune um deus
« Reuniu em ti Amor. »

XXIV.

Quem meus extremos condemna
Não offende o meu amor.

GLOSA.

Não é da massa terrena,
Não pertence á redondeza,
Mãe não chama á Natureza
« Quem meus extremos condemna: »
Da nympha, que excede Helena
De Páris e Troya ardor,
Não reconhece o valor,
A graça, o mimo, o regalo;
Quem não pode avalial-o
« Não offende o meu amor. »

XXV.

Da terra caí no chão.

GLOSA.

Andei por mar, e por terra,
Pela India, e pela China,
Aturei fome canina,
Com que muita gente berra:
Supportei de Amor a guerra,
Tive uma certa paixão,
E outros males, que são
Proprios de quem sabe amar;
Só me faltava glosar:
«Da terra caí no chão!»

XXVI.

A minha antiga alegria
Bateu as azas, vôou.

GLOSA.

Das vêas o sangue esfria,
O coração não descança,
Apenas trago á lembrança
«A minha antiga alegria:»

De mil glorias algum dia
Meu pensamento adornou;
Mas quando mais me encantou,
Quando a julguei mais segura,
Qual relampago a ventura
« Bateu as azas, vôou. »

XXVII.

A gloria d'este animal.

GLOSA.

Deuses, que lá n'essa altura,
Que lá n'essa immensidade
Onde tudo é claridade,
Onde tudo é formosura,
Gosais suprema ventura,
Á eternidade egual;
Quando a vista divinal
Vós lançais ao mundo tosco,
Vereis hombrêa comvosco
« A gloria d'este animal. »

XXVIII.

Amor depende de nós.

GLOSA.

Amor tem summa grandeza,
Gosa innumero trophéo,
Tanto brinca com o céo,
Como co'a vil redondeza;
A deidade, e a natureza
Jámais a elle se oppoz;
Tudo escuta a sua voz,
Tudo a seu jugo é ligado;
Mas para ser adorado
« Amor depende de nós. »

XXIX.

Como vive quem não vive
Com quem deseja viver.

GLOSA.

Depois que a desgraça tive
De perder a bella Armia,
Fiquei qual estatua fria,
« Como vive quem não vive: »

O céo da vida me prive,
O meu desejo é morrer;
Que se não pode soffrer
Da vida nem um instante,
Quando não vive um amante
« Com quem deseja viver. »

XXX.

Os duros grilhões de Amor.

GLOSA.

VEJO-TE a face mimosa,
Porque a tanto Amor se attreve,
Vejo sorrir d'entre a neve
Uma rosa, e outra rosa:
Vejo-te a mão preciosa,
Que tem dos jasmins a cor;
Vejo-te o rosto inda em flor,
Que é iman do meu desejo,
E adoro, idolatro, beijo
« Os duros grilhões de Amor. »

XXXI.

Terá fim, mas não sei quando.

GLOSA.

Socrates, rei da razão,
Empunha a fatal cicuta,
E da morte á extrema lucta
Não lhe treme o coração:
Supportou-lhe a gradação
Com um ar sereno, e brando:
Dos discipulos ao bando
Disse: «Eu morro, e não me queixo;
E a memoria, que vos deixo,
«Terá fim, mas não sei quando.»

XXXII.

A Natureza premêa
Quem as suas leis adora.

GLOSA.

Quanto o fanatismo odêa
Co'a voz, que altéra, e que engrossa,
Tanto a Natureza adoça,
«A Natureza premêa:»

Não quer alma fôfa, e cheia
D'uma ambição, que a devora;
Quer o amante, que a implora,
Que em pranto as faces alaga,
Acarinha, ameiga, afaga
«Quem as suas leis adora.»

XXXIII.

Em amor não ha limite,
Todos fogem á razão.

GLOSA.

Queres, Marilia, que evite
De amor o mui louco excesso?
Marilia, perdão te peço;
«Em amor não ha limite:»
Por mais que a razão me dicte
Sisuda moderação,
Vai sempre avante a paixão,
Buscando seu doce fim;
Os amantes são assim;
«Todos fogem á razão.»

XXXIV.

De quanto é capaz Amor!

GLOSA.

Lilia, sabe em theoria,
Para que discreta fales,
Quantos bens, e quantos males
Amor sobre a terra envia:
Conhece que a sympathia
É o principio motor
Do gosto, e do dissabor;
Mas, nympha d'alta excellencia,
Não saibas por experiencia
«De quanto é capaz Amor!»

XXXV.

Se Elmano geme de amor,
A sorte de Analia o manda.

GLOSA.

Não é falta de favor,
Não penuria de caricias,
Não carencia de delicias,
«Se Elmano geme de amor:»

Elle já teve o penhor
Que os males todos abranda;
Venceu a inveja nefanda,
N'um bem, que não cede á morte,
E se chora a sua sorte
«A sorte de Analia o manda.»

XXXVI.

A vida de um desgraçado
É peor do que morrer.

GLOSA.

CARRANCUDO, horrivel Fado,
Numen feroz, iracundo,
De que te serve no mundo
«A vida de um desgraçado?»
É á morte comparado
O meu infausto viver;
Mas eis me sinto tremer,
Eis ouço voz desabrida,
Que diz — «Mentes, essa vida
«É peor do que morrer.»

XXXVII.

Amor a amar nos convida.

GLOSA.

Com dura, e branda cadêa,
Com facho activo, e suave,
De seus mysterios co'a chave
Amor entre nós voltêa:
Já deprime, já glorêa,
Já dá morte, já dá vida;
E n'esta incessante lida,
Que em si traz, que em si contêm,
Com o mal, e com o bem
« Amor a amar nos convida. »

XXXVIII.

Flagellam-me agros ciumes,
Tyrannos zelos me matam.

GLOSA.

Todo sou dor, sou queixumes,
Ao que soffro não resisto,
Venenosa origem d'isto
« Flagellam-me agros ciumes: »

Da razão activos lumes
Elles soffocam, e empatam;
Os fios vitaes desatam;
Na essencia de infausto amante
Cheguei ao ultimo instante;
« Tyrannos zelos me matam. »

XXXIX.

Caiam sobre mim os raios,
Se eu deixar de ser amante.

GLOSA.

VENHAM ancias, e desmaios,
Quantos tem a Morte fera,
Rebente a azulada esphera,
« Caiam sobre mim os raios: »
Faça Jove, faça ensaios
Do seu poder fulminante,
Cáia o fogo crepitante,
Que vem dos pólos eternos,
Converta-me nos infernos
« Se eu deixar de ser amante. »

XL.

Elmano por ti amado
Não teme o rigor da Sorte.

GLOSA.

Se foi dos homens cantado,
Se teve louvor outr'hora,
Como ha de ficar agora
« Elmano por ti amado! »
Irá ter a um grau sagrado
Accezo em almo transporte;
Não será subjeito á morte
Seu coração, seu talento;
E firme em tal pensamento
« Não teme o rigor da Sorte. »

XLI.

Aonio, Jonio, e Elmano
São de Amor adoradores.

GLOSA.

O fado, o Fado tyranno
Quiz feroz, quiz violento
Arrojar no esquecimento
« Aonio, Jonio, e Elmano: »

Eis o austero Desengano
Chefe dos deuses melhores,
Lhe diz: «São vãos teus furores,
Não lhe anniquillas a essencia,
Têm contra ti resistencia,
«São de Amor adoradores.»

XLII.

Eu vi nos braços da Aurora
O sol tremendo com frio.

GLOSA.

Se isto vai de foz em fora,
Tambem com luz diamantina
Vir raiando a matutina
«Eu vi nos braços da Aurora:»
Só me falta ver agora
O caranguejo de um rio,
Ver os effeitos do cio,
Cantar modas um macaco,
A lua a tomar tabaco,
«O sol tremendo com frio!»

XLIII.

Almas, vidas, pensamentos.

GLOSA.

Calções, polainas, sapatos,
Persovejos, pulgas, piolhos,
Azeites, vinagres, môlhos,
Tigelas, pires, e pratos:
Cadélas, galgos, e gatos,
Pauladas, dores, tormentos,
Burros, cavallos, jumentos,
Naus, navios, caravellas,
Corações, tripas, moellas,
« Almas, vidas, pensamentos! »

XLIV.

A negra furia Ciume.

GLOSAS.

Morre a luz, abafa os ares
Horrendo, espesso negrume,
Apenas surge do Averno
« A negra furia Ciume. »
Sobre um solio cor da noute
Jaz dos infernos o nume,
E a seus pés tragando brazas
« A negra furia Ciume. »
Crespas viboras pentêa,
Dos olhos dardeja lume,
Respira veneno, e peste
« A regra furia Ciume. »
Arrancando á Morte a fouce
De buido, hervado gume,
Vem retalhar corações
« A negra furia Ciume. »
Ao cruel socio de Amor
Escapar ninguem presume,
Porque a tudo as garras lança
« A negra furia Ciume. »
Todos os males do inferno
Em si guarda, em si resume
O mais horrivel dos monstros,
« A negra furia Ciume. »

Amor inda é mais suave
Que das rosas o perfume,
Mas envenena-lhe as graças
« A negra furia Ciume. »
Nas azas de Amor voâmos
Do prazer ao aureo cume,
Porém de lá nos arroja
« A negra furia Ciume. »
Do ferreo calix da morte
Próva o funesto azedume
Aquelle a quem ferve n'alma
« A negra furia Ciume. »
Do escuro seio dos fados
Saltam males em cardume:
O peor é o que eu soffro,
« A negra furia Ciume. »
Dos immutaveis destinos
Se lê no idoso volume
Quantos estragos tem feito
« A negra furia Ciume. »
Amor inda brilha menos
Do que subtil vagalume,
Por entre as sombras, que espalha
« A negra furia Ciume. »

XLV.

A minha Lilia morreu.

GLOSAS.

Assim como as flores vivem
A minha Lilia viveu;
Assim como as flores morrem
« A minha Lilia morreu. »
Assomando o negro dia,
Ave sinistra gemeu;
Cumpriu-se o funesto agouro:
« A minha Lilia morreu. »
Desfalece, oh Natureza,
Accelera o fado teu;
Esta voz te guie ao nada:
« A minha Lilia morreu. »
Fadou-me o caso medonho
Vate, que nos astros leu;
Os vates são como os numes:
« A minha Lilia morreu. »
Que é do sol? Que é do universo?
Tudo desappareceu;
Foi-se toda a Natureza:
« A minha Lilia morreu. »
A minha ventura, e Lilia
N'um só laço Amor prendeu:
Morreu a minha ventura,
« A minha Lilia morreu. »

Em parte da minha essencia
Minha essencia pereceu;
Não vivo senão metade:
«A minha Lilia morreu.»
Oh quanto ganhava o mundo!
Oh quanto o mundo perdeu!
Doce lucro, e triste perda!
«A minha Lilia morreu.»
Para exultar o universo
A minha Lilia nasceu;
Para os numes exultarem
«A minha Lilia morreu.»
Meu coração desgraçado,
Desgraçado porque és meu,
Evapora-te em suspiros:
«A minha Lilia morreu.»
As estrellas se apagáram,
A Natureza tremeu,
Os promontorios gemêram,
«A minha Lilia morreu.»
Disse, ao ver sereno effluvio,
Que o puro Olympo correu:
Aquella é a alma de Lilia,
«A minha Lilia morreu.»

XLVI.

Um coração como o meu.

GLOSAS.

Milhares de maravilhas
Tem Jove em tudo o que é seu,
Mas não tem n'esse thesouro
« Um coração como o meu.
Déste, Amor, á minha amada
Um semblante como o teu:
Amor, porque lhe não déste
« Um coração como o meu? »

XLVII.

Instantes afortunados.

GLOSAS.

Sacrifiquei á belleza
Meus dias, e meus cuidados;
Esperava em recompensa
« Instantes afortunados. »
Olhos da branda Marilia,
Olhos no céo fabricados,
Minha fé vos merecia
« Instantes afortunados. »

Mas com meus duros destinos
Impiamente conjurados,
Negais á minha ternura
« Instantes afortunados. »
Ai de mim! Vós me pozestes
Na lista dos desgraçados,
Esquivando a meus suspiros
« Instantes afortunados. »
Uma vez compadecidos
Porque não soltam meus fados
D'entre as cadêas do tempo
« Instantes afortunados? »
Não têm ditosos momentos
Os amantes estremados;
São para os amantes frouxos
« Instantes afortunados. »
Os prazeres sobre a terra
Estão de angustias cercados;
Só no Olympo se desfructam
« Instantes afortunados. »
Alma, voêmos da terra
Para os orbes estrellados,
Gosem-se na eternidade
« Instantes afortunados. »
A vida é uma procella
Onde trovejam cuidados;
São relampagos da vida
« Instantes afortunados. »
N'estes mares da existencia
Continuamente empolados,

São momentaneos Santelmos
« Instantes afortunados. »
Da belleza pende o gosto,
Mais poderosa que os fados;
Concede á mesma desgraça
« Instantes afortunados. »
Ha momentos infinitos
Pela desgraça enlutados;
Escaçamente reluzem
« Instantes afortunados. »
Sceptros, vós não dais venturas,
Sois temidos, venerados;
Mas quanto de vós se alongam
« Instantes afortunados! »
Ouço a voz do desengano,
Ouço da verdade os brados:
Não são partilhas do mundo
« Instantes afortunados. »
Mortaes, ide á natureza,
Fugi dos tectos dourados;
Demandai nos livres campos
« Instantes afortunados. »
Ali o rapido tempo
Sobre peitos não manchados
Sacóde das azas de ouro
« Instantes afortunados. »
Ali prazeres celestes
Sobre a terra são gostados;
Convertem-se em natureza
« Instantes afortunados. »

Á peste geral do mundo
Estão sumidos, vedados,
Nos corações innocentes
« Instantes afortunados. »
A morte negros momentos
Traz á mente dos malvados;
Dos justos conduz á mente
« Instantes afortunados. »
Vivei vós, que em vãos prazeres
Andais na terra enlodados;
Que eu busco em globo sublime
« Instantes afortunados. »
Face a face enrosto os numes,
Revolvo arcanos dos fados;
Ha para os vates sómente
« Instantes afortunados. »
Quando no horror da desgraça
Vates estão sepultados,
Fabricam na phantasia
« Instantes afortunados. »
Tempo já Marilia bella
Me deu risonhos agrados;
Vinde a mim por ordem sua,
« Instantes afortunados. »
Marilia com mago riso
Me dá momentos dourados;
Ou tenha o tempo, ou não tenha
« Instantes afortunados. »
Momentos do teu desprezo
São momentos agourados,

E os instantes de teus mimos
« Instantes afortunados. »
Tens os thesouros do tempo
Em teus olhos apinhados;
Elle, a teu sabor, desprende
« Instantes afortunados. »
Quando lateja um sorriso
Em teus beiços nacarados,
Chovem c'roados de flores
« Instantes afortunados. »
Se nos teus braços morresse
Seriam por mim chamados
Os instantes da agonia
« Instantes afortunados. »
Quero comtigo os instantes
Mais tristes, mais enlutados;
Com outra, meu bem, não quero
« Instantes afortunados. »
Aprende nos teus favores
Quando dos cofres dourados
Extráe a mão da Ventura
« Instantes afortunados. »
Aquelle, que céos, e terra
Do nada tirou formados,
Foi maior quando creou
« Instantes afortunados. »

XLVIII.

Instantes afortunados.

GLOSAS.

Sou dos que não querem vida,
Sou dos mais desesperados:
Valei-me, instantes da morte,
« Instantes afortunados. »
São muito mais que momentos
Os momentos desgraçados,
São muito menos que instantes
« Instantes afortunados. »
D'entre os céos com alvas plumas
Lá nos seculos dourados,
Sobre a terra, Amor, trouxeste
« Instantes afortunados. »
Estes instantes volveram
Aos puros, Elysios prados:
Já nem a innocencia gosa
« Instantes afortunados. »
Sinto de sorte á tristeza
Meus desejos costumados,
Que nem cubiço, nem sônho
« Instantes afortunados. »

ALLEGORIAS.

I.

A ANARDA.

Candida pomba mimosa,
Ave dos niveos Amores,
Cingida por mão das Graças
D'um lindo colar de flores:
Venus, macia a meus versos,
Grata aos cultos, que lhe dou,
Já desde o ninho amoroso
Para mim te destinou.
A pomba de Anacreonte,
Nuncia dos suspiros seus,
Tinha parte em seus desvélos,
Tu gosas todos os meus.
Ella não foi tão fagueira,
Tão delicada, e tão bella,
Tão doce á mãe de Cupido,
Tão digna dos mimos d'ella.

Se vive na branda Musa
Do terno, rugoso amante,
Tu tens juvenil Camena,
Que te idolatre, e te cante:
Tens os sons da minha lyra
Sagrados a teu louvor,
Vezes mil nas aureas cordas
Uno teu nome ao de Amor.
Se a que voava a Bathylo
Mereceu posteridade,
A teus encantos compete
Não menos que eternidade.
Se em templo, que os muros de ouro,
Que a base nos céos escora,
Defeso ao monstro implacavel
Que os proprios filhos devora,
Se junto ás aras luzentes
D'alta Memoria superna,
Em galardão de meus cantos
Me cabe memoria eterna;
A'quella enchente de glorias
Ou tu voarás comigo,
Ou hei de, enjeitando o premio,
Morrer de todo comtigo.
Não vale este excesso a dita
De só por ti conhecer
Que inda existia o teu vate
Para amor, para o prazer?
Tu despertaste em minha alma
A dormente sympathia,

Sentimentos, que a desgraça
Quasi amortecido havia:
No horror de escuros desastres
Abafando o coração,
Das carinhosas delicias
Era esquivo á commoção;
Mas apenas a meus olhos
Em molle adejo assomaste,
De mil serenas idéas
Minha phantasia ornaste.
Eis surgir d'entre as ruinas
Vejo o imperio da belleza,
N'alma outra vez me resôa
O grito da natureza.
Tórno a sonhar a ventura,
Tórno a suspirar de amores,
E julgo o céo resumido
Nos teus dons encantadores.
Meus pensamentos se apuram,
Apuram-se os meus desejos
No tenue philtro celeste
De teus espontaneos beijos.
Ás vezes, porém, meus gostos
Saltêa azedo temor
De que nas garras farpantes
Te arrebate ousado açor.
Cuido ver-te injusta preza
Do roubador famulento,
Que exulta no inaccessivel,
Remoto asylo do vento:

Cuido ver-te lacerada
De fero, voraz instincto,
E quantas feridas sentes
Em dobro, em tresdobro sinto...
Mas longe, longe d'esta alma,
Arripiados terrores;
Cessai, que no meu thesouro
Estão velando os Amores:
Elles não querem perdel-o,
Elles sabem-lhe a valia,
Sabem quanto a Natureza
D'este penhor se atavia.
Porém tu, menino Idalio,
Se te enternecem meus ais,
A teus prodigios immensos
Ajunta um milagre mais.
Deixando-me a vida illesa,
Abre-me o peito inflammado,
Abre, oh nume, e desvanece
Este medroso cuidado:
A gentil pomba, que adoro,
Dirije co'a tenra mão;
Em meu peito se resguarde,
Pouse no meu coração.

II.

O ZEPHYRO, E A ROSA.

(Imitada de uns versos de Parny.)

Linda Rosa sobre a margem
De um regato cristalino,
Ia abrindo o rubro seio
Ao doce humor matutino:
Acaso um Zephyro, errante
Nas amorosas paixões,
A viu, e quiz dos prazeres
Dar-lhe as primeiras lições:
Porém não foi attendido
Da florinha esquiva, e bella,
« Por quem sois voai, deixai-me,
Não posso amar (lhe diz ella):
« Ainda sou pequenina,
Ainda apenas vos vejo,
Tornai á tarde, e de ouvir-vos
Talvez terei menos pejo. »
N'isto o Zephyro adejando
Vai cuidar de outros amores,
Que o que vós succede, oh nymphas,
Succede tambem ás flores.
Indo já longe, eis um Euro
Para a Rosa se encaminha,
E com rusticos affagos
Lhe desprende uma folhinha.

Cáe no arroio, e vai com elle
(Oh grosseiro, oh fatal brinco!)
Apoz esta segue-se outra,
Depois tres, e quatro, e cinco.
Finalmente o rude amante
Mimosas graças desfaz,
Que os meigos deuses lograram,
Se a Rosa fôra sagaz.
Vólta o Favonio ancioso
Por gosar ternos carinhos;
Mas ai, que em logar da Rosa
Não acha mais do que espinhos!
Armia, observa este exemplo,
Desterra illusões, e enganos,
Segue Amor, antes que o tempo
Te desfolhe a flor dos annos.

CANÇONETAS.

I.

A ARMANIA.

Armania, de alvo rosto,
Encantador, divíno,
Vagava junto á margem
Do Tejo cristalino:
  Em torno á branda nympha
Se ria a Natureza,
Ufana em ter creado
Tão nova gentileza:
  Zephyro, enchendo as rosas
De magoa, e de ciume,
Ia nos labios d'ella
Gosar melhor perfume:
  Lindos, subtis insectos
Á roda lhe adejavam
E os louros Amorinhos
De inveja os enxotavam;

Sobre o matiz dos prados
O deleitoso Abril
Tornava-se de vel-a
Mais ledo, e mais gentil:
A flor, que pelo vento
Jazêra debruçada,
Erguîa o tenro colo,
Dos tenros pés tocada:
Com rapidos gorgeios
O rouxinol, que encanta,
Para seguir-lhe os passos
Ia de planta em planta:
Á nympha, que o pizava,
O chão se amollecia;
Cada sorriso d'ella
Abrilhantava o dia:
Dobrando a graça, o lustre
Do azul, ethereo véo,
No maior bem da terra
Se recreava o céo:
O Tejo namorado
Cedêra a urna de ouro,
Se Amor lhe désse em troca
Tão singular thesouro:
Tudo prazer sentia
Ao ver um tal portento;
O céo, a terra, as aves,
O rio, o sol, e o vento:
Mas o amoroso Elmano
Notando occulto a bella,

Colhîa outros effeitos
Dos attractivos d'ella;
  Vibravam-lhe seus olhos
Envenenado tiro;
Por onde a frecha entrava
Saîa-lhe um suspiro:
  Eis que o menino Idalio,
Que aos tristes amadores
Cruentas serpes guarda
Entre mimosas flores;
  Ao som de um ai, que exhala
O mavioso amante,
Encára, vôa, e diz-lhe
Com rispido semblante:
  « Dos Fados no volume
Este decreto está:
— Quem for mais estremoso
Mais infeliz será. —
  N'isto revôa o nume
Da nympha para o lado,
Deixando em amarguras
Submisso o desgraçado.
  Ah lastimoso Elmano!
O que ao traidor ouviste
Desterra vãos desejos
Para o silencio triste.
  Mas sempre ardor interno,
Muda paixão te rale,
Que a perfeição de Armania
Os teus martyrios vale.

E se entre agudas garras
De acerbos desprazeres
A mil fataes combates
Teu coração renderes,
A linda mão, que adoras,
Em fim compadecida,
Talvez te doure a morte,
Se te escurece a vida.
Pode a teu ponto extremo
Illuminar o horror,
A bella, a doce Armania,
Astro do céo de amor.
Dize-lhe então, soltando
Os derradeiros ais,
Que antes morrer por ella,
Do que viver co'as mais.

II.

Aos annos da Senhora D. Maria do Carmo.....

Roxeava no horisonte
Sereno, amoroso dia;
Rosas, e jasmins a Aurora
No puro céo desparzia.
De ameno matiz brilhante
A natureza esmaltada,
Não surgiu tão majestosa
No ponto em que foi creada.

Como que não satisfeito
O artifice divinal,
Primoroso, ultimo toque
Déra ao quadro universal.
Gorgeava em tom mais doce
O plumoso, aereo bando;
De ventos, flores, e rios
Era o murmurio mais brando.
Suas plantas se vestiam
De recendentes verdores,
Em tudo o mez das searas
Imitava o mez das flores.
Ganhava o mundo desperto
Força nova, novo ardor,
E em beneficio do mundo
Tinha madrugado Amor.
Suspenso o costume antigo
De velar na escuridade,
De cerrar cançados olhos,
Quando aponta a claridade;
Dormira o gentil menino,
Quando não usa dormir,
E chusma de affaveis sonhos
Lhe fôra em torno sorrir.
Da mãe no molle regaço
O deus volatil pousou,
Depois que o plano sublime
De extranha empreza ideou.
Qual era o desenho excelso,
Qual a grande, illustre empreza?

Era dar mais luz, mais graça,
Mais prazer á natureza.
Era entornar sobre a terra
Os seus dons, e os da ventura,
Era eternizar um dia
Consagrado á formosura.
Peitar o sol, demoral-o
Sobre o Tejo cristalino,
A Jove extorquir o imperio,
Romper as leis do Destino.
Mal vê que renasce o dia,
Sae dos lares de Amathunta;
Fugindo á mãe carinhosa,
Os tenros socios ajunta.
Facil não foi congregal-os,
Por mil partes desparzidos,
Aqui sorrisos soltando,
Além soltando gemidos.
Alguns descobre enredados
Nos laços vís da avareza,
Á prepotente fortuna
Sacrificando a belleza.
Alguns entre as labaredas
De ardente bruteza impura,
Ao negro vicio teimoso
Dando os premios da ternura.
Vê seus bens falsificados
Em um, em outro logar,
E ao longe co'as mãos nos olhos
A Verdade a suspirar.

Exhala um ai despeitoso
O menino encantador,
E recorda os tempos d'ouro,
Em que era virtude amor.
Depois de estar pensativo
Curto espaço o meigo deus,
D'esta arte ao extasi arranca
Os falsos ministros seus:
« Vinde, insanos delegados,
Que abusais do meu poder,
Vinde n'uns olhos, que adoro,
Estudar vosso dever.
« E tu, deusa profanada
De torpe, audaz vituperio,
(Diz para a triste Verdade)
Vem recobrar teu imperio.
« Tu por mim serás vingada
Dos não devidos insultos,
Em dous corações ligados
Verás os teus, e os meus cultos. »
Tremendo á voz poderosa
Salta o bando dos Amores,
E a denegrida deidade
Renova os seus resplendores.
Brama o vicio abandonado,
E á turba debalde acenas,
Vil, caviloso Interesse,
Que o cego mundo envenenas.
Pára em roda ao lindo chefe
O arrependido tropel,

E jura ás leis aggravadas
Nunca mais ser infiel.
Amor lhes dá n'um sorriso
Mostras de estar aplacado,
Na frente dos socios vôa,
Vôa a Verdade a seu lado.
A terra não vem c'roar-se
De teus dons, benigna Flora,
Colhe as flores, que semêa
No ethereo jardim a Aurora.
Eis d'ellas o côro alado
N'um ponto grinaldas tece,
Tambem se enfeita a Verdade,
Que já de adornos carece.
Mutuamente engrinaldados,
Baixam pelos tenues ares,
E da candida Marilia
Pousam ledos ante os lares.
Vinha assomando entre as graças,
Quando a manhan renascia,
E extranhava a Natureza
Duas auroras n'um dia.
« N'aquella (aos brandos sequazes
Diz Amor) aprendereis
A manter-me os puros gostos,
A zelar-me as doces leis.
« Olha, Verdade lustrosa,
Dos céos adoravel filha,
Como o teu fulgor suave
N'aquelles encantos brilha.

« Em teu nome, em gloria tua
De Hymeneo cingi no altar
Corações incomparaveis,
Venturoso, amavel par.
« A quem me deu mil suspiros,
De mil glorias fiz senhor;
Ao mais extremoso amante
Dei o maior bem de amor.
« Hoje, que em nascer Marilia
Se alteou a esphera humana,
Hoje colherei triumphos
Até da commum tyranna.
« Hoje da terrivel Parca
O poder será coarctado:
Contra mim não tem valia
Leis de Jove, ou leis do Fado.
« A quem conferi thesouros,
Que não ha na humanidade,
Tambem cabe em meus portentos
Conferir a eternidade.
« Vive, encanto do universo,
Vive sup'rior á Sorte;
Triumpha, reina comigo
Sobre o tempo, e sobre a morte.
« Quando os Fados subjugarem
O mundo em perpetuo somno,
E o cahos tenebroso, informe
Recobrar seu negro throno:
« Inda de graças c'roado,
De entre a desordem sombria,

Risonho, candido, illeso
Surgirá teu fausto dia.
« Entre os estragos da morte
Irás luzindo immortal,
Suprirá tua existencia
A existencia universal.
« Tenha dos céos o destino
Quem tem dos céos a belleza. »
Disse Amor, sorrio-se a nympha,
E sorriu-se a Natureza.

III.

A ROSA.

Tu, flor de Venus,
Córada Rosa,
Leda, fragrante,
Pura, mimosa;
Tu, que envergonhas
As outras flores,
Tens menos graça,
Que os meus amores.
Tanto ao diurno
Sol coruscante
Cede a nocturna
Lua inconstante;

Quanto a Marilia
Té na pureza
Tu, que és o mimo
Da Natureza.
O boliçoso,
Candido Amor
Poz-lhe nas faces
Mais viva cor;
Tu tens agudos,
Crueis espinhos,
Ella suaves,
Brandos carinhos;
Tu não percebes
Ternos desejos,
Em vão Favonio
Te dá mil beijos:
Marilia bella
Sente, respira,
Meus doces versos
Ouve, e suspira.
A mãe das flores,
A Primavera
Fica vaidosa,
Quando te gera:
Porém Marilia
No mago riso
Traz as delicias
Do paraiso.
Amor que diga
Qual é mais bella,

Qual é mais pura,
Se tu, ou ella;
  Que diga Venus...
Ella ahi vem...
Ai! Enganei-me,
Que é o meu bem.

IV.

FILIS, E AMOR.

N'um denso bosque
Pouco trilhado,
E a ternos crimes
Accommodado;
  Por entre a rama
Fresca, e sombria
De tenro arbusto,
Que me encubria,
  Vi sem aljava
Jazer Cupido,
Junto de Filis
Á mãe fugido.
  Entre as nevadas
Mãos melindrosas
Tinha um fragrante
Festão de rosas.

A mais brilhante
D'elle affastando,
Dizia a Filis
Com riso brando:
«Mimosa nympha,
Gloria de Amor,
Dás-lhe um beijinho
Por esta flor?
«Sou criancinha,
Não tenhas pejo.»
Sorriu-se Filis,
E deu-lhe o beijo;
Mas o travesso
Logo outro pede
Á simples nympha,
Que lh'os concede:
Que por matar-lhe
Doces desejos
A cada instante
Repete os beijos.
Assim brincavam
Filis, e Amor,
Eis que o menino,
Sempre traidor,
Co'a pequenina
Bôca risonha
Lhe communica
Sua peçonha.
Descora Filis,
E de repente

Sólta um suspiro
D'alma innocente.
  Mal que o gemido
Férvido sôa
O mau Cupido
Com elle vôa.
  « Ninguem, oh nympha,
(Diz a adejar)
Brinca comigo
Sem suspirar. »

V.

A NOUTE.

A DEUSA, que esmalta
De estrellas o céo,
Já tinha dobrado
Metade do véo;
  O fero inimigo
Da ovelha medrosa
Jazia ululando
Na serra fragosa:
  A ran rouquejava
No turbido lago,
Carpia entre as moutas
O môcho aziago:

De alados insectos
Nos ares vagava
Caterva lustrosa,
Que as sombras dourava:
Os lassos Favonios
Dormiam nas flores,
Em quanto velavam
Famintos Amores:
Susurro aprazivel,
Que o Tejo fazia,
Coarctava a tristeza
Da noute sombria.
Então solitario,
Seu mal, seus segredos
O languido Elmano
Contava aos penedos.
De gélidas gotas
O rosto orvalhado,
De zelos mordido,
Da vida enjoado:
« Destinos! (clamava)
Que assim retardais
O termo infallivel,
Que imploram meus ais:
« De que me aproveita
Viver d'esta sorte?
A vida é aos tristes
Mais agra que a morte.
« Feliza deixou-me,
Fugiu-me a perjura,

Depois de votar-me
Perenne ternura:
« Fugiu-me, deixou-me
Curtindo a anciedade,
Que geram, que nutrem
Ciume, e saudade:
« Entre estes dous males
Meu peito se sente,
Qual entre dous lobos
Cordeiro innocente.
« Ah céos! Tu, minha alma,
Tu, idolo meu,
Manchando teus olhos
No torpe Sileu!
« A mão, que no peito
Me abriu funda chaga,
Nojoso vaqueiro
Te beija, te afaga!
« C'os braços macios,
Apoio das Graças,
O collo rugoso
Lhe amimas, lhe enlaças!
« Consentes-lhe, ingrata,
Que libe, que empeste
Nos teus doces labios
O nectar celeste!
« Cedendo aos assaltos
De impuras caricias,
Tambem lhe franquêas
Vedadas delicias!

« Ah! Vinguem-me, estorvem
Seus jubilos ternos
Com raios, com furias
Os céos, e os infernos! »
Aqui os sentidos
Nas azas de um ai
Lhe escapam, lhe fogem,
E o misero cáe.
Nas grutas os éccos
Ao grito espertaram,
E, d'elle doîdos,
A Amor o levaram.
Voando ao fragrante
Vergel de Cythéra
Por ti frequentado,
Louçan primavera,
Encontram Cupido,
Que ha pouco voltára
De empreza brilhante,
Que ufano acabára.
Folgavam do numen
As carnes mimosas
Em molle alcatifa
De goivos, e rosas;
Dormia, e na idéa
Morphêo lhe pintava
Sanguineos triumphos,
Que o mundo chorava;
Não longe, em silencio,
Pousavam Encantos,

Desdens, Esperanças,
Sorrisos, e Prantos;
  Mordazes Suspeitas,
Que o deus vigiavam,
Raivando, em si mesmas
Os dentes cevavam:
  Do tronco de um myrto
Pendia o luzente
Carcaz, salpicado
De sangue inda quente;
  Nas pontas hervadas
Dos aureos farpões
Ainda arquejavam
Fieis corações.
  A gárrula turma
Rodêa Cupido,
Repete, anhelante,
De Elmano o gemido.
  Eis fremem os ventos,
Eis aves álerta,
Convulsos os montes,
E Amor não desperta.
  Os Éccos, pasmados
O corpo lhe abalam,
E apenas o acordam,
D'esta arte lhe falam:
  «É crivel, menino,
Que durmas em paz
Ao som de um gemido,
Que penhas desfaz?»

— « Deixai-me, importunos,
(Lhes brada o travesso)
Que ao som de suspiros
É que eu adormeço. »

VI.

(BACCHICA.)

Amor é fonte
De riso, e graça,
Porém não passa
De um só sabor:
O doce Baccho
Tempéra Amor.
Baccho entre o côro
Das lindas Graças
Exhaure as taças
De almo elixir.
D'um deus o exemplo
Cumpre seguir.

VII.

(BACCHICA.)

Descuida-se Jove
Na olympica meza,
Da summa grandeza,
Do eterno poder:

Consente um sorriso
Nos labios, que mólha,
E humano se ant'ólha
No gesto, no ser;
A monotonia
Dos bens, em que impera,
O nectar lhe altera,
Lhe faz esquecer:
O nectar, que adoça
Mortaes azedumes,
Até entre os numes
Matiza o prazer.
Se Jupiter bebe,
Não hei de eu beber?
De Baccho opulento
Compõe-se o thesouro,
De perolas, de ouro,
Topazio, rubî.
Do nectar sentindo
Nas fauces o travo,
Miserrimo escravo
Desdenha o Sofi.
Lustrosas chimeras
Lhe vagam na mente,
Do mundo é contente,
Contente de si.
Amigos, libemos
O pico sagrado,
Tão mal condemnado
Na seita de Ali.

Teimosos cuidados,
Caterva importuna,
Visões da Fortuna,
Deixai-nos, fugí.
O nosso universo
Não passa d'aqui.
Em torno a Baccho
Susurra, adeja,
Ri-se, graceja,
Scintilla Amor.
Ao deus Idálio
Baccho é preciso,
Doura-lhe o riso,
Lhe accende a cor.
Amor, oh Baccho,
Tem por costume
Juntar seu lume
Com teu ardor.
Ambos se adorem
Com egualdade,
Tenha a vontade
Mais de um senhor.
Baccho triumphe,
Triumphe Amor.

ENDECHAS.

I.

A ARMIA.

Já de illusões não vivo,
Meu bem, sou desgraçado:
Nenhum mortal se esquiva
Do que lhe ordena o Fado.
  Em vão com mil sorrisos
Os candidos Amores
Me afagam, me promettem
Dulcissimos favores;
  Em vão meiga esperança
Me diz que em brandos laços
Hei de expirar de gosto
Nos teus mimosos braços.
  Suspeita roedôra
Me gasta o frouxo alento,
De imagens pavorosas
Me enluta o pensamento;

Murmura na minha alma,
Onde mil serpes cria,
Ouço-lhe em surdas vozes;
« Não lograrás Armia. »
Usa sonhar venturas
A credula esperança;
Só entre mortas cinzas
No tumulo descança;
As lagrimas nos olhos,
No peito enfrêa os ais,
Doura crueis desastres
A miseros mortaes.
Em rapidos momentos
Aos deuses me egualou,
Phantasticas delicias
Na idéa me traçou.
Mil vezes, doce amada,
Fingiu ao meu desejo
Patentes os thesouros
Que recatava o pejo;
Mil vezes (ah! Foi sonho,
Mas sonho encantador)
Me fez voar comtigo
Á gloria, ao céo de Amor.
Ali do terreo manto
Minha alma solta, e nua,
Philtrando-se em teus labios,
Ia aggregar-se á tua;
Ali teu brando peito,
De Amor altar sagrado,

De accezos pensamentos
Só visto, só tocado,
  Á boca melindrosa,
Leda, suave, e pura
Suspiros te enviava
De gosto, e de ternura.
  Mas eis que a luz se extingue
Da fulgida illusão,
E escura, horrenda nuvem
Me abafa o coração.
  Tenaz desconfiança,
Que ás fibras se me afferra,
Garras mortaes vibrando,
Move aos prazeres guerra.
  Subito, abrindo as azas,
As azas cor de neve,
Foge de horror a instavel
Turba risonha, e leve.
  Debalde a companheira
Fiel dos desgraçados
Quer suspender o adejo
Dos jubilos alados:
  Por corações tranquillos,
Soltos das leis de Amor
Te abrigas, te repartes,
Oh bando voador!
  Nos ais, Armia, em tanto
Minha alma se evapora,
Victima lamentavel
Da angustia, que a devora;

E além do turvo Lethes
Zelos temendo achar,
Phrenetica deseja
Poder-se aniquilar.
Se o racional tivesse
Do irracional a sorte,
Se as almas se apagassem
Ao halito da morte;
Feliz de um terno escravo,
Feliz de um triste amante,
Remindo-se do jugo
No derradeiro instante!
Mas ai que a turba insana
Dos méstos amadores
Té lá no reino escuro
Vai suspirar de amores.
Sobre os elysios prados
Inda a sydonia Dido
Guarda as fataes memorias
Do Teucro fementido;
Entre os formosos pomos
O golpe inda roxêa,
Inda goteja o sangue,
Que a neve purpurêa.
Tambem nas margens tuas,
Oh rio somnolento,
Sem demandar o abysmo
Do eterno esquecimento,
Carpindo a bella esposa,
(Ah! Que não póde Amor!)

Arde, suspira o thracio,
Miserrimo cantor.
  Ali aos olhos d'alma
Lhe retrocede o dia
Em que applacára os monstros
Da região sombria;
  Ali no pensamento
O estygio rei figura;
Vê-lhe os terriveis olhos,
A torva catadura:
  Vê-o fervendo em raiva,
Troando em ameaços,
Porque um vivente ousára
Tocar-lhe os negros paços.
  Eis fere a maga lyra,
Que infunde o céo no inferno:
De assombros assaltado,
Cede o tyranno eterno:
  Acóde aos igneos olhos
Doce, invencivel somno,
Baquêa o férreo sceptro
Sobre os degráus do throno.
  Até que em si volvendo
Do subito lethargo,
Contempla Orphêo saudoso,
Desfeito em pranto amargo.
  Soffrendo um ar benigno
No carrancudo aspecto,
Mostra sentir piedade
Do mavioso objecto.

Co'a fera mão, que firma
Dos réos a eterna pena,
Para indagar seus males
Em fim ao vate acena.
Inquire a causa ignota,
Pergunta o gran motivo
De lhe invadir o imperio,
De ir aos infernos vivo.
Mal que as razões lhe escuta
Quebranta a lei da morte,
Manda que á luz do dia
Volva a gentil consorte.
Mas ai, que o vingativo,
Terrifico Plutão
Une á maior das graças
Pezada condição!
Nas fervidas entranhas
Feroz despeito occulto
Quer da amorosa audacia,
Quer despicar o insulto.
« Vai (diz ao triste amante)
Que um não sei que me obriga
A permittir que os passos
Eurídice te siga;
« Mas nega-lhe teus olhos
Em quanto profanares
Co'a temeraria planta
Meus horrorosos lares.
« Á clausula, que imponho
Se execução não dás,

Sem a chorada esposa
Rever o mundo irás. »
  Ah malfadado! Acceitas
O rigoroso artigo,
Mas subito exp'rimentas
Um barbaro castigo.
  Pela mordaz saudade
Roto o cruel preceito,
Olhas, e vês em sombras
Teu jubilo desfeito.
  Sumindo-se a teus olhos
A chara esposa vai,
E a teu inutil grito
Responde ao longe um « ai! »
  Soltando-se, apoz ella
Te vôa o coração,
Para alcançal-a empreendes
Tudo, mas tudo em vão:
  Ás ferrolhadas portas
Do amplo salão ruidoso
Tórnas de novo, e queres
Entrar-lhe o seio umbroso:
  Extráes um som da lyra
Mais tentador, mais terno,
Mas o divino encanto
Não move o surdo inferno.
  Dest'arte a meiga esposa
Do misero amador
Foi por amor ganhada,
Perdida por amor.

Ah brando Orphêo! Não chores,
Suprime os ais que lanças,
Turbado o pensamento
Com tão crueis lembranças.
Eu sou mais desgraçado,
Tu não padeces tanto,
Tu logras, tu desfructas
O premio de teu pranto:
Aquella, que soava
Na tua doce lyra,
Qual suspirava d'antes
Inda por ti suspira:
Eu, miserando objecto
De dor, e de piedade,
Junto á fatal balisa
Da triste humanidade,
Queimando o véo dos Fados
Có'a luz da phantasia,
Vejo futuros males,
Vejo traições de Armia.
Dura exp'riencia antiga
No coração me diz
Que o lacrimoso Elmano
Jámais será feliz.
Oh domador das féras!
A doce, a bella ingrata
Que o laço da existencia
Me sólta, me desata,
Eurídice é nas graças,
Mas na paixão, na fé,

No afago, nos extremos
Eurídice não é.
Votos de amor lhe escuto,
Mas no benigno rosto
Um animo lhe observo
Para a traição disposto.
Os bens instaveis préza
Da lubrica Ventura,
E o desvelado Elmano
Não tem senão ternura.
Na mente a cada instante
Diviso (oh céos! Que horror!)
Volver a ingrata os olhos
A novo adorador;
Sacrificar excessos
Aos dons da varia Sorte,
Sumir-me os tristes dias
Na escuridão da morte:
E, ainda não contente
Da enorme aleivosia,
C'o presumpçoso amante
Pizar-me a campa fria:
Ali, entre seus braços,
Para o cruel fartar,
Do extincto Elmano as cinzas
De imprecações manchar.
Mas trema a deshumana
Se desleal me fôr,
Trema, que até na morte
Terá dominio Amor.

Fará surgir do Averno
Meus manes vingadores,
Para terror, e exemplo
De corações traidores.
Qual o afanoso Orestes,
Das Furias acossado,
Sempre terás, oh féra,
O meu phantasma ao lado;
Como a continua sombra
Perseguirei teus passos:
Não folgarás ao menos
Do meu rival nos braços.
Irei lá no silencio
Da erma noute escura
Turbar-te os deleitosos
Mysterios da ternura.
Quando (ai de mim!) sentires
Teu coração tremer,
Voar tua alma ao cume
Do rapido prazer,
«Perjura! (hei de gritar-te
Com pavorosa voz)
Eu sou Elmano, e venho
Punir teu crime atroz.»
Verei de horror gelar-se
Teu animo infiel,
E o nectar de teus gostos,
Impia, mudar-se em fel:
Teu complice odioso
Verei, dando um gemido,

Fugir-te d'entre os braços,
Convulso, espavorido.
Armia, ah não te exponhas
D'um numen ao furor:
Se as leis de Amor não cumpres,
Teme o poder de Amor.

II.

A GRUTA DO CIUME.

Ha um cerrado bosque
Áquem do abysmo eterno,
Vê-se o vapor do inferno
Nos ares negrejar;
Ali rebentam, crescem
Mil plantas venenosas,
Mil serpes tortuosas
Ouvem-se ali silvar;
Rochedos escabrosos
As nuvens ameaçam;
Rios por elles passam,
Medrosos de os tocar;
Ali tremúla a rama
Do teixo, e do cypreste,
Fermenta estygia peste,
Que as almas vem damnar;

De infestas, roucas aves
O bando ali se acouta,
Que está de mouta em mouta
Desastres a agourar;
As azas não menêas,
Ali, Favonio brando,
Tufões de quando em quando
Só se ouvem rebramar.
Ali umas com outras
As arvores se fecham,
De sorte que não deixam
Do dia a luz entrar;
A custo ali respira,
Cercada a Natureza
De horror, e de tristeza,
Capaz de a suffocar;
Ali, sempre aclarado
Pelo tartareo lume,
Jaz do cruel Ciume
O temeroso lar.
Na abhorrecida entrada
Véla a mordaz Suspeita,
Continuamente affeita
A crer, e a recear;
No seio da caverna
A torpe Inveja escura
Phrenetica murmura,
Venenos a espumar:
Sente-se lá no fundo
Da estancia sinuosa

Caterva pavorosa
De monstros ulular:
N'um férreo throno em braza
Reina o Ciume horrendo,
Angustias mil tecendo,
Para os mortaes tragar:
Na mão tem negra taça
Cheia do fel da morte,
Com rábido transporte
Não cessa de arquejar;
Ara fatal ao mundo
Terror n'um canto inspira,
Sulphurea, ardente pyra
N'ella se vê fumar;
N'ella milhões d'amantes
Vão por destino infausto
Ser misero holocausto,
As vêas esgotar;
Ministro carrancudo
Frio cutélo amóla,
E as victimas dególa
Sobre o medonho altar.
Vós deveis crer, humanos,
Que a descripção, que ouvistes,
É de quem foi tão tristes
Objectos contemplar.
Ah! Sim, já tenho sido
Pelo tyranno alado
Mil vezes arrastado
Ao horrido logar;

E se eu, mortaes, não pude
Como poderam tantos,
Em sangue, em ais, em prantos
O espirito soltar;
Foi porque Amor cruento
Não quiz que extincto eu fosse:
Achou que era mais doce
Morrer do que penar.

RETRATOS.

I.

Em quanto os gados
Pascem dispersos
Casem-se á lyra
Meus brandos versos.
  Tyrso, que adoras
Nize engraçada,
Ouve o retrato
Da minha amada.
  Em seus cabellos
Soltos, e ondados
Mil Cupidinhos
Estão pousados:
  Lá, convertidos
Em virações,
Ordenam laços,
Armam traições.

Os olhos d'ella
São como o céo
Depois que a Noute
Desdobra o véo:
Tem tal virtude,
Tal movimento,
Que encolhe as azas
Ao pensamento:
Na linda face
De neve pura,
Onde entre as rosas
Brilha a candura,
Ha certa graça,
Certa viveza
Mais attractiva
Que a gentileza:
Nos doces labios
Qualquer sorriso
Aviva idéas
Do paraiso:
Ornam-lhe o seio
De eburnea cor
Por fora as Graças,
Por dentro Amor:
Ali assaltos
De audaz desejo
Move a ternura,
Rebate o pejo:
Das melindrosas
Mãos transparentes

Os alvedrios
Ficam pendentes:
  Lisas columnas,
Taes como as creio,
De obras divinas
Candido esteio,
  Guardam thesouro
De alta valia,
Que só se gosa
Na phantasia.
  Ah! Que attraído
Da imagem bella,
Meu pensamento
Se absorve n'ella!
  Tyrso, não posso
Pintar o mais,
Meus brandos versos
Tornam-se em ais.
  Já tu conheces
A formosura
Que foi objecto
D'esta pintura.
  Quem do retrato
Não ajuiza
Que ou é de Venus,
Ou de Felisa?

II.

Vive na margem
Do Tejo louro
Candida nympha,
De Amor thesouro.
  Madeixas bellas
Ao ar lhe ondêam,
Que os pensamentos
Soltas enlêam:
  Seus olhos ternos
De alta belleza
São dous milagres
Da natureza:
  A liberdade
Morre de os ver,
Mas tem na morte
Doce prazer:
  Em suas lindas
Faces lustrosas
O pejo enfeitam
Jasmins, e rosas:
  Nos puros labios
De acceza cor
Mudado em riso
Triumpha Amor.
  Um véo lhe sóme
Globos de neve,

É a phantasia
Só se lhe atreve.
Nas mãos formosas
Mudos desejos
Dão-lhe invisiveis,
Sôfregos beijos.
De mil delicias
Cofre sagrado,
Tão escondido
Quão suspirado,
Recebe d'ella
Virtude tanta,
Que até na idéa
Gosado encanta.
O deus terrivel,
O summo Jove,
Que os céos occupa,
Que os astros move,
Um dia os olhos
Volvendo á terra
Viu esta nympha,
Das almas guerra.
Sentiu de gosto
Doce desmaio,
Mudou de aspecto,
Caîu-lhe o raio.
Pasmou do humano,
Raro portento,
Fugiu-lhe Venus
Do pensamento;

De novo em cysne
Foi transformar-se,
Mas a Virtude
Soube o disfarce.
Ah! Se até Jove
Ferve em ternura,
Vendo os encantos
De Armania pura;
Se elles o ferem,
Que mal, que damno
Farão no peito
Do terno Elmano!

QUADRAS.

I.

«Deus de Amor (a Amor eu disse)
Sou feliz, venci meu fado,
Quebrei de antigas tristezas
O jugo a que estive atado;
«Achei piedade em Felisa,
Entre as mais bellas tão bella,
Que nem tua mãe possue
Olhos como os olhos d'ella.
«Aquelles astros benignos
Com que influes teu poder
Me deram candidas mostras
De ternura, e de prazer.
«Tenro deus, (eu proseguia)
Tenro deus, sou venturoso...»
Eis me interrompe o menino
Em tom suave, e piedoso:

— « Meu fiel, submisso escravo,
Triste exemplo dos amantes,
Não folgues, não te hallucines,
És infeliz como d'antes.
« Tenho em vão lidado, Elmano,
Por melhorar teu destino:
Um poder mais formidavel
Destróe meu poder divino.
« Irrevogavel sentença
É a sentença do Fado:
Eu desejo-te ditoso,
Elle te quer desgraçado.
« Ah servo meu! Vê, repára
Se de ti doído estou:
Teu grilhão romper quizera
Com esta mão, que o forjou;
« Mas, infeliz, eu não posso
Desatar teu coração:
O jus de remir amantes
É do tempo, e da razão.
« Sabe que vens illudido,
Felisa não te acarinha;
A compaixão, que notaste,
Não era d'ella, era minha.
« Eu, quando louco de amores
A seus pés foste gemer,
Jazia em seus lindos olhos
Sem a tyranna o saber.
« Comigo ali se abraçava
A afagadora esperança,

Mas no coração da ingrata
Velava a fera esquivança.
« Por mais que instantes de gosto,
Ou de descuido lhe espreito,
É baldada a vigilancia,
Não posso invadir-lhe o peito.
« Se de novo contemplares
Seus olhos, que n'alma tens,
D'onde afagos mil brotáram
Verás brotar mil desdens.
« Abate o vão pensamento
A tanta gloria exaltado,
E sejam teu desafôgo
Imprecações contra o Fado. »
Aqui soluço ancioso
A doce voz lhe enleou,
E as rosas das tenras faces
Miudo pranto aljofrou.
Eu desconsolado, eu mudo
Quanto d'antes ledo, ufano,
Offrendas, que a Amor levava,
Fui levar ao Desengano.

II.

A ARMIA.

(Imitadas de Parny.)

Occulte-se, doce Armia,
Negue-se, minha deidade,
A scena dos nossos gostos
Á nociva claridade.
Nunca os segredos da noute
Contêmos, meu bem, ao dia;
Frios corações ignorem
Nossa mútua sympathia.
Amor em sendo ditoso
Costuma ser imprudente,
E nos gestos de quem ama
Logo o vê quem o não sente.
Por ti receio a viveza
De experta mãe vigilante,
E o Argos, que tem no peito
Um coração de diamante:
Esse espia encanecido,
Alma rispida, e sombria,
Cuja espinhosa virtude
Só com ouro se amacia.
Em quanto luzir de Apollo
O importuno resplendor,
Não rutilem nos teus olhos

Desejos que accende Amor,
  Se te apparecer Elmano,
Não córes as lindas faces,
Nem o mais leve suspiro
Do coração desenlaces;
  Mostra-me um ar distraído,
Como quando os outros vês,
Não haja no teu semblante
Turbação, nem languidez. . . .
  Mas ai! Que de quanto disse
Quasi arrependido estou.
Minha Armia, ah não abuses
Dos conselhos que te dou!
  Em nome de Amor te rogo
Que nunca em minha presença
Com perfeição arremedes
A descuidada indiff'rença.
  « Aquillo é brinco, é disfarce »
Diria. . . mas oh tormento!
Receoso da verdade
Me deixara o fingimento.

III.

INALIA MELHOR QUE A ROSA.

Assim como a madrugada
Na manhan de Abril formosa
Derrama suave orvalho
Sobre a pudibunda rosa:
  Do mesmo modo Natura
No rosto de Inalia bella
Vai lançando tantas graças
Quantas não tem uma estrella.
  Á proporção que o sol cresce,
Na rosa se augmenta a cor;
Em Inalia a cada instante
Se encontra graça maior.
  Da rosa agudos espinhos
A guardam de impuro tacto,
De Inalia a pureza a guarda
Inda com maior recato.
  Da rosa o doce perfume
Um só sentido arrebata;
Mas o halito de Inalia
Tanto encanta, que até mata.
  Empenha-te, oh Natureza,
Em crear flor mais mimosa,
Que á vista da minha Inalia
É de pouco preço a rosa.

Outro ente jámais formaste
Tão terno, nem tão perfeito;
Quebrou-se, mal que o acabaste,
O molde por que foi feito.
Não pódes outro segundo
Ao primeiro egual fazer;
Porque nem sempre o acaso
Nos deve favorecer.
Quando o faças inda assim,
Não terás ganhado a palma;
Pois tu só dás a figura,
Porém nós formâmos a alma.
Alegra-te, Inalia minha,
Mais pura que a rosa pura,
Que essa alma de que és dotada,
É maior que a formosura.
Revive, Inalia, revive
Para modelo das flores,
Chefe d'obra da Natura,
Doce incentivo de amores.
Oh Tempo! Oh Morte! De Inalia
Os dias vos são vedados:
Eu li nas mãos do Futuro,
Que vos eram reservados.

ADIVINHAÇÕES.

I.

Bem que pareço a verdade,
Tórno a verdade illusão:
Quereria o mesmo Apelles
Ter a minha perfeição.

II.

De meu nome no começo
Inculco ser principal;
No resto em sombra esmoreço,
E com meu nome total
Ainda a sombra apeteço.

III.

Que é de mim tudo cuberto
Em parte de mim se entende;
N'outra parte a vida expérto,
E se inteiro alguem me offende,
Morre meu dono de certo.

IV.

Haver em mim luzimento
Depende de qualquer mão;
Engulo, e não me alimento,
Porque extranhos, que sustento,
Comem tudo o que me dão,

V.

Sendo insensivel, de um bruto
Uso andar acompanhada;
E sendo sensivel, fui,
Ou sou co'um homem ligada.

VI.

Quem me observa, e quem m'escuta
Diversas cousas me crê:
Sou imperfeita a quem me ouve,
Sou perfeita a quem me vê.

VII.

Amam-se tanto nas sombras
Quanto na luz se enfastiam;
Em mim acabam-se muitos,
Muitos em mim principiam.

ANNOTAÇÕES AO TOMO III.

Pagina 7 — Epistola I.

Na «Bibliotheca Familiar e Recreativa» periodico publicado em Lisboa pelos annos de 1836 e seguintes, de que foi redactor o falecido C. Lagrange Monteiro de Barbuda, deparámos no vol. VII a pag. 21 com uma epistola, firmada com o nome de Bocage, e dada como *inedicta*, a qual se diz dirigida por *Almeno a Gertruria*, e começa egualmente

Cá do pé das gangeticas ribeiras, etc.

Todavia, da sua confrontação com a que apresentamos n'esta edição, trasladada do I.º tomo das «Rythmas» de Bocage, resulta que ambas são uma só, e a mesma composição, com quanto offereçam pelo decurso de seus contextos numerosas differenças, e variantes. Entendêmos que em todo o caso nos cumpria preferir a que o auctor publicou em sua vida; pois é fóra de duvida que a chamada *inedicta* não passa de mera copia de algum original antigo, a que o poeta não havia ainda posto a ultima lima.

Por esta occasião cabe tambem prevenirmos o leitor, de que na citada «Bibliotheca» apparecem insertas varias outras poesias, das quaes umas são attribuidas a Bocage sem o minimo fundamento plausivel, e outras incompetentemente qualificadas de *inedictas*, achando-se alias impressas desde muitos annos.

Para completa prova de um e outro descuido, bastará apontarmos aqui a «Carta de Sapho a Phaon» (traduzida, ou antes paraphraseada da heroide de Ovidio) que se lê no vol. VI d'aquelle periodico a pag. 92, e seguintes. Esta peça nem é de Bocage, nem estava inedicta. Todas as pessoas ainda mediocremente versadas na lição dos nossos poetas modernos reconhecerão para logo a propria traducção, ou paraphrase de Manuel Mathias Vieira Fialho de Mendonça, por este publicada no I.º dos dous volumes das «Rythmas» que deu á luz em 1805. A differença está em que a impressa na «Bibliotheca» vem consideravelmente mutilada em varios logares, e dividida por tal modo, que parecem duas cartas em vez de uma.

Outros exemplos poderiamos adduzir, se tanto fosse necessario.

Pag. 14 — Epistola II.

Debalde nos cansariamos em excogitar a razão com que ao erudito auctor da «Livraria Classica» no tomo XXII a pag. 40 escapou a assersão, por certo menos pensada, de ter sido esta epistola dirigida a Sebastião Xavier Botelho. Para a confutar victoriosamente bastaria recordar-lhe que o nome poetico, ou pastoril, *Josino*, foi sempre empregado (como convêm á sua indole e formação) por todos os nossos poetas para substituir o proprio de *José*; sem que até agora se aventasse a alguem a possibilidade de o tornar anagramma de *Sebastião*. Tanto mais que o nome arcadico de Botelho era *Salicio* (como evidentemente se collige das epistolas XII e XIII do presente volume). — Além de que não consta, nem achamos provavel que Manuel Maria tivesse, no curto intervalo da sua demora em Lisboa antes de partir para a India, contrahido com aquelle os laços de intimo tracto, e convivencia mais que familiar, que a epistola nos denuncia existirem entre o seu auctor, e a pessoa a quem foi endereçada. Este Josino devia ser, segundo conjecturamos, um amigo de mais longa data, e provavelmente algum conterraneo do poeta. Porque motivo porém se occultou o seu nome, contra o costume geralmente seguido pelo auctor em similhantes composições? Algum houve por certo: mas qual elle fosse é para nós um enigma, que não sabemos decifrar.

Pag. 19 — Epistola III.

A simples inspecção das duas epistolas antecedentes marca por modo indubitavel e preciso a epocha, e o logar da composição de cada uma d'ellas. Não acontece porém o mesmo, quanto a esta III, pois que do seu contexto não se colhe cousa alguma de positivo áquelle respeito. Por nossa parte inclinamo-nos a crer que é obra escripta em Lisboa, passado mui pouco tempo depois do regresso do poeta. O certo é que a tal senhora Urselina, de quem não podémos haver mais particulares noticias, foi entre a numerosissima turma das deidades, que successiva ou promiscuamente possuiram o coração do apaixonado Elmano, uma das que a maior dispendio o obrigáram de suas oblações metricas. Para prova citaremos os sonetos XXVII, XLV, LXXVII etc. do livro I — bem como o idyllio XX, que contém, ao que parece, o inesperado rompimento e terminação d'estes amores: etc. etc.

Pag. 23 — Epistola IV.

Tanto esta epistola, como as que se seguem até á VIII inclusive, foram escriptas pelo poeta durante o periodo da sua detenção na cadêa da cidade (Agosto de 1797 a Novembro do mesmo anno), e todas dirigidas no intento de interessar a seu favor o patrocinio, ou vali-

mento das personagens a quem íam endereçadas, inspirando-lhes a comiseração do seu infortunio, e pretendendo justificar a sua innocencia.

D. Marianna Joaquina de Vilhena Pereira Coutinho era então dona da camara da rainha D. Maria I. Esta senhora parece ter tido sua tal ou qual inclinação ás letras, e favorecido os que as cultivavam; por quanto, além do testemunho de Bocage (posto que não de todo insuspeito, attenta a conjunctura) achâmos que varios outros poetas contemporaneos lhe dedicaram suas composições; distinguindo-se entre elles o nosso inimitavel lyrico Filinto Elysio, na bellissima ode, que compoz em louvor da referida dama, e que começa:

Em vão, Cupido, settas sobre settas
Encravas n'esta chaga de meu peito, etc.
(*Edição Rollandiana*, tom. II pag. 134)

escripta, ao que parece, poucos dias depois do em que teve de ausentar-se da patria, para escapar ás garras dos inquisidores.

Pag. 28 — Epistola v.

Henrique José de Carvalho e Mello, marquez do Pombal, e conde de Oeiras, foi filho primogenito e successor do primeiro marquez do mesmo titulo Sebastião José de Carvalho e Mello, afamado ministro d'estado d'el-rei D. José I. — Faleceu no Rio de Janeiro a 26 de Março de 1812, com 64 annos d'edade. Tinha sido em tempo de seu pae presidente do senado da camara de Lisboa; e foi depois gentil-homem da camara da rainha D. Maria I., gran-cruz das ordens de Christo e da Torre e Espada, presidente do tribunal do Desembargo do Paço, e da mesa da Consciencia e Ordens etc. etc. — Isto não obstante o que a seu respeito diz o general Dumouriez no seu «État présent du Royaume de Portugal» (Nouvelle edition, Hambourg 1797 — a pag. 276 in fin.)

Pag. 34 — Epistola vi.

D. Thomás Xavier de Lima Nogueira Vasconcellos Telles da Silva, primeiro marquez de Ponte de Lima, e decimo-quarto visconde de Villa-nova da Cerveira, ministro assistente ao despacho da rainha D. Maria I., encarregado dos negocios do Reino, e depois dos da Fazenda, etc. — Falecido com 70 annos de edade no anno de 1800. É curioso, e muito para vêr o retrato, que d'este ministro nos deixou Jacome Ratton nas suas «Recordações» que já tivémos occasião de citar, impressas em Londres, 1813, pag. 330 — 333.

Pag. 38 — Epistola vii.

O marquez de Abrantes D. Pedro de Lencastre Silveira Castel

lo-Branco Almeida Sá e Menezes, genro do marquez de Ponte de Lima, de quem acima falamos, e falecido a 25 de Março de 1828, era n'aquelle tempo mordomo-fidalgo da sancta casa da Misericordia, e n'essa qualidade incumbido de promover a defensão e livramento dos presos desvalidos.

Pag. 41 — Epistola VIII.

Esta epistola, que o auctor nos diz ter sido «improvisada» foi escripta da cadêa do Limoeiro em Outubro de 1797; e destinada a acompanhar a VI, que devia ser entregue ao ministro marquez de Ponte de Lima, por intervenção de seu filho *Laurenio*, isto é, D. Lourenço de Lima, nascido em 1767, e agraciado em 1836 com o titulo de conde de Mafra.

Pag. 44 — Epistola IX.

De José de Seabra já dissémos alguma cousa nas «Annotações ao tomo II» a pag. 425. — A epistola a que actualmente nos referimos, data de 1798, ou do anno seguinte. Os versos (pag. 48).

> Cuja fama, senhor, purificaste
> Das nodoas torpes da mordaz calumnia, etc.

são, a nosso vêr, uma confissão ingenua feita pelo poeta, de que só a José de Seabra devia a sua liberdade. Esta opinião mais se confirma pelo facto de não apparecer d'elle um só verso em agradecimento a nenhuma das outras pessoas, cujo favor implorára nas epistolas antecedentes.

Pag. 50 — Epistola X.

Encabeçámos esta imitação de Parny entre as epistolas, por não acharmos outra classificação que melhor lhe quadrasse.

Verso 10 — «Candida amiga do extremoso Elmano. — «A palavra, amiga» deve entender-se em sentido honroso, como no original.» *(Nota de Bocage.)*

Os asteriscos indicam, como de costume, os versos em que o traductor se affastou da letra do texto do auctor traduzido.

Pag. 54 — Epistola XI.

Esta epistola serviu de dedicatoria do segundo tomo das «Rythmas» de Manuel Maria. Ignoramos as circumstancias especiaes do amigo, a quem foi dirigida; mas vê-se, não só por ella, mas pela que adiante segue sob numero XXVII, e tambem pelo soneto

inserto a pag. 274 do vol. I, que Bocage se mostrava por extremo penhorado, e reconhecido a beneficios que d'elle recebêra; e estes reiterados, e nunca desmentidos testemunhos de gratidão, virtude que nem sempre predominava no animo do poeta, depõem muito a favor do character do sujeito, que os merecia.

Pag. 56 — Epistola XII.

Afigura-se-nos que não nos desviarêmos por muito da verdade, referindo a composição d'esta epistola, e da que immediatamente se lhe segue, aos annos 1800 — 1801.

Sebastião Xavier Botelho deveria ter então concluido de fresco o seu curso de direito na universidade; visto que por decreto de 23 de Dezembro de 1804 o achâmos nomeado provedor dos Residuos, sendo este o primeiro cargo de magistratura, que nos consta servisse. Tinha nascido em 1768, e pertencia á casa dos condes de S. Miguel, como filho natural de Thomás José Xavier Botelho, primogenito do quarto conde d'aquelle titulo Alvaro José Xavier Botelho de Tavora. Depois de exercer successivamente pelo decurso de muitos annos varias e importantes commissões do serviço publico, foi nomeado em 1835 par do reino, e faleceu aos 21 de Março de 1840. Quanto ao seu merito como poeta, e litterato, poderá o leitor estudioso consultar com proveito o « Elogio Historico » que á sua memoria compoz, e recitou em sessão publica do conservatorio real de Lisboa o sr. A. Herculano. Esta peça acha-se impressa no tomo I das « Memorias » d'aquella sociedade a pag. 25.

Como a epistola, que Botelho dirigiu a Bocage, mereceu a este além da resposta as honras da insersão no terceiro volume das suas « Poesias » por elle publicado em 1804, julgariamos em certo modo ír contra a vontade do nosso poeta omittindo-a totalmente na presente edição: aqui a damos portanto, até como *specimen* que em falta de obras de maior momento, servirá para por ella se ajuizar a todo o tempo do estylo, e maneira versificatoria do seu auctor.

EPISTOLA.

Salicio a Elmano.

Sobre erguidas montanhas, que rodêa
Da foz do Tejo a caudalosa enchente,
Longe dos olhos das travêssas Lydias,
Co'a mente do philosopho indagando
A sabia Natureza, que risonha
Em meigos quadros dividida observo:

Conservando em minha alma o vate Elmano,
Sinto correr veloz a pobre vida,
Pobre sem ti, sem ti, que o leme volves
De incognitas idéas, que escaparam
Ao cantor de Venusa, ao Mantuano,
Ao vate Sulmonense. A Aurora assoma,
E em folgazans coréas se avisinham
Nymphas do monte a descantar nos valles
Quanto em sonhos a mente lhes fingira.
  Eu, nutrindo no peito invejas brandas
Do tempo em que vivêra amante, e amado,
Desejava inda ter fagueiras Marcias
Para enviar-lhe as phrases da ternura,
Phrases mimosas, sem adorno, ou arte,
Prole fiel da simples Natureza.
Quando assim me entretenho, oh caso horrivel!
(Inda ao lembrar-me d'ello, ah charo Elmano,
Pulam nos olhos lagrimas de amigo,
Lagrimas ternas, que estancar não posso)
Lugubre voz, que as Furias arrancaram,
Filha do Averno, me espedaça o peito,
Revôa junto a mim com azas negras,
E diz-me, soluçando: «Elmano he morto!»
  Súbito o coração me escala o peito,
Tremo tres vezes, sem saber se vivo.
Não pesquizando a causa, eu gemo, eu choro,
E rógo aos céos phrenetico, e sem tino
Elmano, Elmano meu, que me hão roubado.
De luto se reveste a phantasia:
Escuto logo os ais, ouço os lamentos
Das castas Musas, tristes, desgrenhadas,
Em torno ao louro deus, que te prantêa.
Vejo os Amores, de encolhidas pennas,
Suspirarem por ti, depondo as settas,
Sem nada se lhes dar que Lydias, Marcias
Zombem do seu poder, façam mil mortes;
E impunes deixam pavorosos crimes,
Que para te chorar só acham tempo.
  Vagáram-me na mente estas idéas,
E aos mil suspiros seus íam voando,
Cercados de amargura, os meus suspiros.
Eis que o céo bemfeitor por mais espaço
Não quiz soltar a rédea aos meus tormentos;
Eis da grata verdade a voz sonora
Envia em meu soccorro, e de improviso
Pôz termo ás afflicções, que me fatavam.

Agora, Elmano, o mesmo céo piedoso
Te conserve qual és; e d'elle espero
Vejas a par de ti, como appeteces,
Bom, são, e salvo, o teu fiel Salicio.

Pag. 60 — Idem.

Verso 28 . . Já no bem, já no mal, e em *turvejando*

Turvejando: « É verbo creado por mim; mas parece-me expressivo. » *(Nota de Bocage.)*

Pag. 61 — Idem.

Verso 31 . . . Tens no amavel Dircêo . . . . . .

« O senhor Joaquim Antonio Jeunot, official maior do Desembargo do Paço. » *(Nota de Bocage.)*

Pag. 72 — Epistola xv.

D. João José Ansberto de Noronha, conde de S. Lourenço, falecido em 1804, em edade mui provecta. Este fidalgo foi geralmente havido por um dos melhores philologos do seu tempo, principalmente erudito na historia civil, e ecclesiastica, e no conhecimento das linguas mortas e vivas. — A sua reconhecida desaffeição ao marquez do Pombal, e intimas ligações de amisade e parentesco com a familia dos Tavoras, e com outros declarados inimigos d'aquelle ministro, deram causa a que fosse com elles perseguido, e confinado no fórte da Junqueira, d'onde sómente saíu com os outros presos d'estado por occasião da morte d'el-rei D. José, e exaltação ao throno de sua filha D. Maria I. — O marquez d'Alorna, seu companheiro de infortunio, na « Relação » que escreveu dos presos do dicto fórte (documento curioso, que se conserva até agora manuscripto, e de que possuimos uma copia) fala de um « Tractado para a educação do Principe » que diz fôra composto pelo conde na prisão. Afora esta, não temos noticia de que outras obras escrevesse. Os ultimos annos da sua vida foram passados na casa do Espirito Sancto, da congregação do Oratorio, em uma céla, que os padres (aos quaes era muito affeiçoado) lhe haviam cedido para sua habitação.

Veja-se o que a seu respeito diz Balbi no « Essai Statistique sur le Royaume de Portugal » — 1822 — no tomo II. a pag. cxxxvii.

Varios poetas seus contemporaneos lhe dedicaram composições, em que bem manifestavam o alto conceito que d'elle faziam. Garção endereçou-lhe a satyra II, que anda nas suas « Obras Poeticas » (edição de 1778) a pag. 149; — Antonio Ribeiro dos Sanctos uma

epistola, que vem no primeiro volume das «Poesias d'Elpino Duriense» a pag. 26; — e ultimamente José Agostinho consagrou á sua memoria um epicedio, que fez imprimir separadamente no anno de 1804, e que é (quanto a nós) uma das poesias mais conceituosas, que de sua penna saíram.

Pag. 77 — Epistola xvi.

Joaquim Severino Ferraz de Campos, escrivão da provedoria dos Residuos, homem dotado de indole socegada, e digno de estima por sua franqueza, e amabilidade, segundo nos foi asseverado por alguns seus amigos, que d'elle se recordavam com saudade. Faleceu entre os annos de 1814 e 1816. Alguma propensão tinha para a poesia, e foi um dos fundadores da denominada academia de bellas-letras de Lisboa. Seus versos respiram certa facilidade, e elegancia. Além dos que imprimiu avulsamente, e dos que deixou por sua morte manuscriptos, tinha dado á luz em 1794 um pequeno volume de «Rythmas» em 8.º de 163 paginas, que é hoje pouco vulgar.

Elmano manifestou sempre para com elle sentimentos de uma amizade inalteravel, fazendo justiça ao seu merito, e boas qualidades, e mencionando-o honrosamente em todas as occasiões que se lhe offereciam, do que poderiamos aqui citar varios exemplos.

Nas desavenças suscitadas entre Bocage e os arcades, Joaquim Severino soube guardar a mais estricta neutralidade, conservando-se assim egualmente bemquisto para com os contendores.

Pag. 83. — Epistola xvi.

O desembargador Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, um dos nossos mais distinctos e abalisados jurisconsultos, do qual teriamos de occupar-nos com maior extensão, se o permittisse a natureza do trabalho a que nos achamos ligado.

Dotado de vasta comprehensão, e de talento penetrante e flexivel, fecundado por uma applicação assidua, e coadjuvado por sua memoria feliz, e por uma eloquencia fluente, e natural, o desembargador Vicente José poderia ter prestado mais valiosos serviços á sua patria, e evitado bastantes desgostos, e trabalhos, se limitando-se aos estudos, a que o chamava a sua vocação, dulcificando a aspereza d'elles com os da litteratura amena, e da poesia, a que era não menos inclinado, aspirasse unicamente á posse de uma vida independente, e tranquila. Desgraçadamente não foi assim. Reunindo ao seu inquestionavel talento uma ambição desmedida, sequioso de toda a especie de honras e distincções, um malaventurado sestro desvairou para outra parte as suas faculdades. A posse de uma *pata* foi durante muitos annos o sonho predilecto dos seus desejos, a sua idéa favorita, e o alvo de todos os seus pensamentos. Para a

obter empregou vãmente todas as diligencias, e não poupou meio algum dos que a sua phantasia lhe suggeria como capazes de o levarem ao seu fim. Depois de repetidos ensaios, viu porém sempre burladas as esperanças, que lhe pareciam mais bem concebidas; e apenas conseguiu alienar de si as sympathias, tanto do partido liberal, como do absolutista, aos quaes alternativamente cortejou, e quiz servir. Assim, bem a seu pezar, teve de renunciar á vida publica, e de concentrar-se no seio da sua familia, onde a morte veiu colhel-o, terminando seus dias na ilha de S. Miguel (e não no desterro, e em Angra, como por inexactas informações se affirma na «Livraria Classica,» tomo XXV. pag. 126) aos 14 de Agosto de 1834, contando pouco mais de 69 annos de edade.

Ali havia contractado em 1815 um vantajoso casamento com uma senhora rica, por nome D. Helena Victoria Machado de Faria e Maia; cujo avultado dote, reunido a alguns bens, que de seu patrimonio elle havia, o collocavam na situação de viver abastadamente.

Além das poucas obras que publicou em vida, legou a seus herdeiros muitas, que segundo nos consta, estes conservam na devida estimação. Pela nossa parte temos d'elle varios opusculos autographos, dos quaes alguns incompletos, versando sobre assumptos juridicos, e economicos; e bem assim uma copiosa collecção de poesias, tudo composto anteriormente á sua deportação para os Açores em 1810.

Pag. 83 — Idem.

O vate Corydon, tão charo a Phebo, etc.

Esta passagem allude evidentemente aos conhecidos versos do nosso insigne Garção (Corydon Erymantheo) na satyra I:

Corydon, Corydon, que negro fado,
Que phrenesi te obriga a ser poeta?
Que esperas de teus versos?....
Não sabes que das Musas portuguezas
Foi sempre um hospital o Capitolio?
. . . . . .
Não escreve Lusiadas, quem janta
Em toalhas de Flandres; quem estuda
Em camarins forrados de damasco. . . .

Pag. 84 — Idem.

Entre cadêas innocente, e oppresso,
Longe da bella esposa, e tenros filhos,
O atilado cantor. . . . . .

Refere-se ao citado Garção, que sendo preso, e encerrado na cadêa do Limoeiro, por ordem do marquez do Pombal, por motivos que até hoje (apezar de quanto se têm dicto) são ainda para nós problematicos, ali veiu a finar-se na tarde de 10 de Novembro de 1772, depois de dezenove mezes de apertado captiveiro, deixando mallogradas as diligencias de sua esposa, que n'esse mesmo dia lhe havia obtido do ministro a ordem de soltura.

Pag. 86 — Idem.

A Castro, insigne em letras, em virtudes,
Mandaste os fructos, que orvalhou meu pranto.

« Allude-se a uma epistola, que o objecto d'esta dirigiu ao ex.mo principal Castro, enviando-lhe versos, que o auctor composéra na prisão. » *(Nota de Bocage.)*

As proprias razões, que nos levaram a consignar por extenso n'estas notas a epistola de S. X. Botelho a Bocage, militam para que egualmente reproduzâmos a que lhe enviou em 1801 o desembargador Vicente José, por elle retribuida com a de que acabamos de occupar-nos. Ahi vai, portanto, integralmente copiada da que vem no tomo III das « Poesias » de Manuel Maria :

EPISTOLA.

Vincenio a Elmano.

Estremado cantor, que a lacia Musa
Nas brasilicas praias renascida (*)
Ao patrio, luso clima transplantando,
Qual outr'hora cantou o Venusino
Em honra dos Augustos, dos Mecenas,
Ao som da tua lyra ergueste aos astros
O grande nome do immortal Coutinho,
Novo fautor da lusitana gloria;
A ti, sublime Elmano, que em teus hombros.
Para tamanha empreza destinados,
Tomaste affouto o nobre, o vasto pezo
De transmittir seu nome á eternidade,
Pezo, que a Lysia toda carregava;
A ti vou grato dirigir louvores
Pela parte, que a mim tambem tocava
Da empreza, que tu só desempenhaste.

(*) Allude aqui o auctor á versão, que Bocage fizera do — Canto de Tripoli — composto por J. F. Cardoso, professor de grammatica latina na Bahia. Veja-se o dicto canto no tomo II, e a nota a pag. 406 do presente volume.

De Lysia filho sou, da gloria sua
Uma porção tambem deve ser minha.
Oh! E ao Genio, que a patria alçar procura
Ao rico solio, que algum dia obteve,
Quando ao velho ajuntava um novo mundo,
* Por mares nunca d'antes navegados,
Não era eu devedor de grande parte
Da divida commum aos filhos todos?
Mais do que elles devia, e devo ainda;
(Nem é grandeza d'alma o confessal-o,
Quando todos talvez o reconhecem.)
Porém dividas minhas, e só minhas
Não são as que honram de Coutinho o nome,
Nem podiam jámais eternizal-o:
Não falo d'estas, não; d'outras maiores,
Que são communs a mim, e aos lusos todos,
E que tu, grande Elmano, de teus cofres,
Das riquezas d'Apollo recheados,
Pela nação pagaste, se não tudo,
Mais do que outro nenhum pagar podia.
Louvaste heróe crédor a mil louvores:
Quem mais digno de ser por ti louvado?
Quem póde fazer mais a bem dos outros
Do que sacrificar escassos dias,
Que mesquinha reparte a Natureza,
Inteiros todos ao geral proveito?
De si proprio esquecido, noute, e dia
Nos commodos alheios meditando,
Dos prazeres perder, e do repouso,
A doce fruição, que as almas prende?
Não ser nada a consorte, nada os filhos,
Brandas prisões, que a Natureza forja,
Quando os outros deveres secundarios,
Que são do cidadão, mas não do homem,
Inteiro o dia, inteira a noute pedem?
Nevoso hynverno, estio afogueado
Ser tudo o mesmo quando o officio chama!
Quem póde fazer mais? Nem o heróe mesmo,
Que assim, Elmano, docemente cantas.
Mas que não deverá quem taes extremos
De bemfeitora mão recebe, Elmano?
Eterna gratidão, renome eterno,
Que a Jove eguale o bemfeitor dos homens,
Eis a paga, que devem decretar-lhe
Sensiveis corações agradecidos.
Tanto Lysia devia ao bom Coutinho,
E tu por Lysia tanto lhe pagaste.

Ah! Tão grata comtigo a patria seja
Quanto merece, Elmano, a tua offrenda!
O padrão, que devia levantar-lhe
Por seu zelo incansavel, nos teus versos
Tu soubeste elevar a quem reforça
Nos dous mundos, que o luso sceptro abrange,
Audaz Navegação, util Commercio,
Exercicios, que a mesma Natureza
Parece ter a Lysia destinado,
Quando fez com que ao longo as costas suas
Fossem todas banhadas do Oceano,
E por immensos mares separando
Seus vassallos fieis, e seus dominios,
Um só meio lhe ensina, uma só arte
De os poder ajuntar sobre amplos vasos,
Que vão, que vêm d'um pólo a outro pólo,
A ponte fabricando, que ha de unil-os:
A este, que lá mesmo nas provincias,
Que mais remotas são do luso imperio,
Ensina ao lavrador a agricultura,
E faz que alegre os fructos colha em dobro,
Seus trabalhos mil vezes minorando:
A este, que as colonias enriquece
Para mais consumirem do sobejo
De nossas producções, da industria nossa,
Politico sagaz, que vê ligadas
Sempre a nivel a producção, e o gasto;
Que, sabendo lançar ao longe a vista,
Das gerações por vir domina a sorte,
Pelo exacto compasso calculando
O que hão de produzir seus institutos,
O que lhe hão de custar, e decidindo,
Não por fracas vantagens momentaneas,
Mas por outras, que vêm só genios raros:
A este, a quem Justiça inflamma sempre,
Que o merito procura onde elle existe,
Que não sabe enganar, que traz no rosto
Patente o coração, e os sentimentos;
A este, que comsigo satisfeito,
Nunca tolhe o louvor aos mais devido;
Que do Principe o nome, o nome augusto
Cada vez mais amavel fazer busca;
Que o respeito, que ao throno os povos devem,
No que diz, no que faz ensina sempre;
A este, grande Elmano, levantaste
Rico padrão, que Lysia lhe devia!
Ah! Torno a repetil-o — Seja a patria
Comtigo quanto deve agradecida!

A minha gratidão te destinava
(Por que mais não podia) nos meus versos
Inteira confissão, pregão solemne
Da divida geral de Lusitania:
Porém benigno Apollo, conhecendo
Os ardentes desejos da minh'alma,
Dos divinaes thesouros de seus cofres
Riquezas veiu dar-me, de ti dignas,
Que off'recer-te podesse, e sem receio:
Dous manuscriptos são de letra tua,
Ambos filhos do genio, que te inflamma;
Vê-se n'um trasladado de Lucano
O «Bosque de Marselha» antigo, e negro,
Que talvez nunca foi tão pavoroso
Como o é renascendo nos teus versos:
N'outro se pinta, com mais vivas cores
Do que Tasso pintou, a infausta sorte
De «Eduardo, e Gildipe» succumbindo
Do barbaro inimigo aos golpes duros:
Os dous ternos amantes desditosos,
Um com outro abraçados, fenecendo!
Ah! Seu transe final tão bem descripto
Em teus versos está, que hão de teus versos
Pranto sempre extraír d'olhos que os lerem.
Estes dous manuscriptos, que eu chorava
Como perdidos já, conforme sabes...
Perdidos!... Como haviam de perder-se,
Sem que as Musas houvessem de guardal-os?
Sim, Elmano, em seus cofres, qual thesouro
Até agora os tiveram; foi Apollo
Quem m'os restituiu; por elle entregues
Me foram quando via que, empenhado
Em ser grato comtigo, não podéra
Off'recer-te senão incultos versos.
Eia, pois, um thesouro te remetto
Nos versos, que te mando, e que o teu nome
Eterno hão de fazer, como a Coutinho
Os outros versos teus eterno fazem:
Ninguem premio maior te deu, Elmano.
Essa chamma divina, que te abraza,
Que mandará teu nome á eternidade,
Alèm dos teus, que versos vivifica?
Se não reluz nos mais, que versos podem,
Não sendo os teus, fazer teu nome eterno?
Graças a Apollo, que a dourada lyra
Te deu, para com ella eternizares
As virtudes, e o nome de Coutinho!

Graças a Apollo, que me deu riquezas
Para fazer-te um alto donativo,
Capaz tambem de eternizar teu nome!

Pag. 87 — Epistola xviii.

Estes versos formam a dedicatoria do tomo III das «Poesias» de Manuel Maria, por elle dado á luz em 1804, a tempo que a condessa de Oyenhausen (depois marqueza d'Alorna) se achava em Londres. Esta dama agradeceu ao poeta, enviando-lhe em resposta a epistola, que começa:

Desgostosa de um mundo espedaçado,
Vagando c'o ligeiro pensamento
Nos serros, que o Peneo banha, e fecunda,
Fui buscar uma gruta accommodada
Para entregar a Phebo a mente, e as penas; —

a qual pode ler-se a pag. 34 do tomo II das «Obras Poeticas» da dicta marqueza, Lisboa 1844.

A'frente d'essas mesmas obras, hoje assás vulgarisadas, se encontra uma noticia biographica da auctora, que nos dispensa de dizermos aqui alguma cousa a seu respeito.

Pag. 88 — Epistola xix.

Tanto esta epistola, como o «Canto heroico sobre a expedição de Tripoli» saíram impressos em 1800 em folhetos separados, e acompanhados dos respectivos textos latinos.

José Francisco Cardoso, auctor d'estas duas composições, e um dos nossos bons latinistas do seculo findo, tinha exercido por mais de doze annos o professorado, regendo na cidade da Bahia, sua patria, uma cadeira de grammatica latina. Desgostoso e cançado do magisterio, e vendo cada vez mais deteriorada a sua saude, determinou-se a vir á côrte no designio de solicitar a jubilação, ou antes d'obter a transferencia para algum emprego publico, que com menor trabalho lhe facilitasse os meios de provêr á propria subsistencia e de sua familia. Apresentou as suas pretenções ao ministro respectivo, que então era D. Rodrigo de Sousa Coutinho (falecido depois no Rio de Janeiro em 1812, com o titulo de conde de Linhares). — Entre os argumentos que produzia em abono d'ellas, não se descuidava de allegar o exemplo do seu ex-collega Nicolau Tolentino de Almeida, que em tempos ainda pouco arredados, conseguira trocar a cadeira de professor de rhetorica pelo bofete de official da secretaria d'estado dos negocios do Reino. — A isso alludem claramente os versos da epistola, que se lêem a pag. 105:

E oxalá te aprouvesse, animo excelso,
Exemplo renovar inda recente!
Mas não devo esperar, obter não posso
O que outro em caso egual ha pouco obteve?
Que, se mais claros dons lhe lustram n'alma,
Não me transcende em zelo, ou no trabalho.

Pag. 108 — Epistola xx.

Esta epistola (cujo autographo temos á vista) saîu impressa em um pequeno folheto de quarto, no anno de 1802, precedendo o elogio (a que serve de dedicatoria) que Bocage compoz para solemnisar os annos do principe regente, o qual damos inserto no tomo IV da presente edição a pag. 20. — Foi escripta em nome de Simão Thaddêo Ferreira, impressor, que por esse tempo havia alcançado a nomeação de administrador geral da typographia regia, novamente organisada por decreto de 7 de Dezembro de 1801, sob os auspicios de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que pouco antes passára do ministerio da Marinha para o da Fazenda.

Pag. 109 — Idem.

. . . . . Varão prestante,
Que ao publico baixel em parte o leme
Volve egual, proveitoso, e vigilante:

Allude ao sobredicto D. Rodrigo, presidente e inspector geral da junta administrativa da Impressão regia.

Pag. 110 — Idem.

Espirito phebêo, canoro, ingente. . .

o desembargador Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, distincto poeta, nomeado director da referida junta.

Onde illustrado circulo altamente
Pensa, e resolve. . . . .

A corporação dos directores e deputados da sobredicta junta, cujos nomes omittimos por brevidade.

Pag. 111 — Epistola xxi.

Ayres de Saldanha e Albuquerque, segundo conde da Ega, falecido com 72 annos d'edade no de 1827. — Esta epistola vê-se ter sido escripta logo depois do seu casamento, contrahido em segundas nupcias, a 9 de Fevereiro de 1800, com D. Juliana (abaixo designa-

da sob o nome de Julina) filha da marqueza de Alorna D. Leonor, então condessa viuva de Oyenhausen, tambem aqui mencionada pelo seu nome poetico de Alcipe.

Pag. 114 — Epistola XXII.

Estes poucos versos, dirigidos como d'elles se vê, a implorar a beneficencia de um amigo, que já por outras vezes tinha occorrido ás urgencias do poeta, foram escriptos «de repente» em Agosto de 1804: îam acompanhados do seguinte bilhete missivo, que, bem como o autographo da epistola, pára em nosso poder, e cujo conteudo confirma o que levamos dicto: —

«Amigo. Um calo que feri me detêm em casa, razão porque não «posso buscar-te, e porque lá não fui no principio do mez. Peço-te «que me acudas com o que podéres, como tantas vezes; e crê que «sou — Teu grato amigo — *Bocage*. — 12 do presente Agosto.»

Veja-se tambem o soneto de agradecimento, dirigido ao mesmo sujeito, e inserto a pag. 255 do tomo I d'esta edição.

Pag. 116 — Epistola XXIII.

José Caldeira D'Ordaz e Queiroz, a quem foi dirigida esta epistola, havia casado em 1803 com sua prima D. Angelica, filha natural e legitimada de João D'Ordaz e Queiroz, I.º barão de Castello-novo, tenente general, e inspector da cavallaria. Por falecimento d'este em 29 de Janeiro de 1804, passára a casa e titulo para sua filha e genro.

Deduz-se evidentemente do conteudo da epistola, que esta servira como dedicatoria de obra mais extensa, e para nós desconhecida, que Bocage se preparava para offerecer ao finado; quando a sua morte veiu impedir áquelle a execução do seu designio.

Pag. 118 — Epistola XXIV.

O autographo da presente epistola tem no titulo, por letra do mesmo auctor, a usada declaração de «improvisada»: — e com effeito, não se encontram n'elle emendas, nem entrelinhas. Tambem declara ter sido escripta em 1805.

As pessoas aqui indicadas sob os nomes de Ismeno, e Armania, são: o bacharel João Vicente Pimentel Maldonado, ultimamente archivista da camara dos deputados, falecido a 8 de Fevereiro de 1838, e sua irman a senhora D. Marianna Pimentel Maldonado, ambos poetas de mui distincto merecimento, e notaveis entre os alumnos da eschola bocagiana.

Pag. 120 — Epistola XXV.

Saîu pela primeira vez impressa esta epistola laudatoria á frente

da pequena collecção de versos, que Antonio Bersane deu a luz em 1804 com o titulo de «Quadras Glosadas.» Vid. — «Annotações ao tomo II» pag. 422.

Pag. 122 — Epistola xxvi.

Esta serviu de dedicatoria do drama allegorico «A Virtude Laureada,» que juntamente com outras poesias foi impresso na officina regia em 1805, em um pequeno folheto de outavo.

Fr. José Marianno da Conceição Velloso, religioso franciscano da provincia da Conceição, do Rio de Janeiro, e celebre pelos seus conhecimentos botanicos, foi natural da capitania de Minas-Geraes, onde veiu ao mundo em 1732. Promoveu com incansavel actividade no tempo do ministerio de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a creação da officina denominada chalcographica-typoplastica, estabelecida ao principio no Arco do Cego (e poucos annos depois refundida na impressão regia) da qual sairam numerosas publicações de opusculos mais ou menos interessantes, dirigidos ao adiantamento e animação da agricultura, commercio, artes, e industria tanto de Portugal, como de seus dominios ultramarinos. Este padre, por occasião da invasão franceza, acompanhou em 1807 o principe regente na sua retirada para o Brazil; e faleceu no Rio de Janeiro.

Pag. 124 — Epistola xxvii.

A composição d'esta peça data, como se vê, do ultimo periodo da vida de Bocage, isto é, poucos mezes antes do seu obito. Quanto ao sujeito a quem foi dirigida, remettêmos o leitor para o que levâmos dicto (pag. 396, in fin.)

Pag. 126 — Epistola xxviii.

Devêmos á benevolencia do nosso estimavel amigo, o snr. A. M. do Rego Abranches Junior, a communicação d'esta epistola, até hoje inedicta, com a faculdade de aqui a incorporarmos. A copia, que elle possue, e que é provavelmente a unica que existe, achase no fim authenticada com a seguinte declaração exarada pelo proprio punho do desembargador Vicente José Ferreira Cardoso, cuja letra nos é bem conhecida: —

«Está inteiramente conforme com o autographo, que tinha o so-«bre-escripto — *Ao ill.mo sr. des.or Vicente José Ferreira Cardoso «da Costa, meu amigo e sr.* &c. &c. = da propria letra do Boca-«ge, assim como era tambem sua a do *Improviso*. Lisboa 23 de Março de 1827. — *Vicente José Ferreira Cardoso da Costa.*»

Ahi mesmo vem a resposta do desembargador Vicente José; que em obsequio aos leitores passâmos a transcrever.

RESPOSTA.

Se os vates por acaso fossem Cressos,
Se a par do genio seu luzisse o ouro,
Quem fitar poderia os olhos n'elles,
Sem que os raios da luz, que derramassem
Ao mesmo tempo o genio, e mais o ouro
A vista lhe roubassem? — Charo Elmano,
Os seus dons repartiu a Natureza:
Coube-te em sorte o genio, que eterniza
Illustres nomes de Camões, de Horacio,
E que ha de eternizar tambem teu nome.
Deixa que os outros as riquezas gosem,
Elmano sem riqueza é mais do que elles;
Nem as irmans de Phebo invejam Cressos.
Sempre ha de haver quem se honre, quando livra
Da penuria a um vate como Elmano:
E Vincenio d'esta honra cubiçoso,
Elle é quem agradece, — elle é quem ganha!

1804 — *Junho* 12.

Pag. 128 — Epistola xxix.

Se esta epistola não tivesse já apparecido á luz publica, transcripta (bem que com algumas lacunas) na «Bibliotheca Familiar e Recreativa» vol. VI, a pag. 19, talvez hesitariamos em lhe abrir logar n'esta edição, por não desejarmos ferir, nem ainda levemente, algumas melindrosas susceptibilidades: e n'esse caso prefeririamos guardal-a com muitas outras poesias de Bocage, que, como improprias para o prelo, cá nos ficam reservadas na gaveta. Porém a circumstancia de a vêrmos impressa, e com a declaração do nome do auctor, pezou em nosso animo sobre quaesquer considerações; por quanto foi nosso proposito (como já temos indicado) não omittir peça alguma entre todas as que em seu nome corressem, com certeza, ou ainda com probabilidade de lhe pertencerem.

Posto que estejamos persuadido com a opinião commum de que esta epistola é traduzida; devemos porém confessar ingenuamente que, a pezar de todas as investigações, não podémos até agora deparar com o original.

Pag. 135 — Epistola xxx.

Ainda que esta epistola não fosse jámais colligida em alguma das edições até hoje feitas das poesias de Bocage, tem sido todavia impressa (que nós saibamos) duas vezes, accusando-se em ambas o nome do traductor; a saber: a *primeira* no jornal litterario, que sob

o titulo do «Patriota» se publicou no Rio de Janeiro durante os annos de 1813, e 1814; ahi se encontra no numero 3.º (da segunda subscripção) — Septembro de 1813 — a pag. 58: *segunda* em uma folha de outavo, avulsa, tambem na mesma cidade. Pena é que o referido jornal se haja tornado rarissimo, até no Rio de Janeiro; pois que isso nos privou de examinal-o em todos os seus numeros, onde é possivel que, a exemplo d'esta, existam dispersas algumas outras producções de Bocage, com que poderiamos enriquecer mais a presente edição.

Voltando porém á epistola de que tractamos, é ella com effeito traduzida, e quasi litteralmente, de uma de Dorat. Em nossa pequena bibliotheca temos um exemplar das «Lettres Portugaises» 3.e edition — Paris 1807 — em formato de 12; e ahi vêm no fim as imitações em verso, que Dorat fez d'aquellas apreciadas cartas. A VIII d'estas imitações é a propria, que serviu de texto a Bocage para a sua versão. Eis aqui o começo d'ella:

Quoi! je ne verrai plus les yeux de mon amant!
Ces yeux où je puisois le feu du sentiment,
Qui tenoient lieu de tout à mon âme enivrée,
Et nourrissoient l'ardeur dont elle est dévorée,
Je ne les verrai plus!.. Contre moi tout s'unit...
Est-ce de trop aimer que Melcour me punit!

Pag. 141 — Satyra I.

Se por ventura emprehendermos ainda a publicação das «Memorias para a vida intima e litteraria de José Agostinho de Macedo» que desde alguns annos temos preparadas, e que colligimos, e ordenamos com porfioso trabalho sobre documentos insuspeitos, e provas não contestaveis, ahi apparecerá a toda a luz a historia das contendas entre Macedo e Bocage, e das composições com que mutuamente se invectivaram. Por agora limitar-nos-hemos ás poucas observações, que reputâmos por mais indispensaveis ao nosso proposito.

Cumpre em primeiro logar rectificarmos a inexactidão, alias desculpavel (como filha de outra commettida, crêmos que involuntariamente, pelo proprio José Agostinho a pag. 22 da «Carta de um pae para seu filho») com que na «Livraria Classica» tomo XXIV pag. 9 se assigna como epocha precisa da satyra de Macedo e resposta de Bocage o anno de 1798. — Ainda quando não soubessemos de positivo que esta polemica teve sua origem na publicação do prologo, que Manuel Maria poz á frente da traducção do poema «As Plantas» — bastaria attentar por todo o contexto das satyras ás multiplicadas allusões e referencias, que n'ellas se encontram, para qualquer se convencer de que ambas foram escriptas depois

que Bocage dera á luz as versões dos poemas — « Os Jardins, » e « As Plantas. » Ora sendo como é, incontestavel que estes foram pela primeira vez impressos na typographia chalcographica e litteraria do Arco do Cego, o primeiro em 1800, e o segundo no anno seguinte, fica demonstradamente provado que as citadas satyras não podem em caso algum ser anteriores ao anno de 1801.

Peza-nos que a falta de espaço nos impossibilite de inserirmos aqui na sua integra, não só a primeira satyra de Macedo, que provocou esta resposta de Bocage, mas a outra, com que aquelle redarguiu á « Pena de Talião: » tanto mais, que uma anda miseravelmente deturpada nas diversas edições, todas incorrectas, que d'ella se tem feito; e a segunda, além de inedicta, é tão pouco vulgar, que rarissimas pessoas terão noticia, até da sua existencia.

Pois que falamos em edições incorrectas, cabe notarmos aqui o que se passa com respeito á « Pena de Talião. »

Seis vezes (que nos conste) tem sido impressa esta satyra, a saber:

1.ª No Investigador Portuguez em Inglaterra, vol. IV, 1812.

2.ª No Parnaso Lusitano, tomo III, Paris 1826.

3.ª Em um folheto avulso, juntamente com a de Macedo, Lisboa 1838.

4.ª Na Collecção das Poesias Satyricas de Bocage, ordenada (se assim lhe devemos chamar) por Couto, 1840.

5.ª No tomo VI das Obras Poeticas de Bocage, colligidas por D. M. Leão, 1842.

6.ª Finalmente, no tomo XX da Livraria Classica, e ainda outra vez reproduzida no tomo XXIV, como mais correcta e apurada.

Pondo instantaneamente de parte a ultima nomeada, todas as outras edições têm sido com justissima causa accusadas de inexactas, e defeituosas; cabendo porém a mais aspera censura ao editor Marques Leão, que não póde obter desculpa alguma plausivel, que o releve dos erros palmares, em que caíu, mórmente tendo presente para norma da sua estropeada e vergonhosa edição o proprio autographo da satyra, que lhe foi dado pelo morgado de Assentîs, e em cujo frontispicio (como elle inculca, e nós confirmâmos por termos actualmente o mesmo frontispicio assente sobre a meza em que isto escrevêmos) se lê do punho do poeta a seguinte advertencia: « Recommendo aos copistas a attenção, cuja falta faz ás vezes ou máus, ou inintelligiveis os versos bons. »

Vamos porém á edição do sr. Castilho; queremos dizer, áquella que, depois de fazer a merecida justiça de seus antecessores, elle nos apresenta (a pag. 21 do referido tomo XXIV) como certa, e restabelecida conforme ao texto original pelo morgado d'Assentîs. Ahi mesmo continuam a apparecer visiveis incorrecções, que mal deveriam caber em tão acurado trabalho. Como estamos habituados a comprovar sempre os nossos assertos, apontaremos aqui os seguintes exemplos: — 1.º Na pag. 24 verso 17, lê-se *pinga* em vez de *pingue:* 2.º Na pag. 28 verso 11, acha-se *infesto* por *infecto:* 3.º Na pag. 29 verso 10, vem *instancia* em logar de *estancia;* etc. etc.

Pag. 143 — Idem.

Ou do bom Daniel na terrea estancia.

Allude á loja de um chapeleiro no Rocio, assim chamado, na qual José Agostinho costumava passar a maior parte das tardes.

Pag. 145 — Idem.

Não me envilece ali de um frade o soldo.

Este frade era o arrabido Fr. José Marianno Velloso, então director da officina do Arco do Cego, na qual fôra tambem impresso no mesmo anno de 1801 o poema de José Agostinho «Contemplação da Natureza» em dous cantos. A este poema se referem os versos subsequentes.

Veja-se tambem a este proposito o que se diz no «Estudo Biographico» tomo I da presente edição, pag. LI.

Pag. 149 — Idem.

Se o rival de Virgilio ouvisse os versos.

Fala do abbade Delille, auctor do poema «Os Jardins» alludindo á traducção, que elle Bocage d'esse poema fizera.

Pag. 150 — Idem.

Ousa mais; — a Lusiada não sumas.

Esta «Lusiada» que Bocage julgava sumida, foi depois publicada por José Agostinho em 1811 com o titulo de «Gama:» e passados annos refundida, e ampliada com a denominação de «Oriente.»

Pag. 153 — Idem.

Porque Delio dos «prologos» te exclue.

Conservámos assim este verso, conforme se lê na copia exactissima, que ha bastantes annos tinhamos extrahido do manuscripto autographo, antes que o morgado de Assentis, que o possuía, presenteasse com elle o livreiro Marques Leão. — Não sabemos que motivo houve o illustre editor da «Livraria Classica» para alterar o citado verso, substituindo-o pelo seguinte:

Porque do Pindo seu te enxota Phebo.

Variante que não nos parece admissivel em caso algum. O «prologo» a que se allude é o do poema «As Plantas» que foi, como já fizemos entrever, o pomo de discordia, que suscitou esta contenda. Convirá ao leitor tel-o presente, para perceber facilmente algumas passagens da satyra, que de outro modo tornar-se-hão quasi inintelligiveis.

Pag. 156 — Satyra II.

Conservou-se inedicta esta satyra até o anno de 1847, em que o sr. Castilho a inseriu no tomo XXIII da «Livraria Classica» a pag. 171 e seguintes; e ahi se encontram egualmente algumas curiosas, e menos sabidas noticias ácerca do sujeito, que Bocage houve por bem mimosear com esta producção.

O tal Saunier (que nós ainda conhecêmos) tinha sido effectivamente recluso nas prisões do castello de S. Jorge durante algum tempo por ordem do intendente Manique, a titulo de *vadio*; e se nos não falha a memoria (pelo que lêmos nos registos da antiga Intendencia) sómente alcançou a liberdade sob clausula de ir assentar praça em um dos corpos do exercito. Crêmos porém que o intendente mitigaria depois aquelle rigor, porque o homem permaneceu paisano, e só veiu por fins de 1809 a ser nomeado official de uma das legiões nacionaes, vulgo *chuços*, em que chegou progressivamente ao posto de capitão, guardando sempre o mesmo teôr de vida, e não largando jámais (afóra a inseparavel e historica gravata) um immenso chapéo com aba descommunal, ornamentado de presilha dourada, e borlas de cachos.

Pag. 161 — Apólogo I.

Por vezes temos tido occasião de notar a errada persuação em que andavam algumas pessoas, tomando por original d'este apólogo a versão franceza, que juntamente com elle se lia no tomo III das «Poesias» de Bocage, a pag. 187 e seguintes. Para desfazer esta equivocação, é mister que se saiba, que o apólogo é originariamente escripto em portuguez, sendo a traducção franceza obra do major engenheiro J. Auffdiener; a qual porém agradou tanto a Bocage, que não teve duvida em a deixar imprimir ao lado do seu texto. E como os leitores estejam na posse de ahi a encontrar, em todas as edições até agora feitas do dicto terceiro tomo, pareceu-nos que deviamos inseril-a tambem n'esta, com a presente declaração, que servirá para resalvar todas as duvidas futuras.

TRADUCTION.

Emprisonné dans la cage,
Un charmant, petit oiseau,
Déplorait dans son ramage
La perte de son berceau.

« Je suis au rang des esclaves,
(Disait l'emplumé chanteur)
Et j'ignore en mes entraves
Quand finira ma douleur.
« Revenez, heures charmantes,
Où, si fier de mes couleurs,
Je célébrais mes amantes,
En voltigeant sur des fleurs.
« Toi, qui, par mon imprudence,
M'as ravi la liberté,
Chasseur, attens la vengeance
Du juste ciel irrité.
« Loin de causer du dommage
A tes bleds, à tes vergers,
J'etais l'ame du bocage,
Et l'émule des bergers.
« Je vis de l'humble verdure,
Rebut de l'être pensant,
Roi, dit-il, de la nature,
Au créateur ressemblant....
« Toi, méchant! De Dieu l'image!
Reçus-tu de l'Eternel
Tant de raison en partage,
Pour être vain, et cruel?
« Pourquoi causer la souffrance
De tant d'êtres innocens,
Si, pour toi, l'indépendance
A des charmes si puissans?
« Quoi! De tout ce qui respire
Faut-il que l'homme, oppresseur,
Foule aux pieds, dans son délire,
La majesté du malheur!
« De droit tu parles sans cesse
A des êtres impuissans:
Vas, la tremblante faiblesse
Fait le seul droit des tyrans.
« C'est offenser le ciel même
D'opprimer les animaux:
Qui prétend au rang suprême
Doit rendre heureux ses vassaux.
« Mais contre une force impie
Nul discours n'est de saison,
Sous son joug le sage plie
Et sa tête, et sa raison. »
A sa romance plaintive
Met fin le lassé chanteur;
Et déjà du bois arrive
L'impitoyable oiseleur.

Sa chasse fut meurtriere;
Il avait orné ses flancs
De moineaux en bandouillere,
Les uns morts, d'autres mourans.
L'on dirait que, de leur aîle,
Ils veulent chasser la mort;
Vain débat, le sang ruissele,
Ils succombent sous l'effort.
A cette tragique vue,
Mû de crainte, et de pitié,
L'œil fermé, l'aîle étendue,
L'oiseau fut mort á moitié.
Bientôt, rouvrant ses paupieres.
Nôtre oiseau reprend ses sens;
Et fixant ses tristes freres,
Laisse échapper ces accens:
« Du destin le plus à craindre
Faut-il supporter la loi?
Pour se trouver moins à plaindre,
Qu'on regarde autour de soi.
« De tous les maux, qu'en sarage
L'homme me laisse à choisir,
Je préfere encor la cage:
Plutôt soufrir que mourir.

Pag. 211 — Apólogo xxviii.

Todos os apólogos incorporados no presente volume (com a unica excepção d'este XXVIII) haviam sido impressos em vida do seu auctor, e fazem parte das poesias conteudas nos tomos I e II das « Rythmas » por elle dadas á luz.

Quanto ao de que tractâmos, sómente se encontra nas denominadas « Poesias satyricas inedictas de Bocage, » impressas em 1840. Como não temos mais prova da sua authenticidade que a asserção do collector das referidas poesias, Antonio Maria do Couto, para aqui o trasladámos, sem comtudo podermos affiançar de positivo que elle seja do poeta.

Pag. 215 — Epigramma ii.

O primeiro verso d'este epigramma saíu alterado, quando seu auctor o deu a publico no tomo II das « Rythmas » imprimindo-se então *Flavio* em vez de Caldas.

Se devêmos dar credito a Bocage, a *glotoneria* era a balda mais pronunciada d'aquelle padre brasileiro. — Vejam-se a este proposito

os sonetos a pag. 341 e 354 do tomo I; — e na «Pena de Talião» os versos 19 e seguintes a pag. 151 do actual volume.

Pag. 225 — Epigramma XXII.

É dirigido contra o abbade d'Almoster, Joaquim Franco d'Araujo Freire Barbosa, denominado na Arcadia Corydon Neptunino.

Vejam-se a seu respeito os sonetos de pag. 357 a 361 do volume I da presente edição.

Pag. 235 — Epigramma XLV.

Por inadvertencia deixou de se declarar no texto, que este epigramma é traducção de outro, assás conhecido, de Ausonio:

Infelix Dido, nulli bene nupta marito;
Hoc perecente, fugis; hoc fugiente, peris.

Pag. 241 — Epigramma LXI.

José Agostinho quiz arrogar-se a composição d'estes versos. (Vid. as «Considerações mansas» etc. a pag. 18). — Mas as inexactidões comprovadas, e com visos de voluntarias, em que abunda aquelle folheto, tiram necessariamente a esta affirmativa, posto que de facto proprio, o pezo que poderia ter.

A respeito do epigramma, e do objecto d'elle, vejam-se os sonetos XLVIII e XLIX, a pag. 362 e 363 do vol. I.

Pag. 244 — Epigramma LXVIII.

Entre esta sequencia de epigrammas, que tem por assumpto o famoso narîs da estanqueira do Loreto, ha alguns de cuja authenticidade muito duvidâmos. Porém não tendo modo sufficiente para os descriminar dos verdadeiros, preferimos inseril-os seguidamente, pela mesma fórma que os encontrámos na «Livraria Classica» tomo XXIII, pag. 35 a 39.

Pag. 250. — Epigramma XC.

Diz-se que fôra composto por occasião do convite, que a Manuel Maria fizera um seu amigo, perguntando-lhe: «Se tinha vontade de comer?»

Pag. 252 — Epigramma XCIV.

Conforme J. Agostinho, esta traducção, ou antes imitação do emblema CXLII de Alciato, não é de Bocage; e sim de Manuel

Thomás Pinheiro de Aragão, que a fizera a pedido de seu primo Antonio Maria do Couto, para lhe servir de epigraphe á carta intitulada «O Doctor Halliday em Lisboa, impugnado até á evidencia» — que contra o mesmo J. Agostinho fez imprimir em Lisboa, no anno de 1812.

Pag. 253 — Epigramma xcix.

Tambem se conta (valha a verdade) que este fôra feito a Nicoláu Tolentino de Almeida, cujos pés eram descommunaes: porém como Bocage participava egualmente do mesmo defeito, diz-se que aquelle lhe retorquira com o seguinte:

Eram tres juntas de bois,
E d'aquelles mais selectos,
A puxar pelos sapatos,
E os sapatos quietos!

Pag. 256 — Epigramma cix.

Se alguem, dado á lição das poesias de Bocage, notar por ventura a falta de um epigramma, que se lhe attribue, e que já anda impresso em seu nome no IV. volume das suas obras posthumas colligidas sob o titulo de «Verdadeiras Inedictas;» responder-lhe-hemos com a anecdota seguinte, transcripta integralmente do tomo XXIII, pag. 68 da «Livraria Classica» tantas vezes citada;

«Indo um dia Bocage visitar José Bersane com os seus calções novos de seda preta, atirou-se para um canapé, que se desfazia de caruncho, e tendo além d'isso um traiçoeiro preguinho, que, logo ao primeiro movimento, de alto a baixo lhe rompeu os calções. Levantou-se Bocage desesperado, e perfilando-se com o decrepito canapé, começou a dar-lhe uma grande descompostura.

«Não tens vergonha (interrompeu Bersane) de insultar aquelle velhusco em prosa vil! Ha quanto tempo cuidas tu que eu tenho aquillo?

Fugiu do incendio de Troya,
Lá d'esse incendio voraz,
Enéas c'o pae ás costas,
E o moço co' aquillo atraz.»

— Impostura! — (redargue Bocage) Quer fazer esté diabo só da edade de Troya!

Lá que Deus formou o mundo
Em seis dias é de fé;
E ao septimo descançou
Aqui n'este canapé. —

«O mundo!... O mundo!... Pois isto é lá do principio do mundo! (interrompeu Bersane)

Inda antes d'existir mundo,
E inda antes de haver Adões,
Já eu tinha este preguinho,
Com que rompia calções.»

— Por consequencia, desenganemo-nos (torna Bocage)

Quando a velha Eternidade
Por esta casa passou,
Disse a este canapé:
«Sua benção, meu avô?»

Ainda continuaram n'este riquissimo tiroteio; mas não se conserva mais: e só d'estes epigrammas conhecêmos impresso um, de Bersane, inexactamente attribuido a Bocage.»

Até aqui o sr. Castilho. Mas o epigramma impresso, a que este sr. não póde deixar de referir-se, é exactamente o mesmo — Quando a velha Eternidade &c. — que elle tambem attribue a Bocage: — Ergo..... *rosas*, como diz em caso similhante o nosso Filinto Elysio.

Pag. 260 — Quadra Glosada III.

Tanto esta quadra, como a sua glosa, e outras, que então appareceram de alguns poetas do tempo (nomeadamente uma de Antonio Bersane Leite, que vem na sua collecção a pag. 82) foram compostas por occasião da declaração de guerra entre Portugal e Hespanha em 1802.

De todas as glosas comprehendidas n'este volume de pag. 263 até pag. 326, apenas as tres primeiras podem qualificar-se incontestavelmente de authenticas, como publicadas pelo auctor em sua vida. As demais sairam posthumas, e appareceram nos diversos tomos, que successivamente foram dados á luz por differentes editores. D'ellas temos algumas por apocryphas, e outras nos parece com bons fundamentos acharem-se mais ou menos deturpadas, por serem, — ou reproduzidas de memoria — ou copiadas de manuscriptos viciados. Entretanto o nosso proposito, já por vezes significado, de não omittir na presente edição alguma das composições que já corriam nas anteriores, obsta a que intentêmos fazer qualquer selecção, limitando-nos por isso unicamente a corregir nas impressas aquelles erros, que por manifestos e palpaveis não podem deixar de attribuir-se a mero descuido typographico. Quanto ao mais, ficam os leitores em plena liberdade de ajuizar o que melhor lhes parecer.

Pag. 346 — Cançoneta ii.

A senhora, cujo dia natalicio subministrou assumpto para esta composição, era, segundo as informações que podémos colhêr, esposa de Gregorio Freire Carneiro, amigo e valedor do poeta, e o mesmo a quem foi endereçada a epistola XXII do presente volume.

FIM DO TOMO III.

INDICE

DAS POESIAS CONTEUDAS NO TERCEIRO TOMO.

EPISTOLAS.

PAG.

I. — Elmano a Gertruria 7
II. — Elmano a Josino 14
III. — Elmano a Urselina 19
IV. — A D. Marianna Joaquina Pereira Coutinho. 23
V. — A Henrique José de Carvalho e Mello, marquez do Pombal 28
VI. — A D. Thomás Xavier de Lima, marquez de Ponte de Lima 34
VII. — A D. Pedro de Lencastre, Marquez de Abrantes 38
VIII. — A Joaquim Rodrigues Chaves 41
IX. — A José de Seabra da Silva 44
X. — A Marcia 50
XI. — A Antonio José Alvares 54
XII. — A Sebastião Xavier Botelho 56
XIII. — Ao mesmo 64
XIV. — A Analia 67
XV. — A D. João de Noronha, conde de S. Lourenço 72

PAG.

XVI. — A Joaquim Severino Ferraz de Campos... 77
XVII. — A Vicente José Ferreira Cardoso da Costa. 83
XVIII. — A D. Leonor de Almeida, condessa de Oyenhausen..... 87
XIX. — A D. Rodrigo de Sousa Coutinho..... 88
XX. — A Sua Alteza Real, o Principe Regente... 108
XXI. — A Ayres de Saldanha, Conde da Ega.... 111
XXII. — A Gregorio Freire Carneiro..... 114
XXIII. — A José Caldeira D'Ordaz, barão de Castello-novo..... 116
XXIV. — A Francisco de Mendonça Arraes e Mello. 118
XXV. — A Antonio Bersane Leite..... 120
XXVI. — A Fr. José Marianno da Conceição Velloso 122
XXVII. — A Antonio José Alvares..... 124
XXVIII. — A Vicente José Ferreira Cardoso..... 126
XXIX. — Euphrasia a Ramiro..... 128
XXX. — Euphrasia a Melcour..... 135

SATYRAS.

I. — A José Agostinho de Macedo..... 141
II. — A Antonio Crispiniano Saunier..... 150

APOLOGOS.

I. — O Passarinho preso..... 161
II. — O Lobo e a Ovelha..... 164
III. — O Amante e a Borboleta..... 167
IV. — O Corvo e o Rouxinol..... 170
V. — As Damas e a Borboleta..... 113

PAG.
VI. — O Leão vencido pelo Homem..... 175
VII. — A Rapoza e as Uvas..... 176
VIII. — O Corvo e a Rapoza..... 177
IX. — A Cigarra e a Formiga..... 179
X. — A Montanha que pare..... 181
XI. — O Leão velho..... 182
XII. — O Leão caçando com o Burro..... 183
XIII. — O Cão e a cadella..... 185
XIV. — O Corvo e o Pavão..... 186
XV. — O Cão de fralda e a Rapoza..... 187
XVI. — O Macaco declamado..... 189
XVII. — Os dous Burros e o Mono..... 190
XVIII. — Os Cães domesticos e o Cão montanhez.... 192
XIX. — O Lobo, a Rapoza, e a Ovelha..... 194
XX. — O Tigre e a Doninha..... 197
XXI. — Os dous Cães..... 200
XXII. — O Elephante e o Burro..... 202
XXIII. — A Mona e o Filho..... 204
XXIV. — O Papagaio e a Galinha..... 205
XXV. — A Macaca..... 207
XXVI. — O Leão e o Porco..... 208
XXVII. — Os dous Gatos..... 209
XXVIII. — O Rouxinol, o Cuco, e o Burro..... 211

EPIGRAMMAS.

Vão numerados de I até CIX, e comprehendidos de PAG. 215 a 256
Madrigaes (I e II)..... 257

PAG.
Epitaphios (I e II)..... 258
Improviso..... 259

QUADRAS E MOTES GLOSADOS.

Quadras glosadas (I a X)..... de pag. 263 a 282
Motes glosados (I a XLVIII)..... 283 a 336

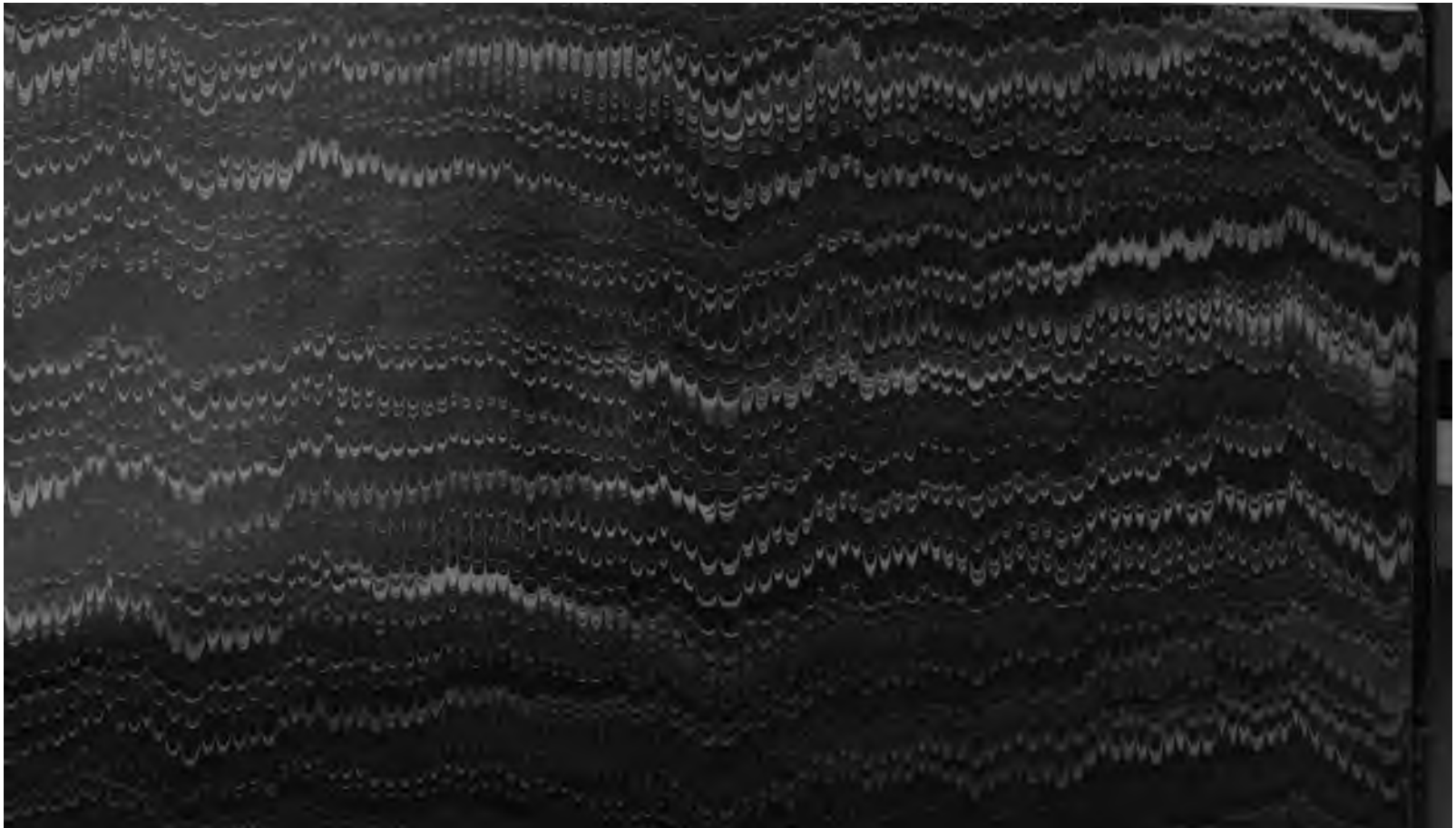
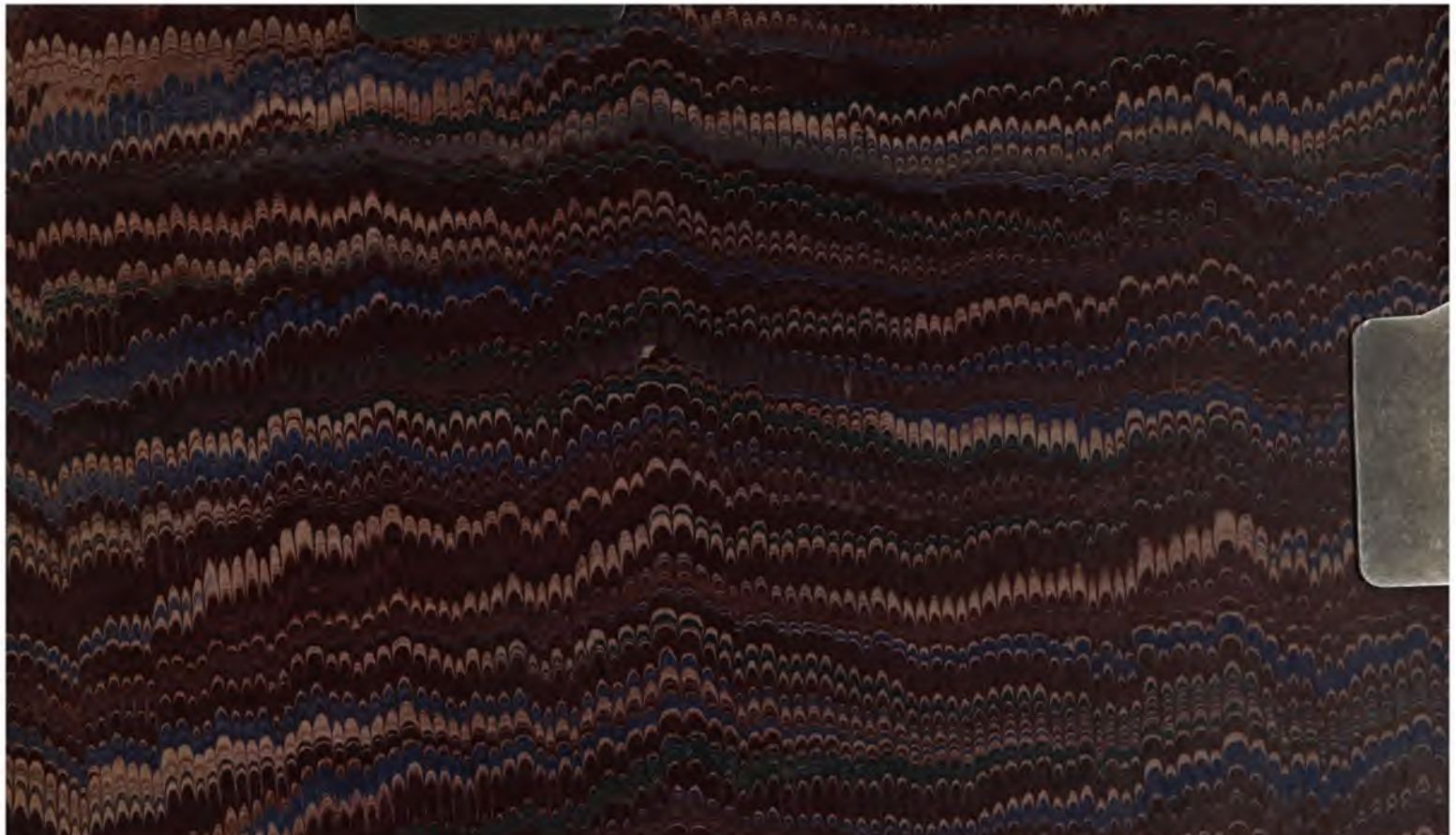
ALLEGORIAS.

I. — A Anarda..... 337
II. — O Zephyro e a Rosa..... 341

CANÇONETAS.

I. — A Armania..... 343
II. — Aos annos de uma senhora..... 346
III. — A Rosa..... 352
IV. — Filis e Amor..... 354
V. — A Noute..... 356
VI. e VII. — Bacchicas..... 361

ENDECHAS.

I. — A Armia..... 364
II. — A Gruta do Ciume..... 374
Retratos (I e II.)..... de pag. 378 a 383
Quadras..... de pag. 384 a 390
Adivinhações..... 391
Annotações..... 393

T 13